

Universidade Do Estado Do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia



Thaís da Silva Mendonça

Saíram da cozinha, mas não pra cair no samba: A
história de como mulheres negras perceberam que seus
lugares são na sala de aula.

Belém-Pa
2015

Thaís da Silva Mendonça

Saíram da cozinha, mas não pra cair no samba: A
história de como mulheres negras perceberam que seus
lugares são na sala de aula.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob a Orientação da Prof^a Dr^a Lucélia de M. B. Bassalo.

Belém-Pa

2015

Dados Internacionais de Catalogação na publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Mendonça, Thaís da Silva

Saíram da cozinha, mas não pra cair no samba: a história de como mulheres negras perceberam que seus lugares são na sala de aula. / Thaís da Silva Mendonça; Lucélia de M. B. Bassalo. Belém, 2015

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015

1. Professores – Formação. 2. Negros – Educação. 3. Mulher – Educação.
5. Professores negros. I. Bassalo, Lucélia de M. B. (Orientador). II.

Título.

CDD: 21

ed. 371.12

Thaís da Silva Mendonça

Saíram da cozinha, mas não pra cair no samba: A
história de como mulheres negras perceberam que seus
lugares são na sala de aula.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia, do Centro de Ciências Sociais e
Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob a
Orientação da Prof^a Dr^a Lucélia de M. B. Bassalo.

Data da aprovação: 22/06 /2015

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Lucélia de M.B. Bassalo

Prof^a Ms. Francisca Guiomar Cruz

Aos meus pais, pela vida, pela oportunidade...
Pelo amor. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Há quatro anos decidi embarcar em uma viagem chamada “licenciatura em Pedagogia” e há um ano entrei em um barco chamado “Trabalho de Conclusão de Curso” que, juntos, transformariam o rumo da minha vida pessoal e acadêmica. Jamais teria conseguido lograr êxito nestas navegações sem a confiança, apoio e auxílio daqueles que foram a mola propulsora de cada passo, e por isso, estou aqui para agradecer.

Primeiramente à Deus, que me presenteou com a vida e me concedeu saúde e perseverança para iniciar e concluir essa viagem.

Aos meus pais, Kelly e Álvaro, pela incansável crença no meu potencial e consequentemente no meu sucesso, muitas vezes antes de mim. Pela oportunidade de remar até aqui e mais importante, por não permitirem que eu o fizesse sozinha. Pelo incentivo e palavras de apoio nas madrugadas não dormidas e pelos risos nos dias bem vividos. Pela atenção, pela sabedoria compartilhada, pelo exemplo, por me permitirem navegar e sempre ter onde atracar... Por todo amor, por tudo.

Aos meus avós, por gerarem as pessoas que mais amo, pelo amor compartilhado, pelas histórias contadas e por darem início àquilo que é o mais importante de tudo: minha família.

Aos meus irmãos, Ana Carolina e Tiago, pela construção de um laço que vai muito além do sanguíneo, pelo companheirismo de sempre, pelo apoio, pela confiança e por serem irmãos no sentido figurado e literal.

À minha sobrinha e afilhada Júlia, por alegrar os dias e adocicar a vida.

Aos amigos, pelos momentos de descontração, palavras de incentivo, histórias vividas e recordações criadas.

Aos mestres que tive no decorrer da vida, por conduzirem-me, indiretamente, à essa escolha profissional. Em especial à minha orientadora, Lucélia Bassalo, pelo exemplo de profissionalismo, pelo conhecimento compartilhado, pelo acolhimento acadêmico, pelas incansáveis leituras e pela crença neste trabalho.

À Universidade do Estado do Pará, por abrir suas portas e virar o leme da minha embarcação, transformando-me em uma educadora.

À educação, por me escolher e não desistir de mim, por me fazer confiar na construção de uma sociedade melhor e por me fazer ancorar alguns sonhos nisso.

Ao tempo, que agiu de forma precisa quando teimou em voar e me encaminhou para mais esse cais.

À todos que direta ou indiretamente colaboraram e contribuíram para que esse trabalho fosse realizado e a minha graduação concluída...

O meu muitíssimo obrigada!

Quando você sonha, a razão dorme e o coração acorda.
Então, deixe o seu coração guiar você.
Ele é o único que pode, um dia,
Levá-lo até o maior sonho da sua vida.
(Ique Carvalho)

RESUMO

MENDONÇA, Thaís. **Saíram da cozinha, mas não pra cair no samba:** A história de como mulheres negras perceberam que seus lugares são na sala de aula. 2015. 127f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia)- Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

O presente trabalho de conclusão de curso foi um estudo de caso, intrínseco exploratório, com abordagem qualitativa, de história de vida, com a técnica de entrevistas narrativas, realizada em uma instituição de ensino superior da cidade de Belém. Inicialmente uma consistente discussão teórica baseada em autores como Bauer e Gaskell (2002), Domingues (2005 e 2007), Freire (1987, 1996, 1997, 2000), Gomes (2011 e 1996), Gonzales (1984), Louro (2007 e 2008), Saviani (2005), Scott (1989 e 1999), entre outros. Em seguida com análise dos dados obtidos, a pesquisa em questão abordou três variáveis facilmente encontradas e raramente discutidas na universidade na qual estou inserida: gênero, educação e negritude. Os sujeitos da pesquisa, foram três professoras autodeclaradas negras, na faixa etária de 30 à 65 anos, como informantes centrais da pesquisa. Estabeleceu-se o objetivo geral de compreender a realidade acerca de como ocorre o processo formativo de mulheres autodeclaradas negras, como elas chegaram ao cargo de professoras universitárias e o que lhes motivou à optar por essa carreira, propósitos que foram alcançados, e superados, quando através da fala das docentes se fez possível ter conhecimento sobre a história pessoal, acadêmica e profissional delas, identificando as suas particularidades, quando através do registro das histórias das suas vidas, se fez possível um debate entre gênero, raça e educação no que concerne ao ingresso dessas docentes no ensino superior, assim como suas visões sobre preconceito, cotas raciais e educação.

Palavras-chave: Negritude; Docência; Gênero; Trajetória docente; História de vida.

ABSTRACT

MENDONÇA, Thaís. **Saíram da cozinha, mas não pra cair no samba**: A história de como mulheres negras perceberam que seus lugares são na sala de aula. 2015. 127f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia)- Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

This course conclusion work was a case study, intrinsic exploratory, with qualitative approach, life story, with technique of narrative interview, given in university of the Belém city. Initially consistent with theoretical discussion lined in authors as Bauer e Gaskell (2002), Domingues (2005 e 2007), Freire (1987, 1996, 1997, 2000), Gomes (2011 e 1996), Gonzales (1984), Louro (2007 e 2008), Saviani (2005), Scott (1989 e 1999), among others and then with data analysis, the research in question addressed three variables easily found and rarely discussed: gender, education and blackness. The subjects of study were three black self-declared teachers, aged 30 to 65 years, as central informants for research. It was established the general objective to understand the reality about how occurs the formation process of self-declared black women, how they got university professors and what motivated them to choose this career purposes that were reached, and overcome, because through their speech of teachers became possible to get knowledge about personal, academic and professional history of them, identifying their characteristics, when by recording the stories of their lives, it was possible a debate between gender, race and education regarding the entry of those teachers in the educational setting in which they operate, their views about prejudice, race and education quotas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
------------------------	-----------

I - UM TOUR PELA HISTÓRIA NEGRA E SUA BUSCA PELA LEGITIMAÇÃO DO DIREITO DE SER IGUAL

1.1 Do popular ao dicionário: uma definição de conceitos básicos	22
------------------------------------------------------------------------	----

1.2 Afrodescendência: Um pouco da história do negro no Brasil.....	25
--------------------------------------------------------------------	----

1.3 Movimento Negro	29
---------------------------	----

II – A SIMBOLOGIA DA MULHER

2.1 Mulher: uma construção cultural histórico-social.....	31
-----------------------------------------------------------	----

2.2 Realeza? Só no carnaval: Mulheres negras e o duplo preconceito..	35
----------------------------------------------------------------------	----

III – RAÇA, GÊNERO E EDUCAÇÃO

3.1 Educação e seu papel na busca da emancipação negra.....	39
-------------------------------------------------------------	----

3.2 Mulher e docência.....	44
----------------------------	----

3.3 A negritude feminina na educação.....	45
-------------------------------------------	----

IV- SOU PROFESSORA, SOU NEGRA: TOMANDO CONHECIMENTO SOBRE AS INFORMANTES

4.1 O doce sabor do êxito: A trajetória de Lindinha.....	50
----------------------------------------------------------	----

4.2 O tempero do sucesso: A bravura no percurso de Docinho.....	53
-----------------------------------------------------------------	----

4.3 Ter tudo que há de bom é triunfar: A história de Florzinha.....	56
---------------------------------------------------------------------	----

V- QUANDO A DOCÊNCIA ESCOLHE, A EDUCAÇÃO ESCURECE:

NARRANDO TRAJETÓRIAS

5.1 Não sou desenho animado, mas tenho superpoderes: Prazer,
educação! 60

5.2 Educação: um substantivo feminino que não tem sexo..... 64

VI- A EDUCAÇÃO DESBOTOU? VAMOS ENEGRECÊ-LA

6.1 Uma parte? Não, obrigada, eu quero igualdade: Visões sobre cotas
raciais..... 72

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 74

APÊNDICE..... 79

ANEXOS..... 82

REFERÊNCIAS 124

INTRODUÇÃO

O curso de Ensino Superior possui inúmeras funções, dentre elas a de despertar a curiosidade e instigar a pesquisa acerca de assuntos relevantes para a formação intelectual, cultural, educacional e moral de seus discentes, ao mesmo tempo em que oportuniza, a estes, a chance de aprofundar conhecimentos já adquiridos e também estudar novos temas de seu interesse.

A graduação na área de educação possibilita o relacionamento com indivíduos do mesmo tecido social, ou não. Essa relação oferece a ambas as partes uma humanização, quando proporciona ao graduando uma aproximação da realidade que o cerca com a teoria aprendida e apreendida em sala de aula.

A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 1987, p. 45).

Se a temática estiver vinculada com seu cotidiano, o aprendizado se faz muito mais eficiente, sem esquecer-se de que através do trabalho da pesquisa acadêmica, se faz possível contribuir para a transformação da realidade e a ultrapassagem de práticas nocivas à vida em sociedade.

Com a intencionalidade de buscar conhecer a realidade dos sujeitos desse estudo e modificar pensamentos, realizou-se uma pesquisa que abordou sujeitos de capacidade ímpar no que concerne a mudança no processo histórico de aquisição de posição docente nas instituições de nível superior: as mulheres negras. Estudá-las a partir da ótica das mesmas, proporcionou uma proximidade e intimidade de quem fala com quem ouve. Saber seu ponto de vista com relação às questões intrínsecas a sua atividade como docente ofereceu um enriquecimento inenarrável ao estudo da temática.

A presente pesquisa se propôs a realizar um estudo sobre a trajetória docente, seus acertos e dificuldades, de professoras autodeclaradas negras e que exercem o magistério no Ensino Superior, em Belém, no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, no período compreendido entre 2005-2015.

A motivação para estudar esse tema surgiu a partir de uma espécie de *insight*, quando me dei conta de que este fazia parte da minha história pessoal e

familiar. Filha e neta de professoras negras, fez com que eu voltasse meu olhar para a história de outras docentes e, indiretamente, conduziu-me à buscar que aprofundassem a compreensão sobre a docência de mulheres também negras. Digo que direcionou-me pelo exemplo que tive em casa, no decorrer da vida. Conhecer um pouco do processo histórico da trajetória docente de mulheres negras, me ofereceu uma oportunidade de conhecer também a história de mulheres, como minha mãe e avó, que fizeram da docência sua profissão e seu modo de vida e, assim, ter noção de como é possível que atualmente, eu, jovem, negra, esteja inserida em um curso superior de educação e aluna de uma universidade pública.

Pode-se citar um motivo amplo pra estudar a mulher brasileira: ela constitui a maior parte da população do Brasil, segundo os dados do Censo 2010 (IBGE). O principal fator para realizar esta pesquisa sobre a temática do gênero feminino é o fato de ser mulher. Filha, irmã, estudante, sonhadora e a favor de uma sociedade livre do sexismo e do estigma sexual, enfim, do que impõe-se pelo fato de ter nascido pertencente ao sexo feminino. Estudar a mulher em suas diversas singularidades é aspirar uma sociedade que abandone a concepção retrógrada de que o lugar da mulher é atrás do homem, dando apoio pra que ele cresça, cuidando da casa e dos filhos, percebendo que:

Com o passar dos anos a distinção entre gêneros se baseou nas concepções de masculinidade e feminilidade, entendidas em termos estritos. Estas sublinhavam que a identidade de homem e mulher se dava através da aceitação consciente do sexo biológico (FORMIGA; COLS, 2002, p. 104).

A pretensão de falar da mulher como sujeito construtor de sua história e também como personagem sócio-histórico-cultural, se deu por uma necessidade de compreender que a noção da luta feminina não se dá somente em busca da igualdade de direitos, ampliando-a em prol do reconhecimento da não existência da diferença entre gêneros, eles são iguais, equivalentes e idênticos. E, pela tentativa de superar o estigma de inferioridade feminina, facilmente encontrado no cotidiano:

Muitos defeitos que lhes censuram — mediocridade, pequenez, timidez, mesquinaria, preguiça, frivolidade, servilismo — exprimem simplesmente o fato de que o horizonte lhes está barrado. A mulher é, dizem, sensual, chafurda na imanência; mas antes de mais nada aí a encerraram. (BEAUVOIR, 1967, p. 369).

Filósofos e religiosos, representantes de períodos mais longínquos, alegavam que existia uma dupla concepção feminina, no momento em que ela é considerada santa ou pecadora. Esse imaginário se deve ao fato de que eles acreditavam na ideia de que a mulher era um ser inferior, submisso, ao mesmo tempo em que tinha um forte apelo sexual, possuindo uma postura libidinosa capaz de corromper os homens, enquanto o mesmo era detentor da razão, como vemos em:

A fêmea é fêmea em virtude de certa falta de qualidades. A mulher é mais vulnerável à piedade. Ela chora com maior facilidade, é mais chegada à inveja, à lamúria e à injúria; facilmente se deixa abater pelo desespero. É menos sanguínea que o homem. Tem menos pudor e ambição. É menos digna de confiança. (ARISTÓTELES apud ALAMBERT, 1986, p.2).

Esse pensamento gerou um condicionamento cultural presente até os dias de hoje, no momento em que a discriminação possibilita a formação de padrões e aceitação destes por toda sociedade. Sujeitos são formados com essa noção de discriminação e diferenciação altamente fixada em seu pensamento e este, por sua vez é facilmente tido como natural.

É importante destacar que, a noção de que a mulher é submissa, não vale apenas para as mulheres brancas, muito pelo contrário. As mulheres negras sofrem uma dupla discriminação, a primeira por ser mulher e a segunda por ser negra. O conhecimento dessa situação originou a motivação de estudar a mulher negra, pois se percebe que no Brasil, entre os que se declaram pretos e pardos, destes 49,99% (IBGE) são mulheres. Por menor que seja a diferença numérica de indivíduos que se autodeclaram pretos ou pardos no país, é inegável a importância da população negra para a construção da sociedade brasileira.

Decidi estudar a negritude feminina por fazer parte da minha realidade. Conhecer a história negra no Brasil sempre foi um prazer, um passatempo, agora é um compromisso comigo, com quem irá ler meu trabalho e principalmente com a minha formação. Pesquisar a negritude feminina, também se refere ao fato de crer que também é minha a responsabilidade da construção de uma sociedade mais igualitária e menos discriminatória, responsabilidade esta que puxo uma parte para mim por acreditar que tenho obrigação de dar uma resposta positiva àqueles que custearam minha formação intelectual, ou seja, a população.

O Brasil é um país multicultural e altamente miscigenado o qual, infelizmente, possui uma discriminação racial e social enraizada no pensamento popular, que remonta a períodos anteriores à abolição da escravatura. Entretanto, facilmente encontramos nos dias atuais, o chamado “racismo velado”, aquele oculto no discurso de que a sociedade brasileira não é discriminante, “o Brasil é o país da segregação racial não declarada. Todos os indicadores sociais ilustram números carregados com a cor do racismo” (DOMINGUES, 2005, p. 165).

Hodiernamente existem as ações afirmativas, as quais são medidas políticas e sociais que visam diminuir as disparidades sociais e amenizar os danos causados por pessoas cuja mentalidade estava carimbada da noção de que grupos considerados dominantes poderiam utilizar, através das relações de poder econômico, cultural e racial, mecanismos que confirmassem sua suposta superioridade, ratificando a supremacia das ideologias dominadoras. Tais ações estabelecem uma longa e calorosa discussão acerca da justificativa das mesmas, “entre as políticas de ações afirmativas que vêm sendo experimentadas no Brasil, a mais polêmica é o programa de cotas para negros” (DOMINGUES, 2005, p. 166).

A mulher negra é usualmente retratada pejorativamente em músicas, falas e na rotina diária das pessoas e que ainda mais facilmente é estigmatizada. Em muitos discursos é associado à ela o trabalho doméstico, sexual e artístico. É a que mais sofre uma violência simbólica somente por causa da pigmentação de sua pele. O imaginário masculino sobre a exuberância corpórea dessas mulheres, faz com que seus corpos sejam fontes de apelos sexuais e um endeusamento carnavalesco, reduzindo-as à isso:

É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito (GONZALES, 1984, p. 228).

Tidas como musas inspiradoras, atribui-se a elas um papel extremamente superficial. Dando-lhes o conceito de incapacidade intelectual não podendo de se equiparar às demais mulheres e aos homens. São prejudicadas no ingresso ao mercado de trabalho e também na questão salarial, sofrem racismo institucional, social, são marginalizadas e estigmatizadas. A luta das negras vai pelo reconhecimento de que seus corpos não se resumem à abundância física, mas também a abundância cognitiva.

Creio que a parte mais fácil de justificar seja a que vou abordar agora: o porquê de falar de docência. Esta, que, não foi minha primeira opção do início da vida adulta, quando em uma tela de computador me vi tendo que escolher que profissão seguiria. Foi a segunda. O fato de ser filha e neta da educação e negritude, inconscientemente, foram determinantes para minha escolha, pois encontrei no momento do vestibular um modo de homenagear àquelas que foram e são, minhas referências, as primeiras professoras que conheci. E, do mesmo modo que ambas me acolheram após a não concretização dos meus planos iniciais, o magistério tomou-me em seus braços e fez de mim uma pessoa mais humana, mais crente no potencial da sociedade e, principalmente, mais convicta de que ser escolhida é muito melhor que escolher. Fui escolhida pela docência. E há quatro anos, a aceitei e a escolhi também.

A educação é capaz de transformar mentes, moldar sujeitos e formar indivíduos dotados de discernimento crítico sobre aquilo que os cerca. Mudar a relação de dominação vigente, como se vê no trecho a seguir:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, teria, pois, dois momentos distintos, ainda que inter-relacionados. O primeiro, no qual os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e se vão comprometendo, na práxis, com sua transformação, e, um segundo em que, uma vez transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens no processo de permanente libertação (FREIRE 1987, p. 23).

A sua ausência aprisiona, já a sua presença liberta, "se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda." (FREIRE, 2000, p. 31). E, como futura pedagoga, creio que, através dela, se pode imaginar uma sociedade livre do preconceito em todas suas facetas.

Combinando essas motivações, busquei pesquisar a mulher negra no campo do magistério pela curiosidade de como se deu seu trajeto na constituição da docência. Se houve dificuldades relacionadas à cor da pele ou ao sexo no decorrer de sua vida estudantil e profissional. A curiosidade pela história de vida do outro, com característica, prematuramente falando, similares as minhas, fez com que meu interesse pela temática fosse despertado e posto em prática.

Cresci ouvindo inúmeras situações sobre a vida docente da minha mãe e avó. O tempo de aumentar o meu "balaios" de histórias chegou quando a partir deste trabalho também escutei histórias de outras professoras negras que atuam no

ensino superior. Estudei mulher e negritude, também pelo fato de ser uma forma encontrada de conhecer um pouco mais a sociedade e a realidade na qual estou inserida, a partir da visão de exemplos notórios de sujeitos que possuem características que possibilitaram a presente pesquisa.

Ler e buscar aprender sobre negras na docência, me proporcionou uma gama de conhecimentos indispensáveis para a minha formação intelectual, possibilitou-me crescimento pessoal e profissional. Fazendo com que eu e quem for ler estas linhas aqui escritas, assumam uma noção simples e de fácil assimilação sobre o tema.

A importância dessa pesquisa excede os muros e cadeiras da Universidade, no momento em que proporciona à sociedade um quadro que revele a formação docente de professoras negras de uma determinada instituição de ensino superior pública, além de possibilitar o acesso à informações a respeito da história de mulheres cuja cor da pele é maioria no Brasil, que sofreram e ainda sofrem preconceitos em todas as esferas sociais. Contribuir para diminuir a imagem comercial que elas possuem, de exuberância física e déficit intelectual. Sua relevância para a instituição está na abordagem de um assunto relativamente recente e de extrema importância para compreensão de que a diferenciação da coloração corpórea, da renda e do sexo das pessoas, deveria ser realizada apenas em quesitos anatômicos e biológicos e também por não haver trabalhos acerca da temática na Universidade em que estou inserida. Além de tratar sobre educação, história e diversidade.

Na contemporaneidade são vários discursos que abordam a questão do gênero e da raça. Porém, pouco se discute acerca do que ocasiona possuir essas duas características dentro de um espaço com finalidades educativas. Como se estabelece o ingresso, o desempenho e a permanência das pessoas que foram estudadas, em uma visão sobre a docência. Dados de institutos governamentais oficiais dão um norte para iniciar o processo de compreensão do que significava (e significa atualmente) ser negra e mulher só que com um olhar mais voltado para os educandos, esquecendo-se de tentar verificar o que levou esse sujeito histórico à optar pela carreira do magistério e os obstáculos encontrados no meio desse processo.

A arrogância e prepotência humana, desde os tempos mais antigos, leva-o a crer que existe uma dominância e superioridade ligada às questões físicas e anatômicas. São inúmeros os casos históricos de conflitos pela crença nessa

concepção. Aqueles que são marginalizados e discriminados levam para o resto de suas vidas e das gerações que se seguem, marcas de algo que não deveria existir: o preconceito.

O racismo leva o ser humano a acreditar que a cor da pele seja requisito de superioridade ou inferioridade. O sexismo leva-o a aceitar como verdade que o sexo é determinante para a diferenciação das pessoas. A junção desses dois conduz a uma forma perversa de discriminação contra aquelas que sempre foram estigmatizadas e postas de lado pelas sociedades, nos mais diversos períodos: a mulher negra.

No que se relaciona à elas, na educação, é possível existir uma explicação (jamais uma justificativa) de como se deu o processo histórico de aquisição de seu espaço no campo educacional. Entretanto, voltando-se mais para a contemporaneidade, se fez passível de realização um estudo sobre mulheres negras atuantes no ensino superior nos tempos de hoje.

Em decorrência disso, respondeu-se no corpo do trabalho a seguinte pergunta: como ocorreu o processo de formação profissional, os acertos e as dificuldades, de mulheres autodeclaradas negras que escolheram a docência como profissão?

Com a finalidade de responder tal questionamento, foi estabelecido alguns objetivos, como o de compreender a realidade acerca de como ocorreu o processo formativo de mulheres autodeclaradas negras, como elas chegaram ao cargo de professoras universitárias, o que lhes motivou à optar por essa carreira e, se elas creem que foram vítimas de algum tipo de preconceito, sendo este velado ou não. Identificar as particularidades das mulheres estudadas e a existência, ou não, de dificuldades de ingresso no cenário educacional em que se encontram.

Ou seja, conhecer as professoras além da superfície que proporciona os questionamentos formais sobre sua vida profissional, entendendo que são mulheres com um indiscutível currículo intelectual, esclarecidas acerca da realidade que lhes cerca e, principalmente, como mulheres negras passíveis de enfrentar dificuldades, sem, contudo, poder afirmar que isso ocorreu.

Adestrada para exercer uma atividade profissional, o que poderia significar um importante passo para a sua emancipação, defronta-se com sérias dificuldades para integrar-se plenamente no mercado de trabalho (ALBARNOZ; CARRION, 1985, p. 41),

Isto pode se tornou possível, através de uma discussão da relação entre o gênero e raça negra, desconstruindo teoricamente a concepção de que a mulher negra é sinônimo de abundância corporal e sexualidade aflorada como é facilmente encontrado em músicas e poesias, mesmo que sua esteticidade, de pele escura e cabelo crespo, fuja do padrão branco e olhos claros europeu. Ao mesmo tempo em que é amplamente conhecida a designação comum à estas, do trabalho doméstico.

[...] Não fomos vencidas pela anulação social
 Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial
 O sistema pode até me transformarem empregada
 Mas não pode me fazer raciocinar como criada
 Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo
 As negras duelam pra vencer o machismo,
 o preconceito, o racismo
 [...]
 Não existe lei Maria da Penha que nos proteja
 Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza
 De ler nos banheiros das faculdades hitleristas:
 Fora macacos cotistas
 Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão
 Mas na lei dos justos sou a personificação
 da determinação [...] (MULHERES NEGRAS – YZALÚ)¹

A mulher negra é quem mais sente os impactos e as consequências dessa discriminação, seja no contexto profissional, educacional ou pessoal. É na maioria das vezes tida como o rosto comercial de mulher com corpo voluptuoso, mercadológico, que chama atenção por seus aspectos físicos. Porém, esse estigma, de que a mulher preta ou mulata (filha de pais branco e preto conjuntamente), só serve para trabalhar em serviços do lar ou em ambientes voltados para o entretenimento, já está marcado no comportamento social de várias camadas da população.

Assim, meu interesse voltou-se para o ato de registrar a história de vida de professoras negras que trabalham no ensino superior da cidade de Belém, entre anos de 2005 a 2015. Esse registro obtido pela fala das próprias docentes, por como se entendem como sujeitos históricos e sociais, transmissor de conhecimentos e ideologias pela carreira profissional escolhida. Foi, basicamente, ouvir como elas relacionam sua identidade negra com todos os âmbitos da vida, com ênfase, é claro, nos processos educacionais próprios e mais gerais.

¹ Yzalú. Mulheres negras. Música disponível em: letras.terra.com.br

Os sujeitos dessa pesquisa são agentes modificadores a situação subalterna que lhes é destinada socialmente, a quem é dado o fardo de ser excluída do seio dos principais âmbitos da sociedade. Dominação que vai muito além da mera condição econômica e cultural, chegando a ser uma relação de supremacia do gênero masculino. A transformação que eles são capazes de realizar, se encontra no campo educacional.

A educação não se molda apenas como uma receptora dos processos discriminatórios, mas também como um mecanismo de reprodução dos mesmos, quando permite que a equidade de direitos garantida por lei não seja posta em prática. No que concerne à prática educacional, histórica e atual, fica evidente a emergência de uma igualdade de condições para a realização de práticas de ensino fica visível quando:

Estabelecem-se expectativas e funções diferentes para eles e para elas:

são incumbidos de tarefas de algum modo distintas, separados por gêneros [...], tratam de saberes diferentes [...], recebem salários diferentes, disciplinam de modo diverso seus estudantes, têm objetivos de formação diferentes e avaliam de formas distintas. (LOURO, 2007, p.95-96).

Ao propor investigar a trajetória docente de algumas professoras autodeclaradas negras, me dispus a analisar e tentar entender como ocorreu (e continua ocorrendo) o processo de construção e desconstrução da identidade das mesmas, como lidam com a diversidade seja ela de gênero, profissão, cor da pele, classe econômica.

Bourdieu (1986) faz uma ressalva ao pesquisador para não deturpar a história de vida, transformando-a em senso comum. A noção desse tipo de trabalho não se restringe a uma sequência lógica e cronológica de acontecimentos ordenados, ao mesmo tempo que não se fecha à narração coerente numa ordem “de acontecimentos com significados e direção” (apud Nascimento, 2012, p. 15).

Nessa perspectiva, trabalhar com a história de vida de pessoas, é buscar conhecer uma sequência de fatos dentro do espaço social destas, que foram responsáveis pelo acesso ao ponto norteador das indagações do trabalho, metodologicamente falando, após a escolha do tema, formulado o problema, elaborado o projeto de pesquisa, estabelecido o referencial teórico, os documentos que foram utilizados e a escolha daquelas que vieram a ser participantes desse trabalho.

A história de vida proporciona a quem pesquisa e também a que lê os resultados da mesma uma visão real e interna da temática tratada, pois a partir da ótica dos colaboradores se pode enxergar a verdadeira importância dada, por eles mesmos, à acontecimentos impressões e experiências. Dando ao pesquisador um papel coadjuvante, de ouvinte, de instigador.

Esta pesquisa orientou-se pelo tipo de pesquisa, estudo de caso, intrínseco exploratório, com abordagem qualitativa, de história de vida, com a técnica da entrevista narrativa. Realizada em uma instituição pública de ensino superior da cidade de Belém, no Estado do Pará. Os sujeitos da pesquisa, foram professoras autodeclaradas negras, na faixa etária de 30 à 65 anos, como informantes centrais da pesquisa.

Os dados orais foram coletados por meio da técnica de entrevistas narrativas, as quais deram ao entrevistado liberdade e autonomia para tratar de assuntos pertinentes à temática da pesquisa, não possuindo estrutura fixa e fechada, perpassado por um caráter de contação de histórias e fugindo da solidez dos questionários impositivos.

A entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje estimule o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social [...] Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível (BAUER; GASKELL, 2002, p. 93)

A análise das informações angariadas por meio das entrevistas narrativas foi realizada por meio de uma discussão dos mesmos com o referencial teórico escolhido e interpretação do que foi relatado. A fim de estabelecer um paralelo entre a história geral e a vida de cada um, especificamente da teoria com a realidade.

I. UM TOUR PELA HISTÓRIA NEGRA E SUA BUSCA PELA LEGITIMAÇÃO DO DIREITO DE SER IGUAL

Historicamente a população negra esteve às margens da sociedade, tendo condições econômicas, de oportunidades de acesso à educação e saúde, inferiores as dos brancos. Em nenhum momento no início da formação da sociedade brasileira houve sequer uma política de inclusão social da população negra para que a mesma pudesse superar a condição segregada em que estava imersa, fosse relacionada à moradia, donde surgiram as favelas e periferias, ao mercado de trabalho, em que eram operários mal remunerados e à educação, onde o ingresso era rígido e a permanência mais difícil ainda.

O Brasil agora é em sua maioria negro, de acordo com dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. De 190.755.799 de brasileiros entrevistados, residentes no país, 97.171.614 pessoas se declaram pretos ou pardos, superando em 6.550.333 o número de pessoas autodeclaradas brancas. A possibilidade de uma democracia racial e assim, da construção de uma sociedade mais igualitária e justa, ainda é a luta de muitos. No decorrer dos anos, a banalização do preconceito e o “esquecimento” de que há uma dívida histórica a ser paga, faz com que a intolerância seja encontrada até hoje, muitas vezes em forma de racismo velado e, em muitos casos, institucionalmente, na preferência de atendimento em instituições públicas aos indivíduos de cor branca, em detrimento dos demais.

1.1. Do popular ao dicionário: uma definição de conceitos básicos

De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra “negro” possui quinze significados, em sua maioria de caráter negativo, relacionados á infelicidade e escuridão, e apenas duas se referem ao indivíduo “de pele muito escura” e “escravo de pele escura”. Já a palavra “preto” contém sete determinações e destes apenas um está relacionado ao ser humano quando se refere a “indivíduo de pele negra”. Por fim, a palavra “raça” detém oito sentidos amplos e diversos e, no que concerne a pessoas, os mais expressivos são: “grupo de indivíduos cujos caracteres biológicos são constantes e se conservam pela geração: raça branca, raça amarela, raça

negra, raça vermelha”, “conjunto de ascendentes e descendentes de uma família, um povo, geração” e “conjunto de pessoas da mesma profissão, das mesmas tendências” (DICIONÁRIO AURÉLIO, online).

Observa-se que etimologicamente essas definições apresentam uma característica negativa, quando reúnem em uma mesma palavra sentidos totalmente ruins e relacionados com pessoas no cotidiano. Significados esses que construídos social e historicamente, quando pela dificuldade de fechar uma conceitualização exata, se percebe a criação de expressões pejorativas como “neguinho”, “pixaim” e outros também carimbados de referências que desqualificam a negritude.

Esses dois termos, “preto e negro” acabaram sendo naturalizados na sociedade brasileira de tal forma carregados de pejoratividades, que em determinados ambientes se quer é admitido que se questione o emprego dos mesmos. (ROCHA, s/d p.1)

Popularmente se ouve palavras, extremamente pejorativas, como “piche”, “macaco”, “carvãozinho”, “pivete”, “marginal”, “mulatinha” e outras para se referir a uma pessoa negra. Essa ofensa, disfarçada ou não, é rotineiramente encontrada no vocabulário popular e se tornou comum e altamente banal. Não se tem a consciência de que ao usá-las se faz referência a seres humanos e não a objetos, como eram concebidas as pessoas negras no tempo da escravidão. Graças à Lei nº 7.716 de 1989, é possível punir criminalmente quem pronunciar esse tipo de discriminação.

A terminologia utilizada para designar os sujeitos age como uma estratégia discriminatória ao relacionar a pigmentação da pele com situações nefastas, sombrias e ruins. Em se tratando dos vocábulos “negro” e “preto”, ambas acabam ganhando grau de parentesco e são utilizadas como sinônimos ou até complemento uma da outra, quando se defende que preto é a cor do sujeito pertencente à raça negra e em certos momentos as duas fazem menção a qualquer pessoa de pele escura.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, segundo Osorio (2003) “A classificação racial é entendida como o conjunto de categorias em que os sujeitos da classificação podem ser enquadrados” (p.10), estas contabilizam cinco categorias de raça e cor, são elas: preta, branca, parda, indígena e amarela, das quais as mais usadas são as três primeiras e, todas, são identificadas autonomamente, quando o sujeito se declara ou através de

heteroatribuição, ou seja, uma segunda pessoa a classifica, sendo mais amplamente e mais usualmente utilizada a segunda. Em todos os levantamentos que o IBGE realiza em domicílios brasileiros, em tese, a classificação deve ser por autoatribuição. O modo como ocorre a classificação e identificação da raça no Brasil é única em todo mundo, entretanto é indispensável mencionar que as categorias consideradas como padrão não abrangem todas as cores de pele existentes no país, mas são tidas como modelo em decorrência de estarem em maior quantidade e serem facilmente encontradas.

Pela dificuldade de diferenciar a partir de um conceito os sentidos de negro, raça e preto, existe um grande debate entre os autores e pesquisadores da área quando ao termo que deve ser utilizado. Partindo-se do pressuposto de que possuem caráter negativo e necessitam de uma resignificação da concepção que se tem dessas palavras, para só então pensar em uma adequação terminológica. A tentativa de transformar os termos pejorativos em adjetivos positivos poderá resultar em um símbolo da identidade e da luta negra, ou ainda, que ser denominado negro ou preto seja considerado como uma qualidade e não como um defeito. Esse pensamento vem ganhando cada vez mais adeptos, partindo da crença de que o negro é detentor de qualidades oriundas do continente africano.

A necessidade de reconhecimento e aceitação das origens africanas na população brasileira e em outras partes do ocidente, fez com que atualmente se busque - além de dar um novo sentido as palavras anteriormente mencionadas - reunir em termos mais globais e agregadores todas as aspirações e as características desses descendentes. Por isso é cada vez mais notória a utilização de “afro-brasileiro”, no que diz respeito a apenas brasileiros, “afro-americanos”, para os nascidos na América do Norte como um todo e “afrodescendente” para todo e qualquer indivíduo que se autodeclare negro.

É necessária a constituição de uma nova visão sobre como mencionar os negros, tendo em mente que, independente da cor da pele, são seres humanos, descendentes de pessoas que foram escravizadas e, infelizmente, por isso, pagam o preço de encontrar em quase todos os lugares o racismo e o preconceito enraizado nos discursos das pessoas. Faz-se preciso construir uma nova postura, mais respeitosa e igualitária, onde o negro se sinta integrante da construção desse novo olhar sobre ele mesmo. Falar de negro, preto e pardo é falar de gente, apenas.

1.2. Afrodescendência: Um pouco da história do negro no Brasil

Ao se falar de “afrodescendência” faz-se referência à herança africana que os negros possuem. Seja na cor, no modo de pentear o cabelo, o estilo musical preferido ou até mesmo na fé religiosa que acredita. Ser considerado “afrodescendente” é ser uma pessoa autodeclarada como negra (preta ou parda) e detentora de traços de uma gama de características oriundas de ancestrais africanos.

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência (MUNANGA, 2004).

No que se concerne aos dias atuais, ainda é possível encontrar uma resistência com relação à identidade racial. Como diz Oliveira (2004) em que ser negro no Brasil é se entender como integrante de um grupo racial/étnico e está relacionado a alguns fatores tais como história de vida, consciência, educação e socialização do próprio indivíduo.

A principal dificuldade de se conhecer a história real da população negra no contexto histórico brasileiro está no que concerne a totalidade, ou seja, o que se aprende nos bancos escolares foi escrito por pessoas brancas que acreditavam não ter havido dificuldade e lacunas no processo de registro histórico. O maior desafio é ter acesso ao olhar negro sobre o que foi vivenciado. Como uma das principais consequências da escravidão tem-se a perda de boa parte da herança cultural de diversos povos africanos, pois para manter minimamente costumes básicos, passaram a se adaptar à realidade da sociedade colonial. Um exemplo é o casamento, encontrado em pouca quantidade devido às partes serem tidas como mercadorias e judicialmente coisificados.

Casamento entre escravos eram raros e quando realizados pela Igreja Católica, era necessário todo um processo de conversão que, como resultado final, acabava servindo como um meio de sociabilidade e construção de uma nova identidade e uma readequação da cultura negra. A permissão para o casamento era

uma forma de controlar o ímpeto revoltoso do escravo. Não existia uma legislação específica que restringisse o casamento entre escravos e nem entre escravos e livres, como se percebe em:

Aos quatorze dias do mês de Abril do ano de mil oitocentos e sessenta e hum nesta matriz da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vianna, a huma hora da tarde, em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, se receberão em Matrimonio por palavras de presente preparados na forma de Lei do Bispado, João e Victoria, pretos, escravos de Raphael Pereira de Carvalho. Conferi-lhe as bênçãos na forma de Rito da Igreja e para constar, fiz este termo, que assignei. Vigário João Pinto Pestana Testemunhas: Manoel Correia da Rocha e Joaquim Carneiro Lira (CAMPOS; MERLO, 2005, p.356).

E no trecho abaixo:

Aos vinte dois dias do mês de Setembro do anno de mil oitocentos e sessenta nesta Matriz de Vianna, em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, pelas dez horas da manhã, preparados na forma da lei do Bispado se receberão em matrimonio por palavras de presente Torquato Martins de Araújo e Elena Maria do Rosário, elle filho legitimo de João Braz da Victoria e Joana Braz da Victoria, e ela filha legitima de Luiza Teixeira da Conceição e Marcelino escravo de Joaquim de Almeida Coutinho receberão logo as bênçãos matrimoniais, do que para constar, fiz termo que assignei. Vigario João Pinto Pestana. Testemunhas: João Manoel Nunes e Sebastião de Freitas Lira (CAMPOS; MERLO, 2005, p. 347)

A construção da cultura negra brasileira se deu tanto pelos escravos, quanto pelos alforriados. Todos viam a necessidade de estabelecer uma relação entre os costumes da sua terra natal ou de seus antepassados, com o novo estilo de vida do Brasil. Festas, religião, esportes, musicalização e irmandades foram elementos que influenciaram a reconstrução cultural.

O principal critério de identidade dessas organizações foi a cor da pele em combinação com a nacionalidade. [...] As (irmandades) de pretos se subdividiam nas de crioulos e africanos. Estas podiam se fracionar ainda de acordo com as etnias de origem ou, como se dizia na época, as "nações", havendo as de angolanos, benguelas, jejes, etc. (REIS, 19996, p. 5).

Eram reuniões que além de celebrar a africanidade presente nos escravos, constituía-se numa maneira de assegurar que suas raízes fossem mantidas. Com o passar do tempo, a cultura do opressor foi sendo assimilada e aceita por parte dos negros uma vez que “os ritos sacramentais foram impostos, pois todos os africanos

deveriam ser batizados nas costas da África ou ao chegarem ao Brasil, tendo ainda a obrigatoriedade de assistir as missas dominicais” (CEZERILO, 2010, p.1). Mas é importante ressaltar que a cultura africana construiu um rico arsenal de formas que expressam sua singularidade, seja na música, nas histórias, nas festas, danças e toda forma de exaltar aquilo que eles tinham de mais rico: o que trouxeram e o quem eram.

Após a Independência do Brasil, em 07 de setembro de 1822, percebe-se um crescente movimento abolicionista, marcado pela participação de um conjunto de jornalistas, advogados e intelectuais que trabalham na discussão desse regime. A partir disso a Constituição Brasileira de 1824, a qual respaldava pelo direito de propriedade, em que o escravo não possuía direito algum ao mesmo tempo em que não existia nenhuma especificação para negros e escravos em seu texto.

Aproximadamente próximo da metade do século XIX,

o tráfico negreiro, devido às pressões internacionais contrárias a esta prática, estava vivendo seu fim gradativo; até que, em 1850, a Lei Eusébio de Queirós aboliu definitivamente o tráfico (CAVALCANTE, s/a, p.1).

Em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea é assinada e todos viraram, oficialmente, cidadãos brasileiros. Esta é considerada como a principal lei do processo emancipatório negro escravista no Brasil. Após a assinatura é visível a inexistência de políticas afirmativas voltadas para a população negra, a qual seguiu em constante luta, como na Revolta da Vacina, da Chibata e dos Marinheiros.

Neste período, a sociedade paraense foi formando-se nos mesmos moldes do resto do país, porém em menor escala. Isso ocorreu devido ao fato de que os colonizadores e senhores de terra não possuíam o capital equiparado ao dos grandes produtores agrários sulistas para comprar escravos e manter o sistema escravocrata local, fazendo com que a utilização da mão-de-obra indígena fosse utilizada por muito mais tempo do que nas outras regiões brasileiras, em 1759. (SALLES, 2005)

Pela visão objetificadora do branco em relação ao negro, este não era tido como cidadão e conseqüentemente não era dotado de direitos. A vida na Província do Pará era regida pelo Código De Posturas Municipais de 1882, onde estava designado seus deveres e direitos dos moradores da Província

cujos artigos se vislumbra determinada política de reforma dos usos e costumes da cultura popular por parte dos poderes públicos, através de uma série de proibições visando o enquadramento das classes trabalhadoras. Costumes e práticas populares que estavam em desacordo com os valores burgueses civilizatórios espelhados na Europa pelas camadas médias e elites em Belém (BEZERRA NETO, 2009, p. 288).

Essa falta de respaldo jurídico colocava-os à margem da sociedade, eram tão mercadorias quanto em qualquer outro lugar em que esse regime fosse vigente. A situação do escravo negro paraense não diferiu muito dos demais, a não ser pela consolidação da escravidão que foi mais tardia e nem por isso, mais branda. De acordo com Salles (2005) A sociedade brasileira tentava esquecer a existência dos negros e defendia a política do embranquecimento da população, a qual, segundo teses europeias, fazia crer que as pessoas de cor da pele branca possuíam superioridade genética capaz de extinguir os negros por meio de uma política de miscigenação realizada através do casamento de um negro com uma branca e vice-versa.

A história não oficial do negro está em constante construção, já que há uma pequena quantidade de estudos que destaquem sua história através de uma escrita negra. Houve uma espécie de silenciamento após a abolição, pelo fato de a sociedade acreditar na ideia de que a assinatura de uma lei fosse capaz de dar condições para os ex-escravos sobreviverem e, por isso, não existia mais a necessidade de debater a questão do negro, já que ele era considerado como outro cidadão igual a outro qualquer. Uma liberdade que na prática não se traduziu em direitos iguais aos homens e mulheres, negros e brancos.

A partir do texto da Constituição Federal de 1988, no que concerne aos Princípios Fundamentais, no 3º artigo, inciso IV, se passa a ter, juridicamente falando, a segurança de que todos são iguais e assim “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988).

Entretanto, esse respaldo jurídico se contrapõe a uma realidade alarmante, pois segundo o Mapa da violência no Brasil de 2014, houve uma grande elevação nos casos em que jovens negros são vítimas de homicídios. Entre 2002 e 2012 houve um aumento de 38,7%. “A vitimização negra, no período de 2002 a 2012, cresceu significativamente: 100,7%, mais”, mostrando que os negros ainda são os que mais sofrem com a violência e aceitação dessa situação, pois os mais atingidos

são jovens negros das periferias das cidades, os que são esquecidos pelo poder público e suas medidas de segurança pública.

O passado do negro vai muito além da escravidão, da humilhação, do sofrimento e da tristeza. É um passado honroso de um povo que lutou em busca de uma vida melhor para suas futuras gerações. Gente que vai muito além do trabalho braçal, pessoas dotadas de uma esperança e garra quase inabaláveis, que mesmo tendo inúmeros motivos para deitar e chorar, deitavam e sonhavam. E, se hoje, mesmo que a passos de formiga, é de se supor que o número de negros em posições expressivas venha aumentando, deve-se agradecer primeiramente àqueles que perderam sangue, suor e voz para que isso um dia fosse uma realidade.

1.3. Movimento Negro

Em 1902, de acordo com Domingues (2007), surgiram as primeiras entidades do movimento negro brasileiro, no estado de São Paulo. Quilombos e revoltas contra a escravidão eram o esboço de um futuro movimento negro. Este pretendia emancipar e libertar a sociedade dos dogmas enraizados, transformando a realidade social e cultural, tendo em mira que as diferenças fossem respeitadas e que a igualdade prevalecesse independentemente da pigmentação da pele. Tratava-se de uma releitura da história dos negros no Brasil, partindo da compreensão que as trajetórias das pessoas negras são passíveis de compreensão interna, ou seja, entender-se a partir de uma ótica intrínseca àqueles que estiveram do outro lado da versão oficial, dos próprios sujeitos das mazelas da escravidão.

Por isso, foi criada nesse mesmo estado, segundo o autor, a chamada “imprensa negra” e, nos anos seguintes, se identifica a importância da abertura de espaços culturais, como o teatro, para a disseminação das convicções negras. A revolução constitucional de 1932 e o Estado Novo foram dois momentos difíceis para o movimento. Muitos foram mortos na guerra do Paraguai e foram perseguidos, enfraquecendo o movimento como um todo. No primeiro há uma ruptura, pois a frente negra não aceitou lutar ao lado dos revoltosos paulistas, ocasionando o surgimento da “legião negra”. No segundo momento já na década de 1960 com o Ato Institucional-5, integrantes do movimento foram proibidos de agir.

O período de maior notoriedade do movimento negro, segundo Domingues (2007) se dá na década de 1970, quando se abre o debate para a função da escola

na perpetuação do preconceito e da desigualdade, quando não possui um material didático, um currículo nem um profissional capazes de embarreirar a construção de uma educação multirracial e democrática.

II- A SIMBOLOGIA DA MULHER

Neste capítulo será realizada uma discussão acerca da questão de gênero e também de raça. Inicialmente mostrando uma conceitualização de ser a mulher e pertencente ao gênero feminino de forma geral e depois levando o foco para as mulheres negras brasileiras e a visão comercial, sexual e apelativa que se tem das mesmas. Não será feito um estudo detalhado e profundo das questões acima referidas, e sim, apenas uma breve exposição teórica que pincele a realidade vigente desses sujeitos históricos.

2.1 Mulher: uma construção cultural histórico-social

Historicamente a mulher foi tida como inferior ou como parte do homem. Era dever seu apoiá-lo, ficando em casa e oferecendo ao esposo condições para que ele sustentasse a família. Família esta que era nuclear, patriarcal e tida como padrão. Em que o homem era o chefe e detentor de todo o poder de decisão e a mulher, seja a esposa ou as filhas, era submissa às escolhas do marido.

O papel social doméstico e subalterno para qual somos condicionadas tem sua importância na medida em que é através da atividade doméstica (gratuita) desenvolvida pelas mulheres que são atendidas necessidades básicas como alimentação dos trabalhadores e demais serviços domésticos, indispensáveis a reprodução da força de trabalho. Este papel doméstico encontra sua base psicológica num sentimento de inferioridade e incapacidade desenvolvido na menina pela família através da educação discriminatória. (ALBOROZ, 1985).

O homem sempre foi tido como norteador das ações, concepções e verdades universais, referência de comportamento e de racionalidade, deixando a mulher em segundo plano, como se percebe em:

A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem branco heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável. Construía representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais. Passamos, assim, a tomar como verdade que as mulheres se constituíam no “segundo sexo” (LOURO, 2008, p.20).

Ao se falar sobre um discurso de gênero, faz-se imprescindível abordar a questão da igualdade e da diferença, em que para que se possa pensar em buscar a

primeira, é necessário que se aceite a existência da segunda, é um modo de conduzir a construção social de ambas,

A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração (SCOTT, 1999, p. 15).

Passíveis de discriminação no âmbito escolar, profissional e social, a mulher por tempos foi voz passiva na sociedade. “As feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos.” (SCOTT, 1989, p.2) não tendo caráter fechado, e sim, mutável e em constante transformação.

Estudos feministas vieram para derrubar tal situação. Ao se aproximar do campo de estudos sobre a mulher, é impossível não citar os movimentos feministas pós-estruturalista, reportados do Ocidente, no século XX. Segundo Louro (2007) Este que permite que se desconstrua o binarismo masculino-feminino. Possuía inicialmente um caráter político, dirigido por mulheres brancas de classe média que almejavam a mesma participação nas decisões desse âmbito da sociedade. Com o decorrer do tempo os objetivos foram sendo ampliados e não se percebeu a participação de mulheres de diferentes classes econômicas, raças e etnias como integrantes desse movimento, mas é claro que essa versão da marcha feminina não se delineou de uma maneira rápida e fácil. Somente depois o movimento passou a estabelecer bases sociais, filosóficas e econômicas, além das políticas. Como se percebe em:

o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Contudo, não se pretende aqui entranhar na história do feminismo e do pós-estruturalismo. Apenas, cita-se a importância destes para a educação da mulher. Quando se estuda essa temática se tem em mente a busca por uma desconstrução de uma visão marginalizante do sexo feminino, não tratá-lo como “outro”, como uma espécie de continuação do sexo masculino, ou como um ser invisível, ao mesmo

tempo em que se pretende construir a concepção de gênero como parte do sujeito, não como o sujeito em si. Afinal, é possível ser mulher, ter uma orientação sexual, classe econômica e origem geográfica distintas do padrão. É preciso, entretanto, falar da construção de identidades. Identidade social, de gênero e de sexo.

A identidade social é aquela que se dá a partir de relações com o meio em que vive e com a história na qual estão inseridos e de uma maneira abrangente, faz parte da construção das demais identidades. A de gênero se dá a partir da formação do ser masculino ou feminino, através de seus lugares sociais. Já a sexual, mesmo que ligada a de gênero, trata do modo como os indivíduos vivem suas sexualidades. É importante destacar que todas possuem caráter mutável, instável, em rotineiro processo de transformação e por isso não acabada.

Entretanto, falar de mulher não é discorrer sobre a oposição ao homem ou ao sexo masculino e sim, é tratar de diferenças de jeitos, hábitos, religiões, raças, orientações sexuais, classes sociais e outros. Não como um indivíduo naturalmente oposto, e sim, como sujeito histórico-social, construtor de particularidades que formam o ser mulher. Não é uma característica congênita, é uma edificação ao longo da vida.

Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura. (LOURO, 2008. p. 17)

É importante enfatizar que a construção social deve ser mais relevante do que as diferenças anatômicas, mas não se pode negar a distinção biológica, porém fixou-se no senso comum como sendo verdade e justificativa para as desigualdades de acesso a recursos da sociedade.

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter caráter de argumento final, irrecorrível. (LOURO, 2007, p.20-21)

É de suma importância que fique claro que gênero é diferente de sexo. Faz-se preciso abordar que esses dois conceitos, comumente relacionados e muitas vezes confundidos, andam juntos e muitas vezes se complementam. O gênero está vinculado ao comportamento social e a identidade de gênero do sujeito, que é pautado nas construções sociais da feminilidade, já o sexo, está voltado para a

orientação sexual de indivíduos sexuados, ou seja, um não implica necessariamente no outro “similar”. “O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (SCOTT, 1989, p. 7) quando se aborda a mulher, pois falar de gênero é dizer que existe uma vertente que não é tida como a identidade referencial.

O debate acerca do gênero e da sexualidade vem sendo mais amplamente discutido, pois se aceitou viver as práticas sociais de cada sujeito integrante de um grupo social. É importante destacar, mais uma vez, que gênero e sexo são conceitos diferentes, mesmo que comumente sejam utilizados como sinônimos. O primeiro está ligado às relações sociais e à disputa de poder, ao mesmo tempo em que o segundo liga-se ao corpo humano, sua forma e sua representação da sua sexualidade. Segundo Scott (1989, p.2) gênero é a organização da relação entre os sexos, ou seja, é onde a sexualidade se expressa no meio cultural e social, levando em conta suas especificidades voluntárias, além de em alguns casos substituir o termo história de mulher em trabalhos e estudos por gênero, como se percebe em:

Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. (SCOTT, 1989, p. 6)

É preciso que ocorra um rompimento com o pensamento dicotômico da existência de um pólo dominante em detrimento de um polo dominado, o primeiro seria composto pelo gênero masculino e o segundo pelo feminino, sendo um oposto ao outro. Historicamente se tem o homem branco, heterossexual, urbano, de classe média como “a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado” (LOURO, 2007, p. 33) para justificar uma diferenciação sexual ou de gênero.

Portanto, acredito que a simbologia da mulher está voltada para uma concepção histórica de submissão e de inferioridade. A mulher não pode ser considerada como um indivíduo invisível ou parte constituinte de alguém do sexo oposto. É preciso que a diferença entre seres idênticos seja discutida por todos, não apenas por representante de minorias, nos grupos em que estão inseridos, a fim de proporcionar uma mudança de pensamento no que concerne à aceitação do diverso.

Simbologia esta que se relaciona com a figura que a mulher representa, a imagem que historicamente, ao longo dos anos, vem sendo construída e reconstruída. Ter uma visão de que o sexo feminino é o símbolo da fragilidade, da

doçura e da necessidade de cuidados é estigmatizar indivíduos singulares e reduzi-los a uma mera conceitualização primitiva.

2.2 Realeza? Só no carnaval: Mulheres negras e o duplo preconceito

Estudar a mulher negra, no âmbito do Brasil, é buscar conhecer uma grande parte da população brasileira. Principalmente, é tentar entender para poder em seguida desmistificar a condição de subalterna que possui, através de um amplo debate sobre a questão feminina e racial, deixando de lado a concepção pejorativa que muitos possuem.

Quando se trata em mulher negra brasileira, no senso comum a primeira coisa que se ouve é que são consideradas as deusas do carnaval, pele bronzeada, corpo torneado, brilhoso e “samba no pé”. A pompa da festa faz com que por breves dias se dissipe a concepção de que lugar de mulher negra é no fogão, dando espaço às avenidas do samba.

Todos sob o comando do ritmo das baterias e do rebolado das mulatas que, dizem alguns, não estão no mapa. “Olha aquele grupo do carro alegórico, ali. Que coxas, rapaz” “Veja aquela passista que vem vindo; que bunda, meu Deus! Olha como ela mexe a barriguinha. Vai ser gostosa assim lá em casa, tesão”. “Elas me deixam louco, bicho”. E lá vão elas, rebolantes e sorridentes rainhas, distribuindo beijos como se fossem bênçãos para seus ávidos súditos nesse feérico espetáculo. (GONZALES, 1984, p.227).

O trecho acima retrata de um modo evidentemente claro a visão machista e sexual que se tem das negras brasileiras que se utilizam do samba para fugir da violência simbólica diariamente sofrida. É uma válvula de escape das séries de rotulações e discriminações que são acometidas. O carnaval é o momento em que a mulher negra é vista como foco central das atenções, mesmo que implicitamente esteja a objetificação da mulher negra brasileira. É nesse período que a tal da democracia racial tem sua bandeira posta em prática.

O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha (GONZALES, 1984, p. 228)

O mito da democracia racial é consolidado no período das festas de carnaval pela suposição de que nesse período a negra brasileira é vista não mais como aquela que por “justificativas” históricas é tida como subalterna, com a função de servir os demais.

Esta sofre duplo preconceito, o sexismo e o racismo. Primeiro por ser mulher e em seguida por ser negra. É passível de diversas opressões, as quais fazem com que ser negra e ser mulher, ao mesmo tempo, passe a ter uma conotação extremamente sexual ou inferior, dando à elas um papel de submissão, uma espécie de cuidadora, apenas. Fazendo com que exista uma visão opositiva no que concerne à pigmentação da pele das mulheres, onde a imagem da mulher negra hipersexualizada reforça a imagem de pureza da feminilidade branca, segundo (RIBEIRO, 2012, p.195)

O racismo e o sexismo perpetuam uma determinada representação das mulheres negras, vigente no imaginário social devido à sua posição específica de subordinação histórica. Os marcadores de raça e gênero, associados à vulnerabilidade econômica e outras, resultam em um controle sobre os corpos das mulheres negras qualitativamente diferente daquele vivenciado pelas mulheres brancas. Também pela especificidade da experiência da escravidão, as mulheres negras tiveram mais intenso o controle físico imposto sobre seus corpos e, desprovidas de sua condição de “sujeito”, foram marcadas tanto racial quanto sexualmente (CARBY apud RIBEIRO, 1987, p.191)

Ocupando uma posição minoritária no mercado de trabalho, ocupando cargos de chefia, poder, executivos e de representação menor e com salários inferiores. Discriminação agravada por raça e gênero, pois em comparação com homens negros, brancos e mulheres brancas, as negras estão em último lugar no ranking de valorização e aceitação (BONETTI; ABREU, 2011).

A situação dessas mulheres no que concerne ao mercado de trabalho é uma questão histórica, quando no começo do século passado ficaram estigmatizadas durante e após a escravidão como próprias para exercerem funções domésticas, em decorrência de nesse mesmo período a função das mulheres ser basicamente cuidar da casa de seus senhores. Fato esse que carimbou na mulher negra o rótulo de mulher do lar.

Assim, “mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados” (GONZALES, 1984,

p.226) nesse trecho, a autora deixa extremamente claro o pensamento de uma grande maioria da população, quando marginaliza e discrimina essa classe feminina. Tem-se na visão popular do senso comum que são incapazes de exercer profissões além das consideradas de terceira classe ou então de profissões que envolvem o sexo e o carnaval.

O imaginário que se tem das pessoas negras como infantilizadas, evidencia um indício de que as mesmas não seriam capazes de decidir nem mesmo sobre os seus próprios corpos (GONZALES apud RIBEIRO, 2012, p.194) fazendo com que se estigmatize à visão de que nasceram para serem domésticas.

Desde muito tempo se percebe, entranhado no âmago da sociedade, práticas e pensamentos de diferenciação social, pautadas na cor da pele. O racismo permaneceria como uma força latente, uma “força” onipresente que resguardaria o grupo hegemônico de qualquer deslocamento da diferenciação de poder racialmente fundamentada, ou que implicasse mobilidade coletiva deste grupo (BONETTI; ABREU, 2011, p. 115)

No que diz respeito à sexualidade desses sujeitos, é perceptível o caráter negativo que se tem, quando se discorre que a exuberância corpórea como simbologia única, não se pensa em mulher negra como indivíduo dotado de consciência e sim, de curvas suntuosas e samba no pé. Suponho que seja o paradoxo de aparecer e ser invisível.

Os sentidos evocados para avaliar e representar as sexualidades das mulheres negras estão inseridos em uma dimensão simbólica que reforça a opressão racial e encoraja a violação dos corpos das mulheres negras. Seus corpos são simultaneamente expostos e invisíveis, são corpos colonizados (COLLINS apud RIBEIRO, 2012, p. 195).

É importante ressaltar a participação negra nos movimentos feministas contemporâneos, quando percebem que dentro do próprio movimento existia a necessidade de se incorporar as mais variadas particularidades dos integrantes. A percepção dessa situação, segundo Carneiro (2003) fez com que próprio movimento feminista aceitasse as contradições e as desigualdades internas, que o racismo e a discriminação racial produzem entre as próprias mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil

pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero;

afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Portanto, é necessário que se mude a visão coisificante e inferior que se tem da mulher negra. Esta é muito mais do que um refrão de samba-enredo ou uma cozinha bem limpa. Esta é uma ampla discussão pincelada em breves linhas no presente trabalho, em que a luta por uma sociedade mais igualitária e menos opressiva seja edificada ao longo do tempo. Ser mulher negra deve ser um motivo de orgulho, não de vergonha. Importante é sambar em cima do preconceito.

III- RAÇA, GÊNERO E EDUCAÇÃO

3.1 - Educação e seu papel na busca da emancipação negra

Desde o início da vida, o homem é dotado de necessidades. Elas serão fundamentais para a construção do ser humano enquanto um ser social e cultural. Segundo Saviani (2005), uma das necessidades mais essenciais do homem é a própria educação, pois ele precisa ser educado para participar da vida em sociedade. Durante vários e longos anos, o homem passou por modificações na sua estrutura e modo de viver. Ele precisou se adaptar a diferentes contextos da história, se educar para desenvolver a si e a sociedade. Entendemos assim, o tamanho da importância que a educação tem para nossas vidas, pois parte de uma necessidade de desenvolvimento social, cultural e político.

Tão importante quanto a prática, a teoria sobre a educação nos fundamenta enquanto pesquisadores. Conceituar a Educação é entender os processos que a formalizam e explicitam seu papel na sociedade, levando em consideração que estes conceitos podem estar em constante transformação ou contribuição de novos autores. Uma das primeiras concepções de educação e uma das mais importantes é a que Brandão (2010) traz sobre a Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB :

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Este trecho da legislação educacional em vigor trata a educação como algo constituído por todos os processos de formação que são articulados pelo homem, nos mais variados setores da sociedade. Outra concepção que devemos ressaltar por ser profundamente significativa é a da Constituição Federal (1988), onde se lê:

Art. 205 – A educação, direitos de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação tem um papel fundamental para o indivíduo, pois ela permitirá a liberdade ou a opressão do sujeito. Segundo Freire (2011) o ato de educar precisa respeitar os saberes dos educandos, a criticidade, a estética e a ética e, ainda uma

postura de rejeição a qualquer forma de discriminação em prol do reconhecimento e assunção da identidade cultural. Deste ponto de vista, afirma que a educação precisa ser atrativa ao aluno, trazendo a realidade do aluno para a sala de aula:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (FREIRE, 2011, p. 31).

Este mesmo autor nos diz que ensinar não é transferir conhecimento, pois ensinar é um ato muito mais amplo e libertador que isso. Parte de princípios importantes para o homem. Torná-lo protagonista de sua própria educação, ou seja, dar a ele autonomia de se desenvolver enquanto sujeito social e cultural, permitir que o sujeito se conscientize enquanto as tomadas de decisões importantes sobre sua vida são alguns dos papéis da educação enquanto uma construtora do homem.

O ato de educar vai muito além da mera transmissão de conhecimentos teóricos e científicos, serve também como uma maneira de realizar a manutenção da realidade e perpetuar a cultura de determinado povo, humanizando quem proporciona e engrandecendo quem recebe. É uma troca contínua de experiências, a qual nem precisa, necessariamente, de uma instituição formal para que essa dinâmica exista.

No continente africano isso não foi diferente. Antes da mercantilização dos negros através do tráfico negreiro, a principal forma de educar as pessoas, caracteristicamente para a sociedade da época, se dava através da oralidade, da contação de histórias, que eram cobertas de tradicionalismos e conhecimentos locais. Porém, com o processo de colonização europeu, perdeu-se a força e a legitimação desse costume, pois fez parte de um processo de aculturação e desvalorização das práticas culturais tradicionais e presentes naquelas comunidades.

A cultura africana tem por fundamento a tradição oral, transmitida de geração a geração através das histórias contadas pelos *griots*. Esses *griots*, frequentemente os mais velhos das tribos, são considerados os guardiões da memória, portanto admirados e respeitados por todos. Estes passam aos mais jovens a tradição e os conhecimentos dos ancestrais, com a missão de transmiti-los às gerações vindouras (COIMBRA, 2008, p. 2)

Podemos dizer que, segundo Giles (1937), no Brasil colônia praticamente ninguém estudava. O sistema educacional era pautado na religião e gerido pelos jesuítas, os quais elaboraram a *Ratio Studium*, o qual era um documento que delimitava as normas estabelecidas. O programa escolar desse período

não se orienta no sentido de dar qualificação profissional ao aluno, pois a sociedade brasileira fundamenta-se na agricultura e esta assenta no trabalho escravo. Os colégios destinam-se, portanto à formação de uma elite letrada. Também se fundam seminários para a formação de futuros sacerdotes (idem, 1937, p. 285).

A religião foi utilizada como uma forma de ensino do branco português para impor a cultura do colonizador, na busca de salvar as almas, ou de dar-lhes uma, pois os negros eram vistos como objetos. Entretanto, nas senzalas e quilombos, a contação de histórias foi o meio encontrado pelos escravos negros mais velhos, de repassar e tentar manter os costumes e saberes originais da sua cultura. Servindo também como fuga da cruel realidade que o regime escravocrata lhes obrigou a viver. Meio este que foi duramente recriminado pelos brancos.

Já no Brasil imperial, onde se esperava uma modificação significativa entre a Colônia e o Império em termos de escolarização e processos educativos em geral, as práticas educativas continuavam segregadoras. Segundo Silva e Mazzuco (2005) a educação, além de ser restrita às elites, conforme já foi afirmado, também possuía uma conotação racista. Ser branco de classe alta assegurava uma ascensão educacional bem sucedida, ao branco ou negro livre de classe baixa, era dada a permissão a instrução de ofícios para a manutenção da vida. Já se fosse negro e escravo lhe era vetado o direito de frequentar escolas, institutos e Liceus, cabendo-lhe apenas funções precárias e manuais, sem rigor teórico. Como a educação no Império era de responsabilidade das Províncias, cabia a cada uma escolher entre discriminar ou agregar a população provinciana no âmbito educacional.

D. Pedro II ansiava pelo progresso e compreendia que através da educação seria possível alcançá-lo. Entretanto, o que acontecia era uma pressão internacional dos países capitalistas centrais, que queriam consolidar, no Brasil, a dependência econômica. (SILVA E MAZZUCO, 2005, p.3)

A educação do escravo paraense, como afirma Salles (2005) não se encontrava nas escolas, como no Instituto de Educandos Paraenses que oferecia ensino profissionalizante para as camadas menos favorecidas da sociedade, exceto os negros. A eles era vedado o direito à instrução escolar e profissional, veto esse

legitimado pelo Regulamento da Instrução Primária e Inferior e Superior da Província do Pará.

No início do século XX, segundo o autor, a educação dos negros estava mais voltada para os adultos e conseqüentemente para o mercado de trabalho, em que as mulheres aprendiam funções básicas voltadas para trabalhar em casa de família e os homens em funções simples, como carpinteiros. Essa necessidade de sobreviver afastava a população negra dos bancos da escola.

De maneira lenta, essa situação foi se amenizando. Se for realizado um comparativo numérico de pessoas negras e brancas no Ensino Médio e Superior, se percebe que, atualmente o segundo grupo supera o primeiro, segundo o Relatório Anual das Desigualdades Raciais realizado em 2010. O acesso, a permanência e a conclusão desses níveis de escolaridade estão diretamente relacionados com as condições históricas proporcionadas à população brasileira

Por sua vez, como um grupo social não reconhecido nas suas necessidades básicas, homens e mulheres organizaram-se para reivindicar direitos negados historicamente. Assim, o movimento negro percebeu rapidamente a importância do papel da educação desde os períodos da escravidão até a primeira república na busca pela emancipação como modificação da realidade vivida, seja de cunho social ou cultural. A Frente Negra mesmo possuindo um caráter político promovia a educação dos negros. (GOMES, 2011). Antes da Frente Negra, se percebe as ações da Mocidade Negra em prol da discussão dessa educação:

A importância dada à educação e a valorização de estratégias como a organização de encontros, conferências, centros de estudos etc., também podem ser observadas como elementos característicos do movimento negro brasileiro ao longo de todo o período republicano. (PEREIRA, 2011, p.4).

Dados do Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil, realizado em 2009-2010, numa parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Laboratório de Análises Econômicas e Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Sociais, demonstram que os negros estão galgando uma maior escolarização na faixa etária de 25-39 anos, porém ainda existem disparidades sociais. Em primeiro lugar têm-se as mulheres brancas, seguidas pelos homens brancos, em terceiro estão as mulheres negras e por fim os homens negros, sendo a diferença do primeiro para o último de 2,2%, no ano de 2008. No que concerne à

frequência escolar na faixa etária de 15-17 anos a diferença de branco para negro é de 4,3%, sendo que o índice das mulheres supera o dos homens em 38,5%. No ensino superior na faixa etária de 18-24 anos, homens e mulheres brancas superam em 38,6% homens e mulheres negras. Destes as mulheres brancas estão em maioria e o homem negro em minoria no curso superior.

Hodiernamente se encontra em constante discussão a questão curricular da cultura negra na escola e na formação dos professores. A Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, a luta negra, a formação da sociedade e a cultura negra, nos níveis fundamentais e médio da rede pública e privada de ensino. A Lei nº 11.096 estabelece o “Programa Universidade para Todos” que prevê assistência social para o ingresso do ensino superior, o qual agrega a ação afirmativa de cotas para indígenas, negros e portadores de deficiência. (BRASIL, 2014)

Suponho, que a segregação social, econômica e educacional entre brancos e negros, forneceu para a população negra uma concepção de que educação era secundária em virtude do imediatismo do mercado de trabalho em busca da sobrevivência na sociedade capitalista pós-abolição da escravatura. A percepção da existência de dívidas históricas causadas pelo processo de colonização do Brasil, quando se nega ao negro o direito de ingressar no sistema de ensino e da necessidade de saldar as mesmas fez com que recentemente se passasse a pensar em alternativas para amenizar as disparidades históricas.

As políticas de ações afirmativas de cotas para negros, segundo Domingues (2005) vêm tentando sanar tais dívidas ao mesmo tempo em que mostra que, no Brasil, a desigualdade de acesso e permanência no ensino superior é em decorrência tanto de questões sociais como raciais. Tais políticas servem de instrumento na busca da equiparação de oportunidades, instituídas pelo governo. São razões históricas e podem conduzir o país à um nível mais elevado de democracia.

A inserção do negro na universidade recebeu um incentivo através da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que estabelece entres outras disposições, a garantia de metade das vagas dos cursos de ensino superior, de instituições públicas federais, reservadas para pessoas autodeclaradas negras, indígenas e pardas, com renda inferior um salário mínimo e meio e também para alunos que tenham cursado o ensino médio integralmente na rede pública de ensino.

A educação é uma possibilidade de ultrapassar disparidades econômicas, sociais e humanas. Ela é detentora do poder de transformar pensamentos, catalisar a criar de novas perspectivas de sociedade e principalmente uma maneira de oportunizar o acesso de todos ao que existe de mais valioso, o conhecimento.

o pensar certo a ser ensinado concomitantemente com o ensino dos conteúdos não é um pensar formalmente anterior ao e desgarrado do fazer certo. Neste sentido é que ensinar a pensar não é uma experiência em que ele - o pensar certo - é tomado em si mesmo e dele se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho. Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos (FREIRE, 2010, p.21)

É a esperança que os oprimidos e excluídos possuem para a mudança da realidade. Através da mesma se pode esclarecer o passado, aliviar o presente e modificar o futuro. Em uma tentativa de amenizar as desigualdades hierárquicas as quais as classes menos favorecidas são submetidas, dando voz a quem quiser gritar e dando um rosto a quem sempre foi praticamente invisível. Tentando resgatar e valorizar o que é próprio dessa população: sua cultura, crenças e costumes.

3.2 Mulher e docência

Uma estigmatização da docência como sendo uma profissão feminina é histórica. Ser professora é familiarizar o aluno com o processo de formação e de aquisição de conhecimento, proporcionando uma espécie de extensão da casa, na escola. Adocicar o ensino e a aprendizagem através da humanização que se supõe ser presente em nas mulheres.

A escola é feminina, porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres – elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras: a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas [...] as práticas escolares devem se aproximar das relações familiares, devem ser embasadas em afeto e confiança [...] semelhanças com a ação das mulheres no lar, como educadoras de crianças ou adolescentes (LOURO, 2007, p. 88)

A docência, com ênfase no ensino infantil, é historicamente ligada aos cuidados maternos, em decorrência desse pensamento a profissão docente se

tornou feminina, no momento em que as duas, ser professora da educação infantil e os cuidados com a criança pequena, são relacionadas como se fosse natural a mulher ser professora desta etapa da educação básica, fato que faz com que o número de mulheres nessa profissão se sobressaia em relação ao de homens. Situação essa vivida até os dias atuais, quando ao adentrar nas turmas de pedagogia é perceptível a desproporcionalidade com relação à quantidade de pessoas de sexos distintos. “No Brasil é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco, o seu predomínio como docentes” (LOURO, 2007, p. 95).

Freire (1997) se posiciona contrário a essa concepção familiar da educação, quando critica o uso do termo “tia” comumente utilizado para se direcionar às professoras, por acreditar que o processo de educar vai muito além da afetividade, é uma responsabilidade, uma profissão, não um título. Como vemos em:

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos (FREIRE, 1997,p. 9)

A desigualdade no contexto educacional se encontra no acesso a educação, à escolha do curso e ao salário. No que concerne ao acesso, trata-se das experiências acerca das relações sociais, no que se refere à escolha, fala-se dos cursos tidos como femininos e de mais fácil ingresso e, no tocante ao salário, por maior que seja o grau de instrução, continuam recebendo menos que as mulheres brancas, homens brancos e negros, inclusive quando chegam a cargos de chefia (BONETTI; ABREU, 2011).

3.3 A negritude feminina na educação

Como aspirante à mesma carreira que os sujeitos dessa pesquisa, abordo essa temática com um olhar triste pelo passado, relutante pelo presente e extremamente esperançoso pelo futuro. A vida profissional da maioria dos

profissionais da educação é repleta de nuances, seja salarial, condições físicas e psíquicas para o exercício da função, porém, se para as mulheres de modo geral essa dificuldade é duplicada, para as mulheres negras essa situação é três vezes mais exigente e custoso.

Estudar a mulher negra na educação vai muito além do mero estudo de gênero. Apenas citando, uma suposição própria, acredito que ingressar em um curso superior e se tornar uma profissional da educação, seja uma maneira de que muitas mulheres encontram para superar preconceitos enraizados na sociedade ao mesmo tempo que é uma forma de melhorar de vida, além de auxiliar na construção de uma nova forma de pensar dos educandos.

A habilidade e compreensão no trato com as diferenças de personalidade, identidade, gênero, raça e cultura é um componente do ser educador, profissional da formação humana, da socialização e constituição do saber. O trato não segregador e educativo da identidade e da cultura negra é uma competência político-pedagógica a ser exigida de todo educador e, sem dúvida, de toda instituição educativa. (GOMES, 1996, p. 81)

Por toda a discussão que vem sendo feita ao longo das linhas escritas nas páginas do presente trabalho, é possível ter uma visão mínima acerca do quão difícil pode ser a vida profissional, na carreira de docente, de mulheres negras, “a questão de gênero é, em si, um complicador, mas, quando somada à da raça, significa as maiores dificuldades para os seus agentes” (CRISOSTOMO; REIGOTA, 2010, p. 97).

Com relação a questão numérica, não se tem quantificado o número de mulheres que trabalham como professoras universitárias no Estado do Pará. O que coloca uma barreira enorme para o conhecimento mais perceptível da realidade paraense, pois

Enquanto professora, a mulher negra se vê reproduzindo discursos que ouviu quando criança na própria escola, no curso de magistério e também no de pedagogia. Em todos estes espaços não se discute sobre a diversidade étnico-cultural, as diferenças de gênero e nem se lança um olhar sobre a mulher que atua na educação, que vai além do papel de mãe, esposa ou tia (GOMES, 1996, p. 76).

Por isso,

A educação não deve ser apenas um caminho em que mulheres negras possam emergir social e economicamente, tentando cortar um pensamento segregador e machista enraizado nas cabeças nem

sempre pensantes, que as colocam nas margens de uma sociedade discriminatória. E sim, deve possibilitar uma nova forma de pensar e agir, devendo propiciar e instigar a construção de um ambiente saudável em que o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade. Sendo assim, ao discutirmos as relações raciais e de gênero presentes na vida de professores/ professoras, alunos/alunas negros/as e brancos/as estamos rompendo com o discurso homogeneizante (GOMES, 1996, p. 78).

Já que os afazeres domésticos são comumente delegados às mulheres negras, proponho a elaboração de uma receita: em academias de cursos superiores das mais variadas áreas do conhecimento, adicione uma quantidade considerável de profissionais com a pigmentação corpórea mais escura, do sexo feminino, iguale a medida salarial dos professores dessas academias, independente da cor e, por fim e mais importante, deposite inúmeros quilos de respeito, consciência social e educação. Espere pouco tempo e o resultado será o êxito e a excelência da instituição. Esta é, obviamente, uma receita imaginária. Entretanto, nada impede que cada um colabore, adicionando ingredientes de boa qualidade para o avanço da sociedade e ultrapassagem das disparidades existentes.

IV. SOU PROFESSORA, SOU NEGRA: tomando conhecimento sobre as informantes

Desde o começo da pesquisa, através de um longo e profundo estudo bibliográfico, vim me preparando para esta fase. Esta que é o ponto chave e sem dúvidas, o auge do trabalho. As fases iniciais de leitura e aprofundamento teórico, que ocorreram na construção do projeto de pesquisa, elaboração dos capítulos e do roteiro de entrevista foram relevantes para o sucesso dessa parte do processo, respaldando-me para questionar os temas que nem sempre são discutidos abertamente.

A fase das entrevistas narrativas ocorreu no primeiro semestre do ano de 2015, com três docentes do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, na própria instituição. Pode-se de antemão afirmar que por serem mulheres negras, docentes universitárias, por possuírem um incontestável conhecimento acerca da temática da presente pesquisa, as três falas consubstanciaram muitíssimo este trabalho de pesquisa.

As três docentes atuam no Ensino Superior há mais de uma década, 15, 11 e 23 anos especificamente, são naturais do Estado do Pará, também residentes do mesmo, autodeclaradas pertencentes à raça negra e se encontram na faixa etária de 30 à 65 anos. Todas possuem graduação, especialização e mestrado e uma está prestes a terminar o doutorado. São formadas em Licenciatura plena em Pedagogia, duas pela Universidade Federal do Pará e uma pela Universidade do Estado do Pará, possuem 17, 19 e 33 anos de graduação.

A escolha das informantes deu-se pela marcante passagem em minha trajetória acadêmica ou pela representatividade que possuem na universidade. Usarei pseudônimos de “lindinha”, “docinho” e “florzinha”, as quais remetem à personagens de um desenho animado chamado “as meninas super poderosas” que marcou minha infância. Nele, três garotinhas foram criadas a partir da junção de açúcar, tempero, elemento “X” e tudo que há de bom, são extremamente fortes, lutam contra as forças do mal e possuem superpoderes incríveis, como voar, força sobrenatural super velocidade, invulnerabilidade, visão de raio-x, super sentidos, visão de calor e projeção de energia. Lindinha é o açúcar da mistura, a caçula e a mais meiga, inocente, observadora e doce de todas, docinho é o tempero, a mais corajosa, lutadora e agressiva, já florzinha é tudo que há de bom, a líder do grupo,

determinada, batalhadora e metódica. Tais características se assemelham com as das professoras participantes, doçura, coragem e liderança, respectivamente na ordem que as personagens foram citadas e que as informantes foram entrevistadas e serão faladas nesse capítulo.

No início desse trabalho explicou-se a entrevista narrativa como um procedimento metodológico que possibilita conseguir uma maior quantidade de informações acerca do objeto da pesquisa, quando através de um diálogo direcionado por temas geradores, os participantes contam suas histórias, pois acreditam ser importante para a discussão e principalmente, porque são relevantes para a sua história de vida.

O roteiro de entrevista dessa pesquisa era composto por sete temas geradores, e cada um vinculava-se a um objetivo específico, os quais deveriam ser alcançados através das análises das respostas das informantes e caso não fossem claramente alcançados, poderiam abrir margem para questionamentos não pertencentes ao roteiro, como indagações não previamente estabelecidas e redigidas. Tais temas serviram de norte para que cada informante pudesse discorrer livremente e de suas falas emanassem elementos de sua história de vida.

As entrevistas narrativas possibilitaram-me uma evolução como pesquisadora, saindo dos questionários fechados, estruturados ou semiestruturados, proporcionou-me uma aproximação, com meus sujeitos, que eu pensava não dever ou sequer poder existir. A inexperiência e a timidez inicial foram motivadores para realizá-las e não o contrário, como se poderia supor, e talvez tenham me ajudado a fazer com que fosse mais real e não algo sistematizado e mecanizado.

Em seguida veio a parte mais “braçal” do trabalho, a transcrição. A primeira entrevista teve a duração de 43 minutos e 22 segundos, a segunda teve 1 hora, 2 minutos e 22 segundos e a terceira e última 31 minutos e 27 segundos. A gravação ocorreu segundo os princípios da entrevista narrativa, literal, logo, esta foi a parte menos cognitiva e mais manual e conseqüentemente mais trabalhosa da pesquisa.

Os sete objetivos específicos pré-estabelecidos, para cada tema gerador, pertencentes ao roteiro de entrevista narrativa foram alcançados, uns ficaram evidentes de forma explícita, outros de maneira subjetiva, os quais possibilitaram diversas interpretações.

4.1 O doce sabor do êxito: A trajetória de Lindinha

A primeira entrevista foi uma excelente iniciação no que concerne à entrevista narrativa, pois essa foi a minha primeira experiência nesse campo até então desconhecido. A receptividade e colaboração foram as principais e melhores impressões iniciais que eu poderia ter. A fala repleta de sentimentos, doçura e emoção me permitiu enxergar a professora, que aqui chamarei de “lindinha”, como sujeito histórico e não apenas como profissional.

As impressões mais significativas, expressivas e marcantes dessa primeira entrevista foram a do comprometimento com a sua profissão e conseqüentemente com a causa educacional, da disposição em ajudar e da confiança, pois foi uma conversa aberta e a lindinha estava visivelmente a vontade em cada resposta a mim direcionada, sendo ela gravada ou não. Naquela tarde chuvosa pude conhecer a história de vida pessoal e trajetória de vida profissional, no entanto e mais importante, pude conhecer a professora lindinha como cidadã, como mulher.

Ocorreu em uma sala de aula no bloco II do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará. O ambiente era silencioso e propício à esse tipo de coleta de dados, por ter a necessidade da realização de gravação. A informante solicitou que os demais saíssem da sala para que não houvesse interrupções externas. Altamente colaborativa, se dispôs em seu horário de intervalo entre uma aula e outra a contribuir com a pesquisa.

Com tranquilidade e serenidade a entrevista foi fluindo e a informante lindinha foi discorrendo sobre sua vida como quem conta uma história infantil, repleta de suavidade e de sonhos se concretizando. Com voz calma e mansa, ela passou a narrar em ordem cronológica sua trajetória profissional, esta que a todo momento estava entrelaçada com questões pessoais. Abordando desde a infância difícil no município de São Domingos do Capim, interior do Estado do Pará, até o ingresso na docência superior.

É facilmente perceptível a relação que a primeira informante faz de sua vida pessoal com a estudantil e profissional. Na maioria dos momentos se faz notório a importância da educação e do incentivo maternal para que alcançasse os objetivos por ela previamente estabelecidos. Em muitos momentos, mostrava a sua crença na capacidade transformadora que a docência possui.

É notória a gratidão e emoção ao falar do apoio da mãe no que concerne ao incentivo à continua formação que obteve. Possuir uma base matriarcal consolidada se mostrou de imensurável relevância para que a situação em que ela e seus familiares viviam. E o principal é o reconhecimento do esforço desmedido direcionado à ela para que pudesse ter e aproveitar as oportunidades que surgiram ao longo da sua caminhada.

Nós não podemos discutir aqui que talvez essa pessoa tenha menos capacidade do que a outra, o que nós estamos falando aqui são de oportunidades e as oportunidades as vezes não são possíveis à essas pessoas, eu sou pessoa que poderia não ter tido a oportunidade se de repente minha mãe não tivesse vendido o vale transporte dela pra eu frequentar a escola de ensino médio, se ela não tivesse trabalhado de manhã de tarde e de noite, em casa de família, lavando roupa, vendendo bolo pra que eu pudesse frequentar uma universidade, então ela garantiu pra mim a oportunidade e ao ter essa oportunidade eu pude alçar todos os graus necessários pra que eu pudesse alcançar meu objetivo.

No trecho acima fica claramente expresso a relação entre o seu êxito escolar e profissional com a dedicação da mãe, quando se percebe que a privação e doação desta última proporcionaram a oportunidade para Lindinha ingressar, permanecer e concluir os estudos. A mãe consentiu que ela sonhasse e foi fosse muito além disto, permitiu que ela traçasse metas, alcançasse seus objetivos, realizasse seus sonhos e transformasse sua vida. Oriunda de uma área rural teve como referência profissional suas professoras. Dedicou-se ao trabalho juntamente com os estudos para se manter na universidade. Viu na educação um esboço do que poderia vir a ser seu futuro, dedicou-se muito aos estudos desde antes da graduação para que isso se tornasse real.

Na própria fala, aborda que a educação foi a forma encontrada por ela para superar uma situação de marginalização, a da pobreza econômica. Se tornar docente foi o modo que ela encontrou de ter uma carreira estável e conseguir transformar sua realidade, como se percebe nessa fala sua:

Eu sei que o teu tema tá falando da questão de ser negra, mas foi muito mais do que isso, foi ser negra, foi a questão socioeconômica, foi o fato de vir da zona rural pra zona urbana, então imagina, junta tudo isso e aumenta bastante e aí você vai ver que é muito complicado, mas eu consegui trabalhar bem isso, focando na educação, acreditando naquilo que minha mãe falava que através da educação eu transformaria toda essa realidade, e assim eu fiz.

A emoção na voz da informante transparecia principalmente quando falava de sua infância e adolescência no interior do estado do Pará. Tratar a história de vida se tornou claro nesses momentos, quando com olhos lacrimejantes e brilhantes, as suaves e doces palavras foram saindo com evidente nostalgia. Porém, diferente do que se pode supor, esses minutos não atrapalharam o decorrer da entrevista, totalmente ao contrário, enriqueceram-na muitíssimo, deram vida, tornando real.

A dificuldade de ser mulher, de classe econômica baixa, da zona rural e negra no Brasil é de simples percepção e de amplo conhecimento, mas no trecho acima exposto isso se torna facilmente visível quando as palavras saltam no papel ratificando tal afirmação. Lindinha sofreu uma quádrupla discriminação, fazendo com o seu processo de formação e de amadurecimento fosse muito mais árduo.

Ao contrário do que se comumente pensa ao falar de mulher negra, ela afirma não ter sofrido discriminação por ser pertencente ao sexo feminino, nem pela coloração da pele. Melhor dizendo, ela aborda que vestiu uma “armadura”, digamos assim, que não permitia que ninguém pudesse colocá-la em uma condição marginalizada por causa da pigmentação de sua pele.

Durante toda a minha vida desde que eu me formei eu assumi uma postura de não me sentir inferior a ninguém, que talvez não tenha percebido, se alguém tentou não conseguiu, porque eu sempre me coloquei muito no mesmo patamar que as outras pessoas, apesar de ser pequenininha, ainda tem isso, viu? (risadas).

No que concerne à experiência profissional por ocupar cargos que vão desde a universidade até aqueles que estão além das carteiras de uma sala de aula, trabalha com a chamada pedagogia social que atua em ambientes não formais e não-escolares, e deixa claro a importância da abrangência que o curso de Pedagogia proporciona.

Eu também já era pedagoga da Santa Casa, desde 2004, eu fui a primeira pedagoga a ingressar na Santa Casa através de concurso público, então eu tenho uma paixão muito grande pela pedagogia hospitalar e isso passou a pesar muito num outro sonho meu, o sonho da docência no ensino superior

Além de ministrar disciplinas que mostram algumas das inúmeras vertentes que a formação em Pedagogia proporciona, o trecho acima retrata uma área que vem crescendo consideravelmente, a pedagogia hospitalar. E Lindinha foi a primeira pedagoga concursada da Santa Casa de Misericórdia do Pará e esse fato foi

determinante para a escolha da instituição de Ensino Superior que ingressaria como docente.

Ao chegar ao final, lindinha deu uma mensagem motivadora às mulheres negras, e pobres, cuja foco central era que jamais se deve desistir dos sonhos, que através da batalha diária eles podem ser realizados, que se existem dificuldades, que elas sejam uma espécie de impulso, jamais um freio. E fala também da capacidade transformadora que a educação possui.

Eu só queria dizer assim que, pras mulheres que são negras, pobres, que têm alguma dificuldade em acreditar nos seus sonhos, nos seus projetos, eu quero dizer que devem correr atrás das coisas que acreditam, porque os desafios eles são importantes pra que a gente possa crescer, pra que a gente possa se desenvolver, eles não devem ser vistos como barreiras intransponíveis sobre as quais nós vamos deixar nossos sonhos morrerem, mas que eles devem se vistos como, é, montanhas que a gente pode subir, ultrapassar e ir muito além, porque nós temos que acreditar na nossa capacidade de ser mais, de ser mais em qualquer área.

Lindinha demonstra toda sua doçura nas palavras acima, quando além de discorrer sobre sua vida, dispõe seu tempo para incentivar outras mulheres negras a perseverarem no alcance de seus objetivos e metas, independente das circunstâncias em que se encontrem. Nessas breves linhas a Lindinha mulher, professora e mãe se fez presente.

4.2 O tempero do sucesso: A bravura no percurso de Docinho

A segunda informante, que aqui chamaremos de “docinho”, foi a que por mais tempo falou. Discorreu acerca de experiências pessoais e profissionais, sobre os erros e acertos de sua trajetória de um modo extremamente claro e coeso. Uma característica central, que pode ser destacada nesta professora se refere ao natural instinto de liderança.

Essa entrevista ocorreu no local de trabalho da referida, o gabinete da chefia de um dos departamentos da universidade, com algumas interrupções externas, fosse de pessoas que também trabalham no local, de telefones tocando ou de ônibus passando, em função da proximidade com a pista que passa em frente a universidade.

Foi o momento da pesquisa em que uma informante mais tratou da questão racial e educacional. A fala sobre a importância de uma base familiar sólida se deu através de uma indagação minha, exterior ao roteiro de entrevista, por isso, Docinho só abordou o lado pessoal nesse momento, ao final do roteiro de entrevista, já nas partes iniciais o discurso era centrado na carreira, no campo e sistema educacional.

É de conhecimento comum a relevância que uma base familiar, que visa o crescimento e progresso dos filhos, possui na construção pessoal e formação profissional dos mesmos. Podemos afirmar que foi uma unanimidade, entre as participantes, a importância que a família teve para que os sonhos fossem realizados, os projetos concretizados e os estigmas esquecidos. Uma educação moral e ética domiciliar, criou cidadãos, mostrando como lidar com questões delicadas, à exemplo da discriminação racial, e também dando um direcionamento para que situações marginalizantes, como a origem socioeconômica, fossem superadas, como diz Docinho:

os saberes pessoais que eu tenho, eu aprendi com o papai e com a mamãe, eu não aprendi na rua, na realidade eu não aprendi em lugar nenhum, eu aprendi com eles, esse o saber respeitar, o saber compreender, o se respeitar, do amar o próximo, da tolerância, do silêncio, é uma coisa que eu tenho hoje, que eu converso, que eu levo pra frente, que eu aprendi com o papai, que você nunca, nunca revide a uma agressão, porque você vai se arrepender mais.

Em cada palavra dita se nota a paixão pela docência e conseqüentemente pela educação, mas pode-se dizer que especialmente a esta informante, se dirige para o campo da gestão. Ela possui experiência desde a educação infantil até a docência no ensino superior, em seus mais variados âmbitos, o que lhe permitiu falar da realidade educacional vivenciada, com propriedade.

Por ocupar um cargo de chefia na área de gestão, possui uma presença forte, palavras convictas e uma postura extremamente profissional. Consciente da onde veio e de onde quer chegar, fez-se clara a sua capacidade de gerir, ensinar e sua consciência racial. Crente no poder que a educação possui de formar uma sociedade que respeite princípios básicos de convivência, ela defende a bandeira da autoaceitação para o progresso comum.

A importância familiar para que ela atingisse o seu objetivo de se tornar uma professora universitária fica clara na parte final da entrevista, quando fala que através da solidez da sua família quanto a sua estruturação. Relata que foi possível

que seus irmãos, em sua maioria também professores, mudassem a realidade sócio-econômica de todos. Filha de pais com formação básica, a mãe concluiu os estudos recentemente. Exalta enfaticamente a importância da educação advinda de casa para uma convivência pacífica entre seres humanos, independentemente da coloração corpórea.

No que se relaciona a como se sente quanto à situação de ter sofrido e ainda sofrer discriminação por sua cor, seu gênero e sua questão econômica original, Docinho mostra uma postura com autoestima elevada, seguindo alguns ensinamentos dos seus pais.

E se tu me perguntares assim: “professora, isso lhe abala?” nenhum pouco. Porque agora, isso não é regra também, não me abala porque eu tenho uma segurança pessoal, emocional, de formação. Venho de uma estrutura familiar muito sólida, muito amorosa que ela não tem espaço pra esse tipo de ofensas, de críticas, de piadas, não tem. Mas isso sou eu [...] essas críticas, elas te abalam, elas te desestruturam... comigo nunca aconteceu de me desestruturar e eu nem vou perder meu tempo pensando nisso, tá, mas porque eu tenho essa base familiar, a maioria não tem.

Em outro trecho reafirma essa posição:

Então, faz muita diferença um lar feliz. Um lar assim, cheio de amor, cheio de ensinamentos, cheio de orientações que a gente recebe, sabe?

Assim como lindinha, docinho também é originária do interior do Estado do Pará e ressalta a importância da construção afetiva e identitária proporcionada em casa através da relação com os pais e irmãos. O relacionamento familiar lhe proporcionou uma maneira de relevar toda e qualquer discriminação contra ela, seja pelo fato de ser mulher, de ser negra ou de ser mulher e negra. Citou diversas situações ocorridas no ambiente de trabalho e fora dele, e através delas demonstrou a gravidade e a veracidade do preconceito racial e do racismo velado no Brasil, enfaticamente no âmbito educacional.

A educação foi o ponto chave da narrativa desta professora, pelo fato de que, nesse momento, ocorreu uma espécie de “relaxamento”. A fala fluiu mais naturalmente e de maneira mais extensa, quando abordou a realidade que envolve a profissão escolhida, de modo que conta suas preferências e experiências no decorrer de mais de duas décadas na área educacional, como se pode ver no trecho abaixo:

Esse encontro com as educações, com a educação de modo geral, ela se dá de modo saudável, porque a gente aprende, a gente ensina, a gente reaprende, a gente se permite se modificar, a gente se modifica com os outros nessa perspectiva bem freiriana, se educar conjuntamente e aí a gente vai construindo processos educativos, ações educativas de modo muito saudável.

Durante toda a extensão da sua narrativa, Docinho trata das inúmeras e visíveis dificuldades vividas por pessoas negras, com ênfase, contudo, nas mulheres. Trazendo situações reais, no campo pessoal e profissional, comprova que através da entrevista narrativa se pode conhecer o informante mais profundamente, acessando aspectos que ultrapassam a superficialidade de uma fala obtida com outras técnicas de entrevista, o que pôde ser notado quando discorreu sobre as dificuldades encontradas no percurso para atingir a docência no ensino superior, porém, fazendo uma ressalva de que titulação e cargo ocupado não amenizam a discriminação, ela apenas impõe uma carga extra àquelas que se dispõem a seguir por esse caminho, fazendo com que se sintam obrigadas a se esforçar mais do que os demais.

O preconceito racial foi uma pauta de imensurável importância, para o entendimento de uma maneira global, da identidade racial da Docinho. Através de situações ocorridas dentro e fora da universidade, com ela sendo o sujeito ou não, deixa evidente a criticidade de algumas circunstâncias que envolvem indivíduos negros.

Inicialmente era perceptível o distanciamento da informante, quando se lê ou ouve a primeira resposta, pois foi concisa e breve. Entretanto, com a criação de laços e estreitamento da relação pesquisador-informante nota-se, na sua própria fala, uma espécie de desarmamento, possibilitando que a entrevista ocorresse normalmente, mais específica e mais leve.

Docinho é muitíssimo respeitada pelas paredes da academia, com autoestima elevada e alegria ao falar da vida profissional, acadêmica, estudantil e pessoal, revela que a firmeza nas decisões tomadas, das posturas tidas e das palavras ditas, foram o que a conduziram ao atual estágio de vida. Como a própria informante fala, existe uma Docinho pedagoga e uma Docinho pessoal, leve e tranquila.

4.3 Ter tudo que há de bom é triunfar: A história de Florzinha

Florzinha foi a última docente a ser entrevistada. Dotada de um currículo invejável, estudiosa de vários temas que cercam a educação, desde a gestão educacional até a questão racial, é uma participante ativa do Movimento Negro Unificado, sediado no estado do Rio de Janeiro e crente na capacidade humana de formar igualitária e independentemente de cor, gênero ou opção sexual pessoas que tenham como objetivo do seu curso superior o exercício do magistério.

A entrevista ocorreu em um ambiente favorável à realização desta metodologia, a sala dos professores do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará. Este espaço possui subsalas direcionadas à orientações e reuniões com poucos participantes, pois são pequenas. A última entrevista realizada para esta pesquisa ocorreu em uma dessas subsalas, um local silencioso, climatizado e aconchegante que sem dúvida auxiliou no progresso e sucesso do desenvolvimento da narrativa da docente.

Da mesma maneira com que caracteristicamente conduz suas aulas, a informante foi direta, objetiva e concisa na elaboração de sua fala às questões que lhe foram colocadas. Deve-se destacar sua disponibilidade em contribuir com a pesquisa desde o momento em que lhe foi feito o convite, até ao colocar os fones para que a gravação ficasse boa e facilitasse a transcrição, como a própria sugeriu na ocasião. Surpreende seu engajamento, desde a juventude, em movimentos sociais e movimentos raciais. Embora se deva fazer jus ao fato de se mostrar aberta a participar e responder todos os questionamentos, constituiu-se na entrevista mais breve por sua intensa precisão ao elaborar suas opiniões e posicionamentos.

Sua fala percorreu os principais focos do roteiro de entrevista, entretanto foi centrada na questão racial e na questão da igualdade, seja de direito, tratamento ou ingresso no cenário educacional. Isso se deve ao fato de ter sido e continuar sendo, mesmo que não mais com a assiduidade de outrora, militante de movimentos que visam à igualdade em todos os seus sentidos, significados e sinônimos.

Assim como as primeiras informantes, florzinha discorre sobre a importância do incentivo familiar para a continuidade dos seus estudos, quando demonstra que a crença de sua mãe na vocação de ensinar foi essencial para que estivesse na posição em que se encontra atualmente e, também, para que fosse uma agente transformadora da realidade em que se encontra. O trecho abaixo revela elementos desse posicionamento:

O que me levou a ser professora foram muitas coisas, né, mas principalmente porque eu sempre gostei de estudar e em casa eu sempre fui muito incentivada à estudar e a minha mãe, ela dizia que eu tinha o dom pra ser professora (risadas) [...] o que eu posso dizer é que houve um incentivo dentro de casa, apesar de que a minha mãe não era professora, mas acho que tudo, ela acabou me levando pra isso, né, pra assumir o magistério e até hoje eu não me arrependo de ter entrado na carreira do magistério, eu gosto muito, me dedico e foi assim.

Veio de uma família humilde, porém afirma não ter lhe faltado nada, pois vinha de uma família que valorizava o ambiente escolar e lhe garantia a frequência escolar.

Eu, graças a Deus, não tive que... não tive dificuldades pra estudar... a minha família apesar de pobre, mas meu pai trabalhou muito, muito mesmo, pra que eu tivesse boas escolas, tivesse condições de estudar, tivesse o meu material. Não precisasse trabalhar na infância ou na adolescência pra me manter na escola. Graças à Deus eu tinha quem lutasse por mim, os meus pais fizeram isso. Eu entrei na universidade relativamente cedo, mas a minha situação enquanto pobre e negra, né, era diferente de muitas, de muitos jovens negros e pobres que não tinham quem lutasse por eles.

No que se refere a sua formação moral, pessoal e intelectual traz a mesma ênfase: não lhe faltou nada. Essa questão dos ensinamentos familiares para reação à práticas nocivas de preconceito, racismo e discriminação são os pontos em que ela traz a vida pessoal ao seu discurso, enquanto o resto da entrevista enfatiza os âmbitos acadêmico e profissional. Especialmente, destaca a importância da instrução familiar no que concerne ao enfrentamento do preconceito. Isto foi um fato marcante para florzinha, que nunca se vitimizou ou se escondeu quando lidou com situações em que era vítima de discriminação, seja racial ou de gênero.

Essa questão do negro, ela sempre foi trabalhada lá em casa. Então, a minha mãe ela sempre esteve, assim, a frente do tempo dela, então essas questões de racismo ela sempre se indignava muito, ouvia, lia, minha mãe lia muito, e uma coisa ela ficava falando pra gente: “nunca se deixe humilhar por causa da sua cor”. Ela repetia muito isso.

Deve-se ressaltar também que a relação com a educação sempre esteve presente em sua vida, seja como participante de diretórios acadêmicos, de integração social, como o Projeto Rondon e de movimentos sociais, assim como ministrando aulas. Apaixonada e dedicada pela profissão que escolheu, mostrou que a educação e o gostar de estudar podem conduzir para este caminho.

Deve-se ressaltar também que esta informante destacou sua posição quanto a ser totalmente a favor das cotas raciais para as universidades públicas, por crer que a dívida histórica, que a sociedade possui com a população negra, tem obrigação de ser saldada e é um dever igualar o acesso aos cursos de ensino superior, em universidades públicas.

Considero as cotas uma justiça. Justiça mesmo! porque nós estivemos sempre tão penalizados e tão afastados, foram negados tantos direitos pra gente, que essa dívida, felizmente, está sendo resgatada. Então eu sou completamente a favor das cotas raciais!

Ao chegar ao assunto “discriminação racial”, Florzinha diz já ter presenciado inúmeros casos inconcebíveis de racismo e afirma já ter sido vítima várias vezes, na própria universidade onde atua como docente, inclusive. E sempre teve uma postura de combater tais situações, reagindo a toda forma ou processo que resvale no preconceito racial.

É extremamente evidente a importância do esforço dos familiares das informantes para que elas ingressassem no mundo da educação e nela permanecessem, seja através do incentivo material ou moral. Oriundas de famílias economicamente desfavorecidas é notável a gratidão que elas sentem pela oportunidade que lhes foi ofertada, esta que muitas vezes foi custeada pelo suor e esforço de seus pais.

V- QUANDO A DOCÊNCIA ESCOLHE, A EDUCAÇÃO ESCURECE: NARRANDO TRAJETÓRIAS

No presente capítulo, e no que o segue, serão apresentadas as falas das professoras, proporcionando à quem está lendo as impressões angariadas nas entrevistas e possibilitando que as enxerguemos como indivíduos complexos e não apenas como profissionais da educação, dando, é claro, uma atenção especial para o que concerne às experiências vividas, conhecimentos adquiridos e concepções sobre educação, gênero e raça, além de ressaltar questões que tenham emanado de seus posicionamentos e relativos a trajetória escolar, à formação docente e a implementação das cotas raciais.

5.1 Não sou desenho animado, mas tenho superpoderes: Prazer, Educação!

A educação tem o incrível poder de libertar e transformar o indivíduo e a realidade que o cerca, já que no processo de educação “nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela” (FREIRE, 1996, p. 46). Vejamos o que diz Lindinha sobre isso:

ao entrar na universidade, eu acabei descobrindo diversas possibilidades de me manter e, como minha mãe sempre colocou pra gente que o estudo era que transformaria a nossa realidade, era que nos daria novas perspectivas, eu acreditei muito nisso. Então, isso ficou pra mim como algo muito forte que eu deveria buscar, que eu deveria ser a melhor nessa parte, do estudo, pra que eu pudesse garantir uma transformação da realidade que a gente vivia.

Pode-se observar que a docente ratifica o caráter transformador e libertador que a educação ou a escolarização possui, quando acreditava que o avanço nos estudos modificaria a realidade sócio-econômica e liberta quando a tira de uma situação de marginalização. Ao aproximar a posição de Paulo Freire com a de Lindinha, percebe-se claramente que a informante e sua mãe, viram na educação uma possibilidade estabilizar a vida.

Já foi anteriormente discutido que o ato de educar é ampla e facilmente relacionado ao sexo feminino. O afeto e familiaridade com a relação de parentesco maternal, proporcionados por professoras, podem agir como exemplos para os

educandos. Lindinha relata ser um desses casos, em que o respeito fraterno que essas docentes causam é capaz de influenciar na escolha profissional dos alunos:

E, eu lembro da professora, sempre cuidando da gente muito mais como alguém da família, exatamente por pertencer ao meso grupo, grupo social, mesma comunidade na qual eu morava, a professora morava lá perto também. Então aquilo me despertou assim a vontade de me tornar professora quando crescer [...] a educação permeou toda minha vida e que as figuras, principalmente femininas, do magistério influenciaram significativamente a minha escolha profissional. E aí eu falo também de relações de afeto, principalmente que são as coisas que mais marcam a nossa vida. Então eu tive professoras muito próximas em que eu tive muita estima, muito amor em todas as fases de minha formação e isso fez com que eu buscasse a docência como carreira, como profissão na minha vida .

Ao ressaltar a significativa importância das professoras ao longo de sua trajetória e identificação com uma profissão, Lindinha revela a relação do vínculo afetivo com a permanência na escola e a construção de projetos de futuro, quando discorre sobre a influência exercida por suas primeiras professoras na escolha da carreira do magistério.

Quando perguntadas acerca da motivação para se tornar professora universitária, todas afirmaram ser “natural” escolher essa dimensão profissional, pois a educação sempre fez parte de suas vidas, seja através do incentivo familiar, do gosto pelo estudo ou como fonte de esperança na modificação de uma situação vigente.

a resiliência é algo que marcou muito a minha vida, porque todas as dificuldades que eu enfrentei em cada uma das fases eu consegui superar, por ter objetivos muito bem definidos do que eu queria ser. Então eu, desde criancinha, queria ser professora, eu fui progredindo “eu não quero ser professora da educação básica, agora eu quero ser do ensino superior” então o que eu preciso fazer na minha carreira acadêmica pra que eu consiga chegar nesse meu objetivo? E assim eu fiz. (Lindinha).

As demais informantes também discorreram sobre as motivações da opção pela carreira docente, deixando claro que assim como Lindinha, suas vidas sempre estiveram entrelaçadas com a valorização da escolarização:

acho que o ser professor tem muito isso, não é querer ser ou não, tem muito da vocação, da aptidão, do lidar com pessoas, lidar com as diferenças, estar no meio outros indivíduos, tem o que ensinar,

saber como ensinar, eu ainda acredito muito na tal da vocação, da aptidão. (Docinho)

A mesma professora ainda relaciona sua vida com a educação quando fala do seu primeiro contato com o ato de educar, da sua afeição por ensinar, da questão de afirmação identitária quanto professor:

Quando eu tinha 12 anos, eu dava aula de reforço pra outras crianças e isso é interessante. Foi uma memória interessante desse contato com a educação e foi minha primeira experiência e eu ainda era adolescente e eu gostava muito, como gosto até hoje [...] era algo que me chamava atenção e que essa tem um aspecto do que é ser professor que é a questão da liderança, né, você saber alguma coisa e querer compartilhar isso com outras pessoas [...] creio que a própria experiência de vida enquanto estudante, as relações com outros professores, a relação com a escola de alguma forma elas acabam te influenciando a ser professora ou não, essa afirmação de identidade do ser ou não ela vem muito com as vivências. Creio que isso ficou mais visível durante o magistério no ensino médio que eu fiz, no magistério pedagógico ficou mais acentuado, esse ser professor, as disciplinas pedagógicas, a relação com os professores também eles me chamaram muita atenção pra isso e obviamente ao longo da tua vida como estudante, alguns professores te chamam atenção, pela forma de conduzir o trabalho.

Docinho trouxe em sua fala cima transcrita, a importância que o contato que teve com a educação no decorrer de sua trajetória e também o modo como os educadores, que passaram por sua vida, trabalhavam influenciou em sua escolha profissional. Mostrando seu ponto de vista no que concerne à predisposição à exercer tal função, pensamento contrário ao de Florzinha como pode ser observado na sua fala:

Eu não acredito muito nessa coisa de dom para uma profissão, mas toda orientação que eu recebi me levou pra isso, né, eu fiz o curso de magistério, depois eu fiz da pedagogia, mas eu comecei muito cedo (Florzinha)

No que concerne à trajetória de vida para se tornar professora universitária, Lindinha expressa nitidamente a importância de trabalhar no que se gosta e também trata do ponto chave da presente pesquisa, ou seja, as dificuldades e os acertos durante esse processo:

Eu escolhi quem eu queria ser e busquei ser de verdade essa pessoa. Eu queria ser professora universitária, eu queria ser bem sucedida, eu queria poder fazer um trabalho que eu gosto, eu queria

poder estar com pessoas [...] E ao ingressar aqui eu vi esse campo como uma possibilidade não só de eu trabalhar a questão da docência, mas também de criar outras possibilidades através da pesquisa e da extensão – educação não escolar. (Lindinha).

Ao falar de escolha profissional ela revela todo seu investimento pessoal. Não foi por acaso que seguiu esse caminho, ela o buscou quando traçou um plano e o seguiu fielmente. Lindinha fez da carreira docente muito mais do que seu emprego, fez sua meta de vida e sua realidade. E ao alcançar tal objetivo, percebeu que ele poderia facilmente ser expandido sem deixar de fazer o que tinha escolhido.

No início foi difícil, que aí entra de novo a questão do gênero e da raça. É, tinham muitas situações envolvidas no início da minha formação profissional, no início do meu exercício, não da minha formação, do meu exercício profissional, que era o fato de ser muito nova, o fato de ser negra, também, o fato de vir de uma origem socioeconômica muito baixa. Então tudo isso acaba influenciando e a gente sabe que existe uma certa concepção de como tem que ser professor universitário, na cabeça das pessoas, é um professor com mais idade, é um professor com uma determinada, vamos dizer assim, aparência, a gente sabe que tem muito isso. E quando eu comecei a dar aula, eu digo assim que eu aprendi desde cedo uma palavra que sempre foi muito forte na minha vida: ‘resiliência’ (Lindinha).

A palavra “resiliência” foi várias vezes citada na fala de Lindinha, a superação de condições marginalizantes, a crença no seu potencial, na capacidade transformadora que a educação possui e no sucesso que o esforço desmedido que fazia diariamente, em conjunto com sua família, seria recompensado no futuro, fez com que questões extremamente complicadas na realidade vigente da sociedade brasileira como gênero, raça, ser originária da zona rural e baixa renda se tornassem fontes de energia e de vontade de ultrapassar tais empecilhos e superar tais condições.

a minha relação com a educação é como eu te falei antes, eu sempre tive envolvida coma questão do magistério, mas já na universidade eu participava de movimentos, eu fui do DAC que era o diretório acadêmico do curso de pedagogia e isso me fez, essa participação no DAC, me levou a ter uma visão bem ampliada e junto a isso eu comecei a participar de alguns movimentos sociais voltados pra questão da educação. (Florzinha).

Uma questão marcante no discurso da informante Florzinha é a militância em diretório acadêmico, movimentos negros, movimentos sociais e outros. A luta por uma aceitação e reprodução da igualdade de direitos, de tratamento e de

oportunidade foi presença ativa na trajetória estudantil e docente da mesma, isso se torna claro quando reúne luta militante com espaço de formação.

Por serem participantes ativas de inúmeros processos educativos, possuem visões contextualizadas e internas acerca da realidade educacional vigente, como se percebe na reflexão realizada por Docinho:

a gente tem que pensar: que educação é essa? Parte muito da concepção que a gente tem, da crença que a gente tem sobre o que a gente faz. Creio que é isso que permite uma trajetória de muitos ganhos, de muitas oportunidades, você acreditar no que você faz, você querer contribuir, é, se propor a essa contribuição com a educação, porque a educação não é algo que está fora de você, ela faz de você, ela está junto conosco o tempo todo, o pensar na educação dessa forma holística, não restrita a pedagogia, as licenciaturas, ao curso superior, mas educação nessa perspectiva de você poder construir saberes para além da tua área, quando você pensa dessa forma, você entende as diferenças, as limitações, as dificuldades, as oposições [...] e em relação a própria posição social hoje enquanto professor que é uma posição também de descrença, de desvalorização, de infinitas limitações a gente trabalha com isso o tempo todo, essa, principalmente essa descrença e desvalorização e aí, a partir dessa perspectiva que você constrói um princípio educativo, uma concepção ao mesmo tempo que ela é sensata, mas ao mesmo tempo propositiva no sentido do enfrentamento das condições educacionais que nós temos.

Por estar inserida na vida educacional e ter experiência em todos os seus âmbitos, docinho trata da realidade da educação de acordo com o que foi vivenciado por ela. Desde defendendo que a educação deve ser vista em seu modo mais amplo, universal, holística, e não segmentado, como comumente é feito até falando da desvalorização e descrença sofrida pela maioria dos profissionais da educação.

5.2 Educação: um substantivo feminino que não tem sexo

No tópico anterior foi citada a relação de gênero com o magistério, ou do sexo feminino com a docência. No que concerne a aptidão para essa profissão, no campo pedagógico já se tem claro que é uma questão independente de diferenças biológicas e anatômicas, mas, é sobretudo de habilidade e disposição. Sobre esse tema vejamos o que a posição de Florzinha nos revela:

A docente, ela é tão capaz quanto o docente. Acho que é uma questão de capacitação mesmo, de preparo, porque dá pra gente trabalhar legal, independente de ser homem ou de ser mulher. Tanto homem quanto a mulher são capazes de exercer a docência de uma

forma brilhante até, mas ainda assim a gente percebe que em alguns cursos a professora, embora ela seja muito, muito capaz, ela tem alguma dificuldade em lidar com os alunos, os alunos do sexo masculino, até porque eles são preconceituosos e as vezes na brincadeira eles deixam transparecer isso

Vivemos em uma sociedade historicamente machista, na qual a mulher é constantemente e rotineiramente estigmatizada e marginalizada. O estereótipo de que a mulher seria doce, frágil e inferior, alimenta inúmeras discriminações e generalizações. A predominância do pensamento masculino, com ênfase no ideário de supremacia da coloração branca sobre a preta, se encontra em toda e qualquer esfera da vida e com a educação não seria diferente. Docinho assume uma posição no que se refere a essa questão:

O ser mulher já é difícil, né? Por incrível que pareça a educação ser ocupada predominantemente pelas mulheres, as mulheres são discriminadas dentro da educação. Há uma tendência de maior respeitabilidade pelos homens e há também a ter uma tendência de respeitabilidade maior pelas mulheres. Eu observo na universidade, quando elas tem comportamentos similares aos dos homens, fechados, marrentos, mais distantes assim, e isso dá um certo grau de respeitabilidade e as mulheres são consideradas aquelas mais amorosas, mais maternas. Quando elas fogem disso, elas são odiadas. Ainda existe uma presença muito machista nessas relações dentro da universidade, há uma tendência a se aproximar mais da professora mulher, pelo seu jeito mais maternal ao mesmo tempo em que desmerece essa posição profissional dela e ao mesmo tempo que há um distanciamento do homem, dessa relação interpessoal com estigmas do machismo, do preconceito, incidindo talvez na supervalorização do que ele faz e aí é algo assim como a gente discutiu que inteligência e a competência também não está ligada a cor da pele, também não a questão do gênero, agora em relação a questão racial, nas relações creio que elas sejam muito presentes, os alunos tem uma tendência de gostar de quem é branquinho, bonitinho, passado no algodão, não do negro que em tese é considerado estranho e foge de um padrão de beleza, de cor de pele, existe essa preferência, isso é visível

No próprio curso superior, o discurso de que ser professora, em especial da educação infantil, é função feminina, facilmente é ouvido pelos corredores e salas da academia, revelando-se uma fala coberta de preconceito. Florzinha afirmou no decorrer de sua narrativa, que já passou por situações desse tipo:

Eu mesma, já fui discriminada várias vezes. Agora eu sempre reagi, sempre. Nenhuma das vezes eu deixei passar em branco.

No campo da educação, delimita-se aqui à área das licenciaturas, nota-se a presença de uma contradição, quando se diferencia os gêneros e se privilegia o professor ou a docência no masculino. As informantes afirmaram não terem sido vítimas de discriminação diretamente relacionada ao seu gênero.

Docinho e Lindinha afirmam que sofreram certa resistência por parte dos alunos, mas não como se poderia supor inicialmente, por serem mulheres e negras, e sim, por serem jovens, devido ao precoce ingresso na vida do magistério. Lindinha inclusive sofreu isso com a chefe do departamento no qual trabalhou no início da carreira:

Lembro que a chefe de departamento, que era como a gente chamava, né, na época que era o departamento de métodos e técnicas de orientação da educação, a sigla DMTOE, me chamou na sua sala depois que soube o resultado pra que eu pudesse assumir o concurso público, e ao fazer isso, ela ficou preocupada, porque viu que eu era muito novinha e perguntou se eu não queria mais um tempo pra me preparar, estudar, me apropriar dos conhecimentos, das ementas daquelas disciplinas pra que eu pudesse começar a ministrar as minhas aulas, e eu falei pra ela que não, imagina eu ficar seis meses me preparando, ia ser um sofrimento, e eu disse: 'não, eu já estou preparada. Pode me dar as turmas, pode me lotar que eu quero começar a dar aula já' (risadas).

Enfrentaram dificuldades em passar confiança e credibilidade não apenas por serem pertencentes ao sexo feminino e por terem a pele escura, mas também pela pouca idade que possuíam ao ingressar na docência de cursos superiores. Uma desconfiança que não vinha apenas dos alunos, era um sentimento comum entre os colegas de profissão.

As três primeiras aulas comecei, começa assim a cena: entro na sala de aula, sento na mesa, ninguém liga pra mim (risadas), os alunos estão todos dispersos e aí depois que tá todo mundo na sala, me apresento, eles ficaram super surpresos, porque pensavam que eu era aluna também [...] passei a dar as três aulas direto, somente aula expositiva sobre a disciplina, aí na terceira aula estavam todos me chamando de 'senhora' (risadas), então eu consegui conquistar o respeito por ter domínio do conhecimento que era necessário. Partindo dessa fase e aí eu já passei pra uma outra fase que aí nós conseguimos interagir melhor, que eu não precisava mais provar pros alunos que eu sabia, eu não precisava provar que eu não tinha passado a toa naquele concurso, que eu tinha passado, porque eu tinha todo um conhecimento. (Lindinha).

Assim como lindinha, Docinho também trouxe essa questão para a sua fala:

Logo que eu iniciei a carreira, o choque era maior, porque eu era mais jovem, então ainda tinha esse agravante de que a pessoa jovem, ela não passa credibilidade, era mais um agravante e eu tinha, tipo assim, rosto de menina, que era um problema pra mim isso, rosto de muito, muito menina e pegava turmas de matemática que eram basicamente homens, homens adultos, a noite e eu com cara de menina de 18 anos, parecia mais uma estudante do que uma professora, então foi um desafio se fazer respeitar, assim, com muito estudo, com muita dureza, né, que é uma coisa que eu tenho até hoje, eu sou muito exigente, sou muito rigorosa, amigos, amigos, negócios a parte, e isso vai criando uma relação e ao mesmo tempo uma referência profissional.

A juventude foi mais um dificultador na trajetória de Docinho, pelo fato de ter iniciado a carreira nova e sua aparência física demonstrar isso, ela afirma que muitas vezes isso era um choque para quem a conhecia antes de saber seu currículo. Em decorrência disso, pode-se supor que, sua personalidade forte e seu senso de responsabilidade e compromisso com o profissionalismo tenha sido aguçado ao longo do tempo.

Sou mulher, sou negra, sou pobre, vim de família pobre, vim do interior do estado, então a trajetória ela já mais difícil por si só, então assim, eu detenho todo os requisitos de dificuldade, de exclusão, da pobreza a negritude e ser mulher que também que é um outro elemento de exclusão e é isso que a gente faz, Thaís. Eu já ouvi piadas assim, das mais ridículas possíveis.

A informante Docinho discorre no trecho acima sobre as características que faziam com que uma pessoa tenha maiores obstáculos na vida e seja um alvo maior e mais fácil de discriminação, como o fato de ser uma mulher negra, pobre e do interior e ratifica esse pensamento quando diz que sofreu com o preconceito velado por possuí-las.

É indiscutível a relevância que a educação possui na vida, no cotidiano e na história das professoras informantes. É uma unanimidade que não foi e não será tão cedo um caminho fácil, porém não é impossível. A crença na transformação da realidade em que estavam inseridas foi o ponto essencial para o sucesso de todas.

VI- A EDUCAÇÃO DESBOTOU? VAMOS ENEGRECÊ-LA

É notório que a presente pesquisa pautou-se na discussão racial da docência. Ser negro é difícil. Ser negra e mulher é duas vezes mais, é estar sujeita a ser vítima do racismo e do sexismo. E ao unir essas duas variáveis à escolha de uma profissão que muitas vezes é desvalorizada e depreciada pela sociedade, fazendo com que a profissão seja inferiorizada por profissionais das demais áreas e inclusive por alguns da própria educação. Nesse capítulo se apresenta como as docentes veem a questão racial na vida e na educação.

Devemos lembrar que quando se diz que deve existir uma apresentação diferenciada da mulher negra, ela não pode ser apenas um indivíduo comum, deve superar as expectativas pra ser aceita e respeitada.

Infelizmente a gente ainda vive muito assim. A gente vive pelo que a gente representa e não pelo que a gente é... muitas amigas brancas de chegar e a primeira coisa que faz, pra ter uma referência é “minha amiga, professora da universidade”, não tem que ser só a docinho, não pode ser só a docinho, tem que dar uma referência pra dizer que você não é qualquer negro... tem que dar o teu currículo pra dizer: “olha, ela não é uma negra da senzala, ela já ascendeu pra casa grande (risadas)” e isso é ruim. (Docinho)

A fala acima retrata de uma maneira bem clara, simples e direta uma das inúmeras situações de e racismo velado que indivíduos da raça negra são obrigados à enfrentar. O dever de ser um profissional antes de tudo e qualquer coisa e não poder ser apenas mais uma pessoa, faz com que seja necessária uma espécie de carta de recomendação verbal para que pessoas pretas e pardas possam ser incluídas em algumas rodas de conversa. Fica evidente um discurso orgulhoso de pertencimento à raça negra. Existem percalços ao longo da vida, mas pelo simples fato ter uma pele escura, fala-se então da identidade racial que “é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida” (OLIVEIRA, 2004, p. 57).

A fala a seguir pertence à docinho e demonstra de maneira explícita a questão de identidade racial:

Eu me amo, essa foi a pele que Deus me deu, eu sou apaixonada por mim... Se você me chamar de negra, preta, como me chamam, pra mim isso não altera em absolutamente nada. Por que? Pra mim é um olhar carinhoso, é uma expressão, uma relação carinhosa.

A visão que Docinho tem de si mesma é um diferencial de diversas pessoas negras, especialmente as mulheres. Isso ocorre, em sua maioria, pela visão midiática europeia que dita padrões de beleza que têm como referência a pele branca, os cabelos lisos e loiros e os olhos azuis.

A informante mostra que ter uma identidade racial é uma das melhores e mais potentes armas contra o preconceito, principalmente contra o racismo. Como se viu anteriormente o Brasil é um país de muitas cores e raças, porém não possui e está absurdamente longe de ter, uma democracia racial. É ilusório defender que ela existe. Porém, Lindinha afirma não ter sofrido discriminação nos muros da universidade. Vivemos no país do preconceito velado, aquele que não aparece. A questão do racismo fica clara no cotidiano e nas narrativas das entrevistadas:

A mulher negra na universidade, ela tem um papel muito importante, embora se reconheça que muitas ainda não se aperceberam desse papel, principalmente da responsabilidade de mostrar a posição do negro na universidade, que não é uma coisa fácil, o acesso não é fácil, a permanência não é fácil, é, o país que se diz democrático, com uma democracia racial, a gente sabe que isso não existe, ainda há muita discriminação, muito preconceito (Florzinha)

Docinho aborda a questão:

Pra você ser aceito socialmente você precisa se aceitar na condição que você tem. Se eu sou negra, pra que eu vou fingir que sou branca? Por que eu vou imitar um padrão social que não me permite, que não sou eu?"

Lindinha pincela minimamente sobre o assunto:

Eu já fui vítima, sim, de preconceitos, mas é aquilo que eu te falava antes, eu não senti isso como algo forte na minha, isso não me impactou, isso não me fez mudar em nenhum dos meus objetivos, não me fez me sentir menor, porque isso tava muito trabalhado dentro de mim pela construção que eu fui tendo ao longo da minha vida.

O preconceito velado, infelizmente, é uma realidade no pensamento e no discurso da sociedade brasileira. É amplamente negado e facilmente encontrado. As pessoas com uma pigmentação corpórea distinta das mocinhas das novelas da televisão se veem obrigadas dia após dia à lidar com as mais diversas situações em que o racismo, velado ou não, está presente.

Lindinha prossegue insistindo que não identifica discriminação na sua trajetória, mas ao mesmo tempo revela que o fato de o foco de sua atenção ter

sempre estado em outros lugares mais importantes, ao seu ver, a protegeu de casos desse tipo:

Eu não percebi em toda a minha trajetória nenhum sentido de discriminação na universidade por ser mulher, por ser negra, por ser de uma classe social menos desfavorecida. Eu acho que é porque como eu venho de uma trajetória de muitas lutas, se isso aconteceu não me abalou, não mexeu comigo, com a minha autoestima, mas por outro lado é muito claro pra mim, por exemplo quando eu entrei no meu mestrado, de perceber que eu era sim a única negra naquela sala, mas não tive tratamento diferenciado por isso, né, não fui discriminada por isso [...] então isso não foi nada muito forte, nada que tenha marcado especificamente na minha vida, porque como eu te falo, o que marcou mais na minha vida, é, foi principalmente a situação socioeconômica, foram as dificuldades financeiras pelas quais eu passei que acabaram influenciando toda a minha trajetória, mas o fato de ser negra, não.

Nesses trechos se faz claramente presente a “armadura” que Lindinha escolheu vestir todos os dias da sua vida pessoal, acadêmica e profissional. Dando ênfase ao que mais lhe foi marcante: a questão econômica e afirmando não ter tido dificuldades por ser negra e mulher, mesmo quando estava entre indivíduos fisicamente diferentes, mas nem por isso teve um tratamento diferente dos demais.

Entretanto, Docinho assume outra posição e reflete sobre a relação entre a discriminação racial e a docência universitária, quando discorre que ser professor universitário não facilita nada para os negros, ao contrário, lhes é imposto uma condição de inferioridade, fazendo com que o esforço seja maior e o êxito seja mais surpreendente:

ser negro já é difícil, né? E você ser professor universitário, isso não, não te exclui nem te protege de nenhum racismo, nenhuma discriminação racial [...] e aí o que é ser professor negro dentro da universidade? É o enfrentamento todo dia, você tem que estudar mais, você tem que saber mais, você tem que se a pessoa branca, de pele branca, ela tem um talento “x”, você tem que ter “x, y e z”, você sempre tem que tá a frente. A tua necessidade de afirmação, ela é muito mais pesada em cima de ti, e a gente ouve as piores piadas, “ela é preta, mas trabalha bem”, “ela é preta, mas é inteligente”, “ela é preta, mas é competente”, sempre como um adversativo, “é, mas...”, “apesar de...”, “apesar de ser negra, tem capacidade”, o que não deveria ser o condicionante, porque a inteligência a competência ela não tá condicionada a cor da tua pele, né, mas a gente enfrenta isso, a gente ouve piadas nesse sentido, de alunos, de professor, de colegas, se tem alguém que é subalterno a você, nessas relações de trabalho é a mesma condição, então é um enfrentamento. Agora é claro que é mais chocante, porque a gente tá em uma instituição de ensino superior, então a priori a gente não

espera esse tipo de comportamento, mas também é o nosso desafio, educar, ir criando espaços pra que a gente consolide um espaço realmente democrático, independente de raça, de credo, enfim, mas esse nosso espaço ele é obviamente limitado, até por conta do nosso acesso a escola, acesso a educação.

Florzinha tem uma posição parecida e enfatiza a responsabilidade de ser uma professora negra, quando fala sobre a dificuldade da docência para pessoas negras, primeiramente pela questão racial e em seguida pela desvalorização da profissão e da raça e também por não proporcionar um status social elevado:

Olha, é como eu já te falei antes, ser professor é difícil. E ser professor negro, ser professor e negro, é mais complicado ainda. Agora, eu considero que nós, professores negros temos uma responsabilidade muito grande de fazer com que as pessoas respeitem, principalmente, nos respeitem enquanto profissionais, não é? Essa responsabilidade está no agir, nas atitudes que devem ser tomadas [...] impossível uma pessoa negra dizer que nunca foi discriminada, impossível isso. Bem, o velado, ele é pior. Ele é pior, porque é uma coisa muito sutil, né, e que as pessoas demonstram o racismo, a gente que tá acostumado a lidar com esse tipo de coisa, a gente percebe nas minúcias, não precisa ser, como a gente diz... escancarado, é num olhar, num sorriso, enfim, e é preciso coragem pra enfrentar isso no dia-a-dia, agora tem que se fazer, tem que se criar coragem e tem que se combater isso, eu não digo que as pessoas precisem acatar, não precisam acatar, mas precisam respeitar, o respeito ele é imprescindível, agora se o cara vai acatar ou não, se gosta ou não, se vai tolerar, problema dele. Agora respeitar ele precisa.

A professora Docinho toca no assunto que o título do presente trabalho faz menção: a estigmatização de que a mulher negra é geralmente destinada à trabalhos domésticos. A imposição dessa imagem que a sociedade exerce sobre essas pessoas, faz com que se associe à elas falta de capacidade cognitiva, cabendo apenas funções manuais.

Isso é cultural, dessa nossa relação histórica do patrão, do empregado, do opressor, do oprimido, do barão, do escravo, isso é histórico, as pessoas estão com isso tão impregnado que elas têm que mandar em alguém e quem elas tem que mandar? Aqueles que se diferenciam de si, seja em relação a raça, a sua situação econômica, elas se utilizam disso pra dominar, pra explorar o outro, mas é que elas não assumem, e você fizer uma pesquisa com 10 pessoas brancas, elas vão dizer que elas não são racistas, mas você vai na casa delas e tem uma empregada negra, você entrevista 10 professores universitários, você diz que eles não discriminatórios também, mas quem trabalha na casa dele é a mulher alfabetizada, que não estudou, isso é relação de poder, de quem tem mais e quem

tem menos, quem pode mais e quem pode menos e a gente ainda reproduz isso, tá, quem é que você escolhe pra trabalhar? Alguém que você possa dominar, aquele que você possa mandar, aquele que já está socialmente inferiorizado e fragilizado e isso permite que você domine ele com mais força, eu diria assim. Então você sempre escolhe alguém que tenha menos que você, seja de saber, de dinheiro, seja por cor da pele, tá, seja de percepção.

Essa fala se faz excepcionalmente peculiar por ter uma visão extremamente realista e sincera sobre a situação da mulher negra. No imaginário popular, e isso independe de cor, credo ou classe socioeconômica, é usual e muito facilmente encontrado o discurso de que mulher negra é sinônimo de afazeres domésticos. E, essa relação de poder citada no trecho acima é histórica e, infelizmente, ainda se encontra enraizada no pensamento da sociedade brasileira, a visão mercantilista que se tem desses indivíduos faz com que à elas sejam direcionados lugares subalternos como únicos a serem ocupados. Lindinha trata um pouco das várias dificuldades enfrentadas por ela ao longo do percurso para se tornar uma docente universitária. Variáveis que estão explícitas na pesquisa, como a questão de ser mulher e ter da cor parda e também outras, como a pouca idade quando se compara com os demais colegas de trabalho e a origem socioeconômica desfavorável.

6.1 Uma parte? Não, obrigada, eu quero igualdade: Visões sobre cotas raciais

Pela crença no poder transformador que a educação detém, existem as cotas raciais que buscam oportunizar a produção da igualdade no acesso do negro ao ensino superior e quem sabe chegar até a utópica democracia racial. Tendo uma visão otimista, sonha-se que com a luta histórica e constante possa ser alcançada. O debate sobre as cotas trouxe algumas divergências de opiniões. Em contraponto, as três concordaram que existe uma dívida de muitos séculos que deve ser paga e as cotas podem ser as responsáveis por diminuir alguns "centavos" da mesma.

Eu penso que as cotas têm o seu lado positivo, eu concordo com elas, eu penso que a gente precisa, minimamente garantir essa igualdade, né, esse acesso à todos ao direito a educação, à saúde, a tudo, mas no caso aqui a educação de uma forma geral, né, que eu acho que é uma forma da gente garantir a inclusão dessas pessoas. Então nesse sentido eu sou favorável, sim.(Lindinha).

Visão de Docinho:

Eu tenho duas opiniões. Se por um lado, as cotas raciais, elas cumprem uma, um compromisso social por conta de toda essa história de exclusão da população negra, no país, olhando por esse lado eu creio que é pertinente. Por outro lado, ela não resolve o problema. Eu sou contra as cotas raciais, elas não resolvem, é um paliativo, um paliativo que está se consolidando, creio que a curto prazo sim, mas ela tá se consolidando e não se tem buscado outras alternativas, porque a médio e longo prazo você tem que aumentar o número de vagas na universidade pública, porque a gente continua concorrendo a um número ínfimo de vagas no ensino superior, as vagas no ensino superior, elas não correspondem a necessidade de formação no ensino médio. Tem que democratizar o acesso, ampliar o número de vagas, dar mais oportunidades, fortalecer a educação básica, o ensino fundamental, o ensino médio, criar uma outra procura de acesso pra isso.

Opinião de Florzinha

Eu sou a favor. Eu acho que a educação ela precisa ser socializada, as oportunidades educacionais, elas precisam ser socializadas, e o negro ele passou por muito tempo a margem dessa socialização, então não vejo como a pessoa que entra na universidade como uma pessoa que fez um esforço menor, não, e eu considero até que esse esforço, porque as dificuldades são grandes com negro e pobre.

Enquanto que Florzinha e Lindinha eram totalmente a favor, Docinho parcialmente contra. Isto demonstra que ao contrário do que se pode supor inicialmente, e principalmente quem não possui a cor da pele preta nem parda, a concordância com as cotas raciais não se faz unânime nas falas dos sujeitos da raça negra, assim como em todos os assuntos que envolvam indivíduos biológica e anatomicamente idênticos, mas psíquica e socialmente totalmente diversos. As professoras aqui entrevistadas possuem muito mais que um currículo exemplar e alto poder cognitivo e mesmo assim discordam, demonstrando que o diferente deveria ser tido como normal, como correto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim com as demais etapas discentes por quais passei até o presente momento, a graduação teve início, meio e agora está se findando. O Trabalho de Conclusão de Curso em questão é uma espécie de ritual de passagem pessoal desse fim. É o encerramento de uma importantíssima fase estudantil e início de um casamento entre outro passo acadêmico com carreira profissional.

Com os objetivos mais amplos de conhecer como se deram as trajetórias de formação, as motivações por trás das opções pela carreira do magistério, como chegaram aos atuais cargos e principalmente as histórias de vidas de professoras autodeclaradas negras, que atuassem em instituições de Ensino Superior na Cidade de Belém, especificamente no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, no período que ia entre os anos de 2005 e 2015, foi alcançado. Aliás, foi ultrapassado, ousou dizer. Pois na fala de cada uma eu pude conhecer não apenas a história, mas também as docentes como pessoas, como sujeitos.

Especificamente a presente pesquisa identificou as particularidades das informantes, o contexto em que iniciaram sua inserção no cenário educacional, os acertos e os percalços ao longo do percurso estudantil e docente. Para isso, fez-se uma ampla e contextualizada discussão acerca das três variáveis norteadoras e motivadores desse estudo: raça, gênero e educação, relacionando-as com o registro da história de vidas destas.

Na contemporaneidade ainda se percebe entranhada na ideologia e no ideário brasileiro a condição subalterna designada à pessoas com a cor da pele diferente das tida como padrão midiático-europeu, enfatizando-se nas mulheres, fazendo com que estejam sujeitas ao preconceitos em suas mais variadas formas e proporções. Entretanto, as linhas escritas nas páginas desse trabalho vão muito além da discussão da discriminação racial.

Ao longo de seis capítulos se respondeu o seguinte problema: como ocorreu o processo de formação profissional de mulheres autodeclaradas negras que escolheram a docência como profissão? Quando através de entrevistas narrativas e análise das mesmas.

Realizou-se inicialmente uma investigação bibliográfica sobre a questão da negritude. O primeiro capítulo denominado de “um tour pela história negra e sua

busca pela legitimação do direito de ser igual” é a seção teórica inicial que faz um resgate histórico por alguns dos principais pontos da história da negritude. É dividido em três subtópicos que tratam de conceitos básicos desde o popular até o dicionário, da herança que os pertencentes à raça negra possuem, ou seja, a afrodescendência e do movimento negro. É pautado, principalmente, em Amílcar Pereira, Léila Gonzales, Petrônio Domingues e Vicente Salles, autores renomados na questão da história negra.

O segundo capítulo aborda a segunda variável: o gênero e se chama “a simbologia da mulher”. Discutiu-se a relação de gênero e sexo através de conceitos básicos. Possui dois subtópicos, “Mulher: uma construção cultural histórico-social” e “Realeza? Só no carnaval: Mulheres negras e o duplo preconceito”, que tratam a construção cultural histórico-social de gênero e a mulher negra. Nessa última parte que se começa a delinear um dos pontos centrais da temática proposta: a estigmatização da mulher negra como subalterna e destinada à ocupar cargos domésticos, restando à estas apenas o carnaval como válvula de escape para uma realidade esmagadora e marginalizante. Embasado, em sua maioria, por Guacira Louco e Joan Scott que são maiores referências da discussão de gênero, Nilma Lino Gomes e Léila Gonzales na questão da mulher negra.

“Raça, gênero e educação” é o último capítulo teórico vem falar de educação, enlaçando as demais variáveis. É a seção que discute o que a pesquisa tinha se proposto a fazer. Desde a busca pela emancipação negra (primeiro subtópico), passando pela relação de “mulher e docência” (segundo subtópico) e estacionando no último subtópico (“A negritude feminina na educação”) que realiza a conversa entre as três vertentes já citadas. Trazendo autores clássicos como Paulo Freire, Carlos Brandão e Demerval Saviani.

A fase dos resultados da pesquisa se dá a partir do “sou professora, sou negra: tomando conhecimento sobre as informantes”, o quarto capítulo, quando inicialmente eu faço uma espécie de esboço de cada informante, um perfil de acordo com as impressões obtidas nas oportunidades de contato, seja antes das entrevistas ou durante. Perfil este que estabeleço uma relação com o desenho animado “as meninas superpoderosas” para descrever e denominar cada informante. Dividido em três subtópicos denominados de “O doce sabor do êxito: A trajetória de Lindinha”, “O tempero do sucesso: A bravura no percurso de Docinho” e “Ter tudo que há de bom

é triunfar: A história de Florzinha”. A partir deste se dá o desenrolar da pesquisa, em que o problema é respondido, a metodologia utilizada e os objetivos alcançados.

As duas últimas seções “quando a docência escolhe, a educação escurece: narrando trajetórias” juntamente com seus subtópicos “Não sou desenho animado, mas tenho superpoderes: Prazer, educação!” e “Educação: um substantivo feminino que não tem sexo” e a última seção chamada de “a educação desbotou? vamos enegrecê-la” com seu único subtópico “Uma parte? Não, obrigada, eu quero igualdade: Visões sobre cotas raciais” se tem explicitamente as falas das informantes dialogando com os demais capítulos. Eles trazem a questão do gênero, da educação e da raça em tópicos separados, de acordo com as perspectivas das próprias professoras entrevistadas.

Em inúmeras páginas e linhas, ficou evidentemente clara a relevância que as variáveis escolhidas na temática tiveram na vida, na formação e na atuação profissional de cada professora entrevistada. As identidades de sociais, de gênero e de raça que possuem proporcionaram à esta pesquisa e à esta pesquisadora um incontável e incontestável enriquecimento acerca da realidade que é ser professora e ser negra no contexto brasileiro, em especial o paraense.

Portanto, nas páginas anteriores à esta se justificou a importância do Trabalho de Conclusão de Curso que foi realizado. Porém, é preciso destacar a ausência de estudos nessa área e com essa temática na instituição em que estou concluindo minha graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, por isso, discorro aqui sobre a minha pretensão de dar continuidade na construção desta pesquisa.

Foi um longo e árduo caminho, com noites em claro e ausência temporária no círculo social, teve duração de um ano, mas acredito que tenha sido o ponto máximo, o ápice ou clímax da minha graduação, foi quando me encontrei quanto estudante e aspirante à pedagoga e também à pesquisadora. Estudar o que se relaciona diretamente e cotidianamente é bom, mas estudar a sua realidade, a história de seus antepassados e conseqüentemente a sua história e o que se gosta em conjunto é maravilhoso... É realização.

O título da pesquisa se deu pelo fato de que historicamente as ocupações domésticas são delegadas à indivíduos de coloração corpórea distinta dos padrões eurocêntricos de beleza, no caso, mulheres negras e por isso, ao buscar investigar sujeitos que fogem deste condicionante como professoras universitárias negras

pude ter conhecimento não apenas de como se deu o ingresso no campo da educação, mas também o que pensam sobre assuntos relacionados com sua posição, cotas raciais e uma discussão sobre o gênero e a raça dentro das instituições.

Foram trazidas temas como o ser mulher, o ser mulher negra dentro da universidade, a discriminação racial e o papel da educação na transformação da realidade vigente. Mesmo que as categorias principais que nortearam a pesquisa tenham sido gênero e raça, é indiscutível que a discussão foi centrada na questão racial em que é facilmente observada nas falas das informantes. A necessidade de desmistificar um padrão segregador, racista e misógino há tempos estabelecidos, fez com que não só nascesse a vontade de realizar tal estudo, mas também fez com que professoras que chegaram aos mais altos cargos institucionais dentro de universidades públicas vissem uma oportunidade de contar suas histórias, o porquê de optarem pela docência, como chegaram à tais cargos, quais influências, como entendem a discriminação racial, qual as implicações do preconceito em suas vidas pessoais e profissionais e também como enxergam a educação enquanto possibilidade de modificação dos indivíduos e consequentemente da realidade.

Dentre inúmeras informações de extrema relevância devo destacar duas para finalizar. A primeira é de que a educação foi a forma encontrada para que mulheres negras, pobres e do interior (duas professoras) pudessem melhorar não apenas seu status social, mas também foi o meio de mudar suas vidas e daqueles que estavam ao seu redor ao mesmo tempo em que foi e continua sendo uma chance de elas contribuírem com a desconstrução da visão coisificadora que historicamente se tem de mulheres negras. A segunda é o racismo como marca eternizada na memória ao mesmo tempo em que é uma espécie de mola propulsora que as desafiava com a finalidade de atingir um maior desenvolvimento acadêmico e profissional, em que a cada “não” ouvido existiu um “eu vou conseguir” que falava mais alto.

Nas linhas introdutórias dessa pesquisa falei que esse trabalho foi uma maneira de aumentar o meu balaio de histórias de vida de outras pessoas. Ao contrário do que se pode imaginar, essa vontade de conhecer o outro como sujeito histórico e não apenas como mero profissional não foi saciada, só me deu mais fome de novos desafios e sede de novas histórias. Que venham novos conhecimentos. Que venham novos sabores.

Sou mulher. Sou negra. Sou professora. E posso afirmar: ser mulher negra na contemporaneidade brasileira deveria poder ser rainha 365 dias, o ano inteiro, de janeiro a janeiro e não apenas uma semana durante o carnaval. O que deve virar cinzas é o preconceito e não a quarta-feira!

APÊNDICE

APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA

ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA	
Entrevistadora: Informante: Local: Data:	
Tema gerador	Objetivo
O que levou você a ser professora?	Verificar a motivação pela escolha profissional.
Você poderia contar como foi a sua relação com a educação no decorrer da sua vida?	Compreender o processo formativo da informante.
Você pode falar um pouco da sua trajetória para se tornar professora universitária?	Conhecer como chegou ao cargo de docente universitária. Verificar a existência de dificuldades quanto ao ingresso no cenário educacional.
Como você vê a mulher negra na docência na universidade?	Discutir a relação entre gênero e raça no exercício da profissão.
Como você avalia a importância do sexo e da raça na construção da trajetória profissional?	Discutir a relação entre gênero e raça na escolha profissional.
Quando você ouve a expressão “racismo velado”, o que vem na sua mente?	Identificar as particularidades acerca do pensamento da informante.
O que você pensa sobre a	Identificar as particularidades

implementação das cotas raciais nas universidades?	acerca do pensamento da informante.
----------------------------------------------------	-------------------------------------

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Saíram da cozinha, mas não pra cair no samba: A história de como mulheres negras perceberam que seus lugares são na sala de aula.

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração, neste estudo, de seus relatos como informante, caso desista não haverá nenhuma espécie de prejuízo a você.

Muito obrigado!

A proposta consiste em um estudo sobre a trajetória docente, seus acertos e dificuldades, de professoras autodeclaradas negras e que exercem o magistério no Ensino Superior, em Belém, no final do ano de 2005 -2015.

Para realizar esta pesquisa serão realizadas entrevistas narrativas, no local de escolha do entrevistado.

Objetivamos com esta pesquisa Compreender a realidade acerca de como ocorre o processo formativo de mulheres autodeclaradas negras, como elas chegaram ao cargo de professoras universitárias e o que lhes motivou à optar por essa carreira, Identificar as particularidades das mulheres estudadas e a existência, ou não, de dificuldades de ingresso no cenário educacional em que se encontram, discutir a relação gênero e raça, Registrar a história de vida de professoras negras do Centro de Ciências Sociais e Educação.

No caso de alguma dúvida ou consideração a responsável pela pesquisa é Thaís da Silva Mendonça portadora do RG 6909827 e CPF 01686455216, estudante do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, orientada pela professora Dr^a Lucélia Bassalo, docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA) situada na Rua do Una, nº 156, Telégrafo.

Garantimos a retirada do consentimento a qualquer momento, assim como o abandono de participação no estudo sem qualquer prejuízo. As informações serão analisadas e fica garantido o sigilo da identificação dos e das participantes.

Os e as participantes têm o direito de serem mantidos/as atualizados sobre os resultados que sejam do conhecimento das pesquisadoras. Não há despesas pessoais para os e as participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Estou ciente do compromisso das pesquisadoras de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informado (a) respeito do que li descrevendo este estudo.

Fica claro para todos, quais são as propostas do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confiabilidade e de esclarecimento pertinente. Fica claro também que a participação é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu, _____,
autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada com a estudante da pesquisa da UEPA, Thaís da Silva Mendonça, estudante do oitavo semestre vespertino.

Belém, _____ de _____ de 2015.

ANEXO B – ENTREVISTA 01

Y: O que levou você a ser professora?

AF: Bom, eu sempre quis ser professora. Eu me desde que me entendi por gente. Eu sou natural de São Domingos do Capim, do interior. Então eu sempre vivi uma vida do campo. E eu fui formada em escola multisseriada, minhas primeiras experiências com a escolarização foram nas escolas multisseriadas. Então eu lembro muito das minhas professoras e foi lá que nasceu o desejo de me tornar uma delas. daquelas escolinhas simples do interior, pequenas, só uma sala de aula, onde a gente ajudava a fazer os lanches da merenda escolar. Nosso recreio era na beira do rio (risadas), a gente tomava banho na hora do recreio e os lanches eram totalmente diferentes dos daqui. E eu lembro da professora sempre cuidando da gente muito mais como alguém da família, exatamente por pertencer ao meso grupo, grupo social né, mesma comunidade na qual eu morava, a professora morava lá perto também. Então aquilo me despertou assim a vontade de me tornar professora quando crescer. Então eu sempre digo que eu sempre quis ser professora, desde o início e eu nunca mudei de ideia e isso só veio se fortalecendo conforme eu fui mudando eu com onze ano mudei do município de São Domingos pra e aí já tive o contato com a educação mesmo da cidade, uma outra lógica, as turmas já eram por série, na época ainda era o primeiro grau, segundo grau, e isso se fortaleceu em mim, tanto que durante todo o meu processo educacional eu sempre fui muito preocupada em ser uma boa aluna, porque pra mim, pra eu poder ser professora eu teria que ser uma aluna muito boa pra eu poder tirar as melhores notas, eu sempre fui muito focada no estudo, digo assim que as minhas notas sempre foram nove e dez, eu não aceitava uma nota inferior a isso e esse fato acabou me ajudando muito na minha progressão nos níveis de ensino, então eu consegui por exemplo, entrar na universidade direto do antigo segundo grau, na época, agora ensino médio, então eu terminei, na verdade na época eu acabei ficando doente e passei na universidade sem ter concluído o ensino médio, mas assim pelo foco mesmo. E pra me tornar professora universitária acabou acontecendo já pelo meu ingresso na universidade e eu posso te dizer assim que umas figuras femininas foram muito importantes na minha vida na universidade, porque elas criaram em mim esse desejo de ir além. Eu comecei querendo dar aula na educação básica, mas quando eu ingressei na

universidade eu já mudei a minha perspectiva e comecei a organizar minha formação profissional de forma que eu pudesse ser uma professora universitária e tudo com base em figuras, né, professoras que marcaram a minha vida em cada um desses momentos. Na universidade teve uma professora que foi muito importante na minha vida, porque como eu vim do interior pra capital, e eu acabava me sentindo muito... é... talvez não discriminada, mas de uma certa forma inferiorizada talvez, pelo tipo de cultura que eu tive acesso e aquilo que eu estava tendo naquele momento e aquilo fez com que eu me espelhasse em algumas figuras como essa professora da universidade que me mostrou a possibilidade de ter uma vida transformada pela educação. Eu venho de uma família muito humilde, pra você ter uma ideia, quando eu entrei na universidade, desde o meu ensino médio, né, a minha mãe não tinha como pagar minhas passagens de ônibus, então ela vendia seu vale transporte que ela recebia da empresa que ela trabalhava, esse dinheiro era convertido em meia passagem pra que eu e a minha irmã pudessem estudar e eu resolvi fazer o curso de pedagogia a noite, porque assim eu poderia trabalhar de manhã e de tarde e me manter no curso, porque eu não tinha como. E ao entrar na universidade eu acabei descobrindo diversas possibilidades de me manter e como minha mãe sempre colocou pra gente que o estudo era que transformaria a nossa realidade, era que nos daria novas perspectivas, eu acreditei muito nisso, então isso ficou pra mim como algo muito forte que eu deveria buscar, que eu deveria ser a melhor nessa parte do estudo pra que eu pudesse garantir uma transformação da realidade que a gente vivia e aí só que tinha um problema, eu era muito tímida, por conta dessa minha história de vida toda, de ter vindo do interior, de ter vindo pra cidade, sofrendo discriminação por conta disso eu sei que o teu tema tá falando da questão de ser negra, mas foi muito mais do que isso, foi ser negra, foi a questão socioeconômica, foi o fato de vir da zona rural pra zona urbana, então imagina junta tudo isso e aumenta bastante e aí você vai ver que é muito complicado, mas eu consegui, é, trabalhar bem isso focando na educação, acreditando naquilo que minha mãe falava que através da educação eu transformaria toda essa realidade, e assim eu fiz, na universidade eu decidi tentar também ser a melhor aluna e encontrar as estratégias pra que eu pudesse galgar esse cargo de professora universitária. E eu acho que eu acabei fazendo isso muito bem, porque eu percebi esse papel da universidade como ensino, como pesquisa, como extensão, compreendi muito bem que se eu quisesse chegar na docência no ensino

universitário eu precisaria passar por todas essas especificidades, que são funções da universidade. Aí o quê que eu fiz, comecei a participar de projeto de extensão universitária, depois participar de projeto de pesquisa, participar de monitoria e acabei descobrindo que eu tinha uma forma de sobreviver na universidade, através das bolsas e que essas bolsas me manteriam lá até eu me formar, porque se não fossem essas bolsas, eu não teria, mesmo, como estudar. Lembro que quando eu entrei na universidade, eu quase não tinha roupa pra ir pra instituição e certa vez uma colega de sala de aula, não digo que era uma amiga, porque ela era de uma equipe diferente da minha, que não tinha muito relacionamento comigo, mas certa vez me chamou ao banheiro e perguntou pra mim “você quer que eu te traga algumas roupas? Porque eu percebo que você não tem muitas, mas eu também não quero que as outras pessoas saibam que eu to te dando essas roupas, então eu vou trazer e vou te dar secretamente, em sigilo” e eu disse “tá, tudo bem”. E ela realmente trouxe umas roupas pra mim, ela tava preocupada, eu tinha poucas roupas pra vestir naquele período, e eu fiquei muito sensibilizada com aquela preocupação daquela moça, que não me conhecia direito, apesar de ser da mesma sala de aula, mas que ficava preocupada com a forma que de repente eu tava vindo, que nem era algo naquele momento eu me preocupasse tanto, eu tava tão preocupada em aprender com as coisas novas da universidade, com os colegas que tinham mais experiências do que eu, isso também foi um ponto importante na minha formação, eu entrei na universidade muito nova, como eu te disse, eu fui passando muito rapidamente nos níveis de ensino e fui estudar a noite e ao estudar a noite eu entrei em uma classe de alunos de pedagogia em que a maioria já trabalhava em escolas, já eram professores e estavam buscando a formação em pedagogia pra poder aperfeiçoar o trabalho que já vinham desenvolvendo, e até mesmo pelas exigências da lei. Então no início eu me senti um peixe fora d’água naquele espaço, menina novinha, sem experiência de educação e no meio de um monte de professores já, com toda uma vivência e a vontade inicial foi de desistir do curso, deu medo, né, do desafio que viria pela frente, depois eu posso te dizer que foi tão bom! Eu aprendi tanto! Eu amadureci tanto na convivência com esses alunos, na convivência com os professores, que eu acabei ao me formar, eu já me formei empregada, porque no mesmo projeto de extensão que eu fui bolsita, como eu te falei foi a estratégia que eu encontrei pra sobreviver durante o curso de graduação, quando eu me formei o coordenador disse: “olha, eu só tô esperando o teu diploma

pra te contratar como coordenadora pedagógica desse projeto de extensão”, numa situação muito inédita, porque só quem poderia coordenar os projetos eram os professores efetivos da universidade, mas ele gostou muito do meu trabalho, do meu desempenho no período que eu fiquei lá e ele conseguiu uma contratação pra mim via fundação de amparo e desenvolvimento da pesquisa que é a “FADESP” da federal, da UFPA. E me formei empregada e logo em seguida, depois que me formei houve um concurso para professor da universidade substituto e aí eu resolvi fazer por experiência, eu digo eu quero ver como é que é esse concurso, se eu tenho alguma chance, de repente pra eu começar a me preparar, já que o meu sonho é ser professora universitária. Aí fiz o concurso e acabei passando também (risadas), e aí foi um impacto muito grande na minha vida e uma surpresa muito grande também pros colegas da universidade, pras pessoas que estavam, porque eu não tinha nem especialização, tinha terminado a graduação e eu tava começando uma especialização, então eu não tinha ainda o perfil necessário de formação profissional, formação continuada pra poder assumir a docência na universidade. E lembro que a chefe de departamento, que era como a gente chamava, né, na época que era o departamento de métodos e técnicas de orientação da educação, a sigla DMTOE, me chamou na sua sala depois que soube o resultado pra que eu pudesse assumir o concurso público, e ao fazer isso, ela ficou preocupada, porque viu que eu era muito novinha e perguntou se eu não queria mais um tempo pra me preparar, estudar, me apropriar dos conhecimentos, das ementas daquelas disciplinas pra que eu pudesse começar a ministrar as minhas aulas, e eu falei pra ela que não, imagina eu ficar seis meses me preparando, ia ser um sofrimento, e eu disse: “não, eu já estou preparada. Pode me dar as turmas, pode me lotar que eu quero começar a dar aula já” (risadas). E assim comecei minha carreira universitária e com muitas experiências significativas, isso em 99, quando eu comecei a minha docência na universidade, e comecei trabalhando numa disciplina que se chama didática geral que é uma disciplina que na época eu trabalhava só com as licenciaturas da federal, eu trabalhava com o curso de história, de geografia, de letras, enfermagem, foi uma experiência muito bacana trabalhar com essa disciplina coma enfermagem. No início foi difícil, que aí entra de novo a questão do gênero e da raça. É, tinham muitas situações envolvidas no início da minha formação profissional, no início do meu exercício, não da minha formação, do meu exercício profissional, que era o fato de ser muito nova, o fato de ser negra, também, o fato de vir de uma origem

socioeconômica muito baixa, então tudo isso acaba influenciando e a gente sabe que existe uma certa concepção de como tem que ser professor universitário, na cabeça das pessoas, é um professor com mais idade, é um professor com uma determinada, vamos dizer assim, aparência, a gente sabe que tem muito isso. E quando eu comecei a dar aula, eu digo assim que eu aprendi desde cedo uma palavra que sempre foi muito forte na minha vida: “resiliência”. Eu aprendi muito cedo que eu precisava ser resiliente por muitas dificuldades que eu passei, tá, e aí eu segui o conselho de uma amiga professora da universidade, de que ao iniciar as minhas atividades docentes eu teria que provar que eu sabia, porque se eu chegasse lá com aquele jeito muito novinha, é, talvez os alunos não conseguissem respeitar todo o conhecimento que de repente eu poderia possuir, e pediu pra que eu começasse, um conselho dessa professora, que eu começasse a dar aulas só expositivas, ela me disse mesmo assim: “você começa a dar, pelo menos, três aulas expositivas direto pra que aqueles alunos saibam que você tem o conhecimento, teórico, que você tem todo um respaldo daquela disciplina depois você não se preocupe que as coisas vão fluir bem” e eu segui o conselho dela, fiz isso, as três primeiras aulas comecei, começa assim a cena: entro na sala de aula, sento na mesa, ninguém liga pra mim (risada), os alunos estão todos dispersos e aí depois que tá todo mundo na sala, me apresento, eles ficaram super surpresos, porque pensavam que eu era aluna também e aí seguindo o conselho da professora passei a dar as três aulas direto, somente aula expositiva sobre a disciplina, aí na terceira aula estavam todos me chamando de “senhora” (risadas), então eu consegui conquistar o respeito por ter domínio do conhecimento que era necessário. Partindo dessa fase e aí eu já passei pra uma outra fase que aí nós conseguimos interagir melhor, que eu não precisava mais provar pros alunos que eu sabia, eu não precisava provar que eu não tinha passado a toa naquele concurso, que eu tinha passado, porque eu tinha todo um conhecimento, eu tinha sido monitora da disciplina, tinha participado de pesquisa, tinha participado de extensão, fiz um currículo muito bom na universidade que me deu essa possibilidade de ser aprovada ainda só com a graduação, pra começar o exercício na educação superior. E de lá pra cá eu já passei, além da federal, já passei pela antiga UVA, Universidade Vale do Acaraú, pela UNAMA e agora eu to na UEPA desde 2011, através de um concurso público também e passei no concurso público da federal também pra efetivo, porque naquela época eu era professora substituta. Só que quando eu, eu

digo assim que a gente nunca sabe os caminhos que vai percorrer, eu sempre fiz de tudo para voltar a ser professora efetiva, eu continuei como colaboradora, até hoje eu sou colaboradora da federal, eu tenho os meus amigos, os meus vínculos, eu trabalho no PARFOR da federal, eu não quis me desligar completamente, e fiz de tudo pra retornar como professora efetiva da federal e isso acabou acontecendo, surgiu o concurso pra professor, até da disciplina planejamento educacional, fiz o concurso, fui aprovada e fui chamada pra ser professora da federal, mas também tinha feito o concurso da UEPA, pra professora da cadeira de estágio supervisionado, em pedagogia. Acontece que a federal me chamou pra assumir o concurso e quinze dias depois a UEPA também me chama pra assumir o concurso daqui. As duas, eu acabo relevando pra elas que eu tava indecisa, porque eu tinha sido chamada pras duas e eu não sabia qual eu ia assumir, porque nesse meio tempo eu também já era pedagoga da Santa Casa, desde 2004, eu fui a primeira pedagoga a ingressar na Santa Casa através de concurso público, então eu tenho uma paixão muito grande pela pedagogia hospitalar e isso passou a pesar muito num outro sonho meu, o sonho da docência no ensino superior que acabou demorando um pouco mais exatamente por conta da formação, depois que eu saí de professora substituta, terminei minha especialização, tive que fazer meu mestrado pra poder tentar retornar, não mais como substituta, mas agora como professora efetiva. E quando isso acontece, finalmente, eu não conseguia me decidir e aí eu acabei optando pela UEPA por amor a Santa Casa, porque já estava completamente apaixonada pelo trabalho que desenvolvia lá e não conseguia mais me imaginar deixando aquele trabalho pra ficar só na federal, embora a federal tivesse sido sempre o sonho, meu sonho de voltar pra casa concursada, do quadro de professores permanente, que obviamente o professor substituto tem uma relação de trabalho muito precarizada, então é importante? É. Eu digo, se você tem a oportunidade de fazer concurso pra professor substituto que é um contrato por um tempo determinado, faça, porque aquela experiência é muito significativa, mas ela tem um tempo pra começar e um tempo pra terminar, aí depois você fica assim naquela expectativa de retornar, de poder permanecer, de ficar o tempo que for necessário, de fazer suas pesquisas, seus projetos, então tudo isso ficava na minha cabeça. Eu nunca desisti desse sonho e aí quando ele aconteceu, aconteceu dobrado (risadas) e fiz a opção pela UEPA, e a UEPA foi como um presente pra mim, eu sempre, eu sou uma pessoa que acredita muito que Deus direciona os

nossos projetos, né, a gente quer uma coisa, mas ele sabe o que é o melhor pra gente, então isso sempre foi muito forte na minha vida, então minha escolha não foi só uma escolha racional, foi também uma escolha emocional. A UEPA me recebeu de braços abertos, eu me senti, eu me sinto muito bem nessa instituição, porque eu vejo que ela não é uma instituição fechada, vejo que ela é uma instituição aberta a novas ideias, novos pensamentos, novas propostas, novas possibilidades pedagógicas, então eu me encontrei aqui e fui muito abençoada, porque fui lotada em uma disciplina, duas disciplinas que tinham tudo a ver com a minha trajetória profissional, que foi o “estágio em ambientes não-escolares e populares” e “a educação em ambientes não-escolares e populares”, porque além da atuação em universidade a minha atuação sempre foi em ambientes não-escolares. E ao ingressar aqui eu vi esse campo como uma possibilidade não só de eu trabalhar a questão da docência, mas também de criar outras possibilidades através da pesquisa e da extensão, então chegamos aqui num grupo muito novo, que a minha entrada na UEPA, ela também acontece num contexto de renovação de quadro profissional, né, que pela força da própria lei, do próprio Ministério Público, muitos dos servidores que estavam muito tempo aqui trabalhando, enquanto professores e que tinham situações de contratos temporários acabaram sendo exonerados, demitidos, e ingressaram os profissionais através do concurso público, então a minha entrada ela também coincide com a entrada de vários outros profissionais no mesmo sentido que eu, com muita vontade de fazer, de criar coisas novas. Então eu conheço a professora Diana, professora Jacirene, professora Ceila, professora Darlene que já era da casa, professora Edina, professor Fernando, professor Cristiano, um grupo muito bom, com muitas ideias boas e aí isso faz com que a gente pense em criar um grupo de pesquisa que é o nosso grupo de pesquisa de Pedagogia Social e Empresarial, que é o GEPESE, pra discutir uma temática não tão trabalhada dentro da UEPA, que é a atuação do pedagogo em ambientes não-escolares e populares, então a gente inicia essa criação desse grupo e as discussões nesse âmbito também e logo depois eu também criei o projeto de extensão em pedagogia hospitalar que aí pra mim foi a junção perfeita do que eu faço e discuto na universidade com aquilo que a gente leva de resposta, de responsabilidade social da universidade pra dentro dos outros espaços como nesse caso um ambiente hospitalar, então analisando um pouco dessa minha trajetória, eu preciso assim dizer que eu sempre fui muito focada naquilo que eu queria, então as

questões adversas que surgiram na minha vida durante todo esse meu percurso, eles foram é, eles não foram tão fortes a ponto de me fazer desistir em nenhum desses momentos, muito pelo contrário, então quando eu te falei assim que a resiliência é algo que marcou muito a minha vida, porque todas as dificuldades que eu enfrentei em cada uma das fases eu consegui superar, por ter objetivos muito bem definidos do que eu queria ser, então eu desde criancinha queria ser professora, eu fui progredindo “eu não quero ser professora da educação básica, agora eu quero ser do ensino superior” então o que eu preciso fazer na minha carreira acadêmica pra que eu consiga chegar nesse meu objetivo. E assim eu fiz e aí se tu me perguntares: “ah, é, esses percalços, essas dificuldades que você enfrentou, por ser mulher, por ser negra, por ser pobre, eles de alguma forma fizeram você ter vontade de desistir ou eles te prejudicaram na busca pelo alcance dos teus objetivos?” eu te digo que não, porque assim eles na verdade me fortaleceram, existe até um princípio bíblico que diz que quando nós somos fracos é então que nós somos fortes, eu sempre acreditei muito nisso, se eu sou fraca é porque então eu posso ser forte, eu posso ser muito mais forte, e então essas dificuldade, que o mais forte pra mim foi o da pobreza, isso acabou me dando força pra superar tudo isso, então quem me vê hoje talvez não imagine as situações pelos quais eu já passei, na infância, na adolescência, se eu for te contar a gente vai passar um tempão aqui, assim mas só pra tu teres uma ideia, é, minha mãe não tinha como nos manter, então eu fazia coxinha, o meu irmão vendia essas coxinhas na rua, eu fazia bolo, a gente vendia na frente de casa. Eu fui encontrando estratégias de sobrevivência sem deixar de perder o que um aluno uma vez falou, né que é, eu não to lembrada agora, mas é que é sem perder essa ternura, sem perder a fé nas pessoas, na vida, sem deixar com que isso me tornasse amarga, muito pelo contrário, todas essas agruras da vida, essas dificuldades me fizeram acreditar cada vez mais nas pessoas, nas possibilidades de mudança, que a gente pode ser melhor, independente da situação em que a gente vive, independente do contexto no qual estamos, nós sempre podemos fazer melhor nosso, quando a gente acredita em algo e aí eu importante eu te destacar a importância dos projetos de vida, eu tenho, assim, um momento da minha vida que foi o momento que eu trabalhei no projeto “Riacho doce” que foi um projeto de extensão da UFPA, esse que eu coordenei logo após me formar, mas que antes eu também fui bolsista e voluntária, que nós trabalhávamos dentro da perspectiva da educação para o desenvolvimento

humano, é, trabalhando os pilares da educação que é o aprender a ser, conhecer, fazer e conviver, e esses pilares da educação, eles trabalham a perspectiva da formação integral do sujeito que você não é só intelecto, você não é só cognitivo, você é pessoa, você tem o seu autoconceito, sua autoimagem, sua autoestima, e que a forma como você se percebe, como você se vê ou como você pensa que o outro te vê, isso é importante pra tua formação, a questão do aprender a conviver, a forma como você se relaciona com outro, essas coisas todas que a gente ensinava, né, pras crianças no projeto, eu precisei primeiro ensinar pra mim, eu precisei aprender que eu tinha que ter uma boa autoestima, um bom autoconceito, me aceitar do jeito que eu era, tá, e acreditar em mim e aí entra a perspectiva dos projetos de vida, eu precisava ter o meu projeto muito bem claro, muito bem definido e pra isso primeiro eu tenho que saber quem eu sou. E tem um filme que eu gosto, ele tem uma frase que ele diz assim mesmo: “escolha quem você quer ser e seja, né, seja de verdade essa pessoa”, então eu fiz isso, eu escolhi quem eu queria ser e busquei ser de verdade essa pessoa, eu queria ser professora universitária, eu queria ser bem sucedida, eu queria poder fazer um trabalho que eu gosto, eu poder estar com pessoas, embora no momento que eu tomei essa decisão eu não tinha todas as competência e habilidades necessárias pra isso, um exemplo, eu tinha muita vergonha de falar, então (*interrupção externa*) eu estava citando um exemplo de que eu não possuía de repente todas as competências necessárias, habilidades pra ser uma professora universitária, o que eu tinha escolhido, e um exemplo é que eu tinha muita vergonha de falar em público, porque eu aprendi desde a minha educação, que nessa época a gente chamava de primeiro grau, segundo grau, hoje o ensino fundamental e médio, de que o bom aluno não falava e eu seguia a risca essa perspectiva de eu não deveria falar e quando eu entrei na universidade mudou-se a concepção, o bom aluno era aquele que falava no curso de pedagogia, o que discutia, que colocava os seus pontos de vista e eu tinha uma dificuldade muito grande pra falar, e aí isso começou a me preocupar muito, porque eu fiquei pensando: “como (*interrupção externa*) então como que eu iria ser professora universitária se eu não tinha essa habilidade de falar em público, de colocar meus pontos de vista, meus posicionamentos e eu fui buscar ajuda, eu fui ver o que eu poderia fazer pra superar isso que poderia ser um empecilho pra minha escolha profissional e fui fazer um curso de voz e dicção, aí eu fiz o curso na época pela própria federal, na escola de teatro ou escola de música, não lembro direito, tá, e aí

através desse curso da federal eu fui melhorando, vamos dizer assim, esta minha habilidade, superando esta minha dificuldade, eu só te cito esse sempre pra te mostrar o como que eu fui tentando a cada dificuldade encontrada buscar superação pra que isso não atrapalhasse o objetivo ao qual eu tinha, de me tornar professora universitária.

Y: Você poderia contar como foi sua relação com a educação no decorrer da sua vida?

AF: Bom, acho que eu falei um pouco já sobre isso, né, que a educação permeou toda minha vida e que as figuras, principalmente femininas, do magistério influenciaram significativamente a minha escolha profissional. E aí eu falo também de relações de afeto, principalmente que são as coisas que mais marcam a nossa vida. Então eu tive professoras muito próximas em que eu tive muita estima, muito amor em todas as fases de minha formação e isso fez com que eu buscasse a docência como carreira, como profissão na minha vida.

Y: Você pode falar um pouco da sua trajetória pra se tornar professora universitária?

AF: É, acho que eu já falei um pouco também, né? (Risadas)

Y: Como você vê a mulher negra na docência na universidade?

AF: Então, é, eu penso assim, que não é fácil, mas não é... Como eu poderia dizer? Não foi algo que tenha trazido um diferencial pra mim, vamos dizer, eu não percebi em toda a minha trajetória nenhum sentido de discriminação na universidade por ser mulher, por ser negra, por ser de uma classe social menos desfavorecida. Eu acho que é porque como eu venho de uma trajetória de muitas lutas, se isso aconteceu não me abalou, não mexeu comigo, com a minha autoestima, mas por outro lado é muito claro pra mim, por exemplo quando eu entrei no meu mestrado, de perceber que eu era sim a única negra naquela sala, mas não tive tratamento diferenciado por isso, né, não fui discriminada por isso. Na universidade também a gente sabe que a gente ainda tem um número mais reduzido, não tanto no nosso curso de pedagogia

em que a gente já tem mais homens e mulheres, né, da raça negra fazendo parte das nossas classes, dos nossos grupos. Então isso não foi nada muito forte, nada que tenha marcado especificamente na minha vida, porque como eu te falo, o que marcou mais na minha vida, é, foi principalmente a situação socioeconômica, foram as dificuldades financeiras pelas quais eu passei que acabaram influenciando toda a minha trajetória, mas o fato de ser negra, não. Eu tenho obviamente uma identidade com a área, né, eu sei das nossas dificuldades, né, de tudo que a gente ainda precisa avançar nessa área, porque tradicionalmente, sim, temos toda uma história de exclusão social, uma história de discriminação, sim, ainda muito forte, as vezes muito velada, eu não sei se porque durante toda a minha vida desde que eu me formei eu assumi uma postura de não me sentir inferior a ninguém, que talvez não tenha percebido, se alguém tentou não conseguiu, porque eu sempre me coloquei muito no mesmo patamar que as outras pessoas, apesar de ser pequenininha, ainda tem isso, viu? (risadas) Apesar de ser pequenininha eu fui colocada desde muito cedo em grupos sociais de várias universidades, eu fui consultora do Instituto Ayrton Senna, eu lembro que quando eu chegava nas primeiras reuniões, imagina o pessoal do sul, totalmente diferente da gente, fisicamente falando mesmo, as mulheres altas, loiras, bonitonas, né, e eu lá morena, negra, pequenininha, mas eu nunca me senti inferior, as pessoas no começo, antes de eu começar a falar as vezes me olhavam assim, né, de um jeito que a gente percebe que tá dizendo: “quem é você?”, “o que é que você está fazendo aqui?”, mas ao colocar meus posicionamentos, minhas posturas, automaticamente eu recebia o respeito das pessoas, entendeu? Elas passavam a me analisar não pelo físico, mas pelo que eu trazia de experiência, de conhecimento, de vivência. Então a experiência com o Instituto Ayrton Senna foi muito positiva na minha vida, pude conviver com professores de várias universidades do Brasil, fazia trabalho junto com eles, tudo isso fortaleceu em mim, é, esse meu sentimento de igualdade, né, vamos dizer assim, de ser igual a todos os outros.

Y: Como você avalia a importância do sexo e da raça na construção da trajetória profissional?

AF: Eu já falei ou ainda não? (risadas) Deixa eu ver aqui se eu ainda não falei. Então, eu acho que eu acabei de responder essa questão, então, é, perpassa pela

minha trajetória, mas não é o ponto principal, não é o mais marcante na minha vida. Então não é algo que tenha me feito sentir menor ou inferior a qualquer pessoa, né, o fato de ser negra, é, não influenciou.

Y: Quando você ouve a expressão “racismo velado”, o que vem na sua mente?

AF: Quando eu ouço essa expressão eu penso em alguém que tenta te passar algo que não acredita, entendeu? É como se eu te trato de um jeito, mas penso de uma outra forma, de repente dentro de mim há algo que eu não quero expressar pra você. Pra mim acho que seria um pouco nesse sentido, porque quando a gente pensa “velado” a gente pensa em algo escondido, algo encoberto, algo que eu não quero que você veja, porque na sociedade nós vivemos hoje, isso já tá bem difundido, né, a questão da importância de você não discriminar o outro por sexo, por raça, por etnia, por religião, por qualquer, por princípios, por valores, por qualquer coisa e isso tá muito difundido na nossa sociedade, só que não significa que as pessoas ainda não tenham dentro de si isso, até porque a gente precisa analisar as trajetórias de vida dessas pessoas, né, a forma como elas foram formadas, as concepções que foram passadas pra elas desde a infância, no meio cultural que elas viveram, então a gente tem que olhar os dois lados também, né, como eu fui formado, como é que eu penso no outro, como é que a nossa escola trabalha essas temáticas, como é que a indústria cultural, como é que a indústria de brinquedos trabalha essas questões, eu vejo na questão dos brinquedos, a gente discute isso as vezes, no próprio curso de pedagogia, cadê as bonecas negras? Ainda são poucas, porque os nossos filhos que são negros não querem bonecas negras e querem bonecas loiras? Então isso tem toda uma construção em volta dessa questão que faz com que a pessoa apesar de saber, né, apesar na verdade não de saber, apesar de carregar dentro de si as vezes um certo preconceito, tenta não repassar isso para o outro por ter a compreensão de que aquilo não é o correto na sociedade que a gente vive hoje e nos valores que a gente busca, não vou te dizer que não vivi isso, vivi sim, né, eu já fui vítima, sim, de preconceitos, mas é aquilo que eu te falava antes, eu não senti isso como algo forte na minha, isso não me impactou, isso não me fez mudar em nenhum dos meus objetivos, não me fez me sentir menor, porque isso tava muito trabalhado dentro de mim pela construção que eu fui tendo ao longo da minha vida, mas no início foi difícil, muito difícil, mas

principalmente o fato de eu ser moradora de zona rural, acho que foi o que mais pesou pra mim, na minha trajetória.

Y: O que você pensa sobre a implementação das cotas raciais nas universidades?

AF: Pois é, a gente tem muitas discussões sobre isso a gente sabe que o Brasil ele tem um déficit, um déficit não, ele tem um... como é que eu poderia dizer? Dá um stop aí que agora fugiu (risadas). Fugiu da mente agora a palavra que eu queria usar (tempo em silêncio). Ai me ajuda aí, esqueci. (y: dívida) é, histórica, é verdade, obrigada. Tá vendo, to cansada, pode ligar de volta. Tá ligado? (y: tá) Ah, então tá bom. Então tá, obrigada pela ajuda. (risada) Então, o Brasil tem uma dívida histórica pela história, né, pela história toda da nossa constituição enquanto povo brasileiro, né, nós sabemos muito bem quem foram os escravos e que mesmo após a abolição da escravatura, não foi abolição na verdade, porque não houve as mesmas oportunidades como não há hoje ainda, as mesmas oportunidades para estudo, a gente não precisa ir muito longe, a gente não precisa dar dados do IBGE, não precisa das estatísticas pra gente perceber que nas prisões, a maioria das pessoas que estão lá são negras, que a maioria das pessoas que estão na educação superior e na pós-graduação são brancas, que a maioria das pessoas que ocupam os cargos mais elevados níveis também são brancas a gente não precisa de estatísticas, basta a gente olhar, né, ao nosso redor, a nossa realidade. Então se a gente for pensar por essa lógica, as cotas, sim, cumprem um papel de tentar, né, resolver, minimamente que seja, essa dívida que se tem com a população negra, de garantir a elas as mesmas oportunidades que as outras pessoas têm, porque nós não podemos discutir aqui que talvez essa pessoa tenha menos capacidade do que a outra, o que nós estamos falando aqui são de oportunidades e as oportunidades as vezes não são possíveis à essas pessoas, eu sou pessoa que poderia não ter tido a oportunidade se de repente minha mãe não tivesse vendido o vale transporte dela pra eu frequentar a escola de ensino médio, se ela não tivesse trabalhado de manhã de tarde e de noite, em casa de família, lavando roupa, vendendo bolo pra que eu pudesse frequentar uma universidade, então ela garantiu pra mim a oportunidade e ao ter essa oportunidade eu pude alçar todos os graus necessários pra que eu pudesse alcançar meu objetivo, então nesse sentido eu penso que as cotas têm o

seu lado positivo, eu concordo com elas, eu penso que a gente precisa, minimamente garantir essa igualdade, né, esse acesso à todos ao direito a educação, à saúde, a tudo, mas no caso aqui a educação de uma forma geral, né, que eu acho que é uma forma da gente garantir a inclusão dessas pessoas. Então nesse sentido eu sou favorável, sim.

Y: Professora, eu gostaria de agradecer.

AF: Respondi tudo? Faltou alguma coisa?

Y: Não, se a senhora quiser falar mais alguma coisa...

AF: Tá, eu só queria dizer assim que, pras mulheres que são negras, pobres, que têm alguma dificuldade em acreditar nos seus sonhos, nos seus projetos, eu quero dizer que devem correr atrás das coisas que acreditam, porque os desafios eles são importantes pra que a gente possa crescer, pra que a gente possa se desenvolver, eles não devem ser vistos como barreiras intransponíveis sobre as quais nós vamos deixar nossos sonhos morrerem, mas que eles devem se vistos como, é, montanhas que a gente pode subir, ultrapassar e ir muito além, porque nós temos que acreditar na nossa de ser mais, de ser mais em qualquer área, porque quem pode dizer que você não é capaz de alguma coisa se você não acredita nos seus sonhos? Então não é o fato de você ser negra, de você ser pobre, de você vim da zona rural, de você vim de uma escola multisseriada, de você de repente ter passado por situações de vida que você não tinha nem o que comer, de você ser a única pessoa da sua família que teve a oportunidade de ingressar na universidade, todas essas coisas, é, só mostram o quanto que nós somos capazes, então eu volto a repetir: a gente precisa saber que quando nós somos fracos é então que nós somos fortes, e se a gente acredita nisso, não existe nada que possa nos separar dos nossos sonhos, nada que possa nos separar dos nossos desafios e das possibilidades que a gente pode desenvolver com os nossos trabalhos, porque quem trabalha com educação, trabalha com transformação, trabalha com amor, trabalha com novas perspectivas de vidas, se de repente a gente não passa por essas coisas, a gente não consegue levar isso pras outras pessoas, então quando você tem toda essa vivência, passou por todas essas dificuldades, é muito mais fácil pra você fazer as outras pessoas acreditarem que a mudança é possível, que o

sonho é possível e que o “nunca”, “não”, “jamais” não existem pra você. É isso.
Obrigada.

Y: Obrigada professora!

ANEXO C- ENTREVISTA 02

Y: O que levou você a ser professora?

BF: Thaís eu creio que não existe um, um motivo em particular, creio que a própria experiência de vida enquanto estudante, as relações com outros professores, a relação com a escola de alguma forma elas acabam te influenciando a ser professora ou não, essa afirmação de identidade do ser ou não ela vem muito com as vivências. Creio que isso ficou mais visível durante o magistério no ensino médio que eu fiz, no magistério pedagógico ficou mais acentuado, esse ser professor, as disciplinas pedagógicas, a relação com os professores também eles me chamaram muita atenção pra isso e obviamente ao longo da tua vida como estudante, alguns professores te chamam atenção, pela forma de conduzir o trabalho, até pela forma rigorosa quando cobra dos alunos, da metodologia que quando adolescente você não tem isso muito claro, mas chamam atenção pelo trato que tem, né, com o ser professor. As vezes eu fico pensando que há até uma certa tendência a confirmar a tal da aptidão, né, acho que o ser professor tem muito isso, não é querer ser ou não, tem muito da vocação, da aptidão, do lidar com pessoas, lidar com as diferenças, estar no meio outros indivíduos, tem o que ensinar, saber como ensinar, eu ainda acredito muito na tal da vocação, da aptidão para.

Y: Você poderia contar como foi sua relação com a educação no decorrer da vida?

BF: Bom, o tempo passa e a gente vai esquecendo de algumas coisas, mas recente eu tava lembrando que quando eu tinha 12 anos eu dava aula de reforço pra outras crianças e isso é interessante, foi uma memória interessante desse contato com a educação e foi minha primeira experiência e eu ainda era adolescente e eu gostava muito, como gosto até hoje, de língua portuguesa, apesar de não ser professora de língua portuguesa, mas era algo que me chamava atenção e que essa tem um aspecto do que é ser professor que é a questão da liderança, né, você saber alguma coisa e querer compartilhar isso com outras pessoas. Depois disso o curso de magistério pra mim foi minha referência maior, mas muito através do estágio.

Quando eu estava no primeiro ano de pedagogia, eu tive a oportunidade de trabalhar como estagiária numa escola de educação infantil, dessas escolinhas particulares, e ali também ficou definido qual era o meu grande, a minha grande linha de atuação dentro da educação, né, que é a gestão, a gestão e também eu fazia um apoio na assessoria da escola e a docência na educação infantil que foi os meus primeiros anos de carreira, foi com a educação infantil em escola pública e depois com a gestão também escolar e também em escola pública. Sempre foram, eu creio que quando você tem uma identidade como profissão, tem um propósito com essa formação, então você acaba criando elementos de afirmação, de formação, você apesar de todo esse desgaste que tem a educação, principalmente a educação pública, você não se abate, a cada enfrentamento que você tem, dá uma nova respirada, um novo gás e vai continua trabalhando. Ao longo da minha carreira e lá se vão 22 anos de carreira, 21 anos, perdão, ao longo da carreira, eu comecei muito recente, eu comecei com 18 anos e é uma trajetória de amor, de paixão, de aprendizado constante, trabalhando com duas realidades, da escola pública e da escola particular foi importante pra mim, eu por exemplo não tenho identidade nenhuma com a educação particular, com escola particular, as relações são muito mercantilistas, não tem muitas possibilidades de criação de trabalho, de inventabilidade, você não tem autonomia, então a experiência que eu tive até hoje não são saudáveis pra mim, elas me aniquilam muito, essa questão da liberdade. No entanto, a educação pública ela te permite transitar de tantas formas, que não tem como você aprender com ela, então eu já trabalhei na capital, nas periferias, com educação infantil, com EJA, já trabalhei no interior do estado, com ensino médio, com formação de professores, com educação superior também no interior, com trabalho de formação profissional, palestras, seminários, em lugares longínquos possíveis dentro do estado e a minha primeira experiência como gestora foi como coordenadora pedagógica em outro estado, no município de Palmas, que era uma outra realidade, também trabalhando em um bairro carente do município, mas ao longo de toda essa trajetória você vai criando identidades, vai criando percepções, do que é a escola pública, do que é a privada, do que são as modalidades de ensino, do que é trabalhar na capital, do que é trabalhar no interior, e cada movimentações dessa que a gente faz, você obrigatoriamente tem que reaprender sobre a sua formação para atender essas necessidades mais diferentes possíveis que nós temos, você trabalhar na capital, aqui por exemplo, você trabalhar na capital

com ensino superior é uma realidade em tese mais confortável, mas você fazer adaptação disso pra outra realidade no interior do estado que não necessariamente só nos campus da universidade é uma outra condição muito mais complicadora da gente trabalhar, isso requer, exige mais da gente, criar condições, modificar, adaptar currículos pra trabalhar com os estudantes e muitas vezes professores adultos já formados e lançando mão de recursos que a tua formação não te dá, como lidar com pessoas, como lidar com situações de populações carentes, sem recursos didáticos mínimos e aí, Thaís, a gente tem que pensar: que educação é essa? Parte muito da concepção que a gente tem, da crença que a gente tem sobre o que a gente faz. Creio que é isso que permite uma trajetória de muitos ganhos, de muitas oportunidades, você acreditar no que você faz, você querer contribuir, é, se propor a essa contribuição com a educação, porque a educação não é algo que está fora de você, ela faz de você, ela está junto conosco o tempo todo, o pensar na educação dessa forma holística, não restrita a pedagogia, as licenciaturas, ao curso superior, mas educação nessa perspectiva de você poder construir saberes para além da tua área, quando você pensa dessa forma, você entende as diferenças, as limitações, as dificuldades, as oposições, é, em relação a própria educação pública, e em relação a própria posição social hoje enquanto professor que é uma posição também de descrença, de desvalorização, de infinitas limitações a gente trabalha com isso o tempo todo, essa, principalmente essa descrença e desvalorização e aí, a partir dessa perspectiva que você constrói um princípio educativo, uma concepção ao mesmo tempo que ela é sensata, mas ao mesmo tempo propositiva no sentido do enfrentamento das condições educacionais que nós temos, essa relação e esse encontro com as educações, com a educação de modo geral, ela se dá de modo saudável, porque a gente aprende, a gente ensina, a gente reaprende a gente se permite se modificar, a gente se modifica com os outros nessa perspectiva bem freiriana, se educar conjuntamente e aí a gente vai construindo processos educativos, ações educativas de modo muito saudável.

Y: Você pode falar um pouco da sua trajetória para se tornar professora universitária?

BF: Ser professora universitária era o meu propósito de vida. Quando eu fiz vestibular, no meu primeiro ano de faculdade eu queria ser professora da

universidade, mas aí tem uma história engraçada, por isso que você tem que ter foco, né, eu converso muito sobre a questão do foco, eu queria ser professora universitária então o meu projeto era quando terminasse a graduação eu fizesse concurso pra ser professora, quando eu terminei a graduação, a exigência mínima era que tivesse especialização, eu saí da graduação pra fazer a especialização, quando eu terminei a especialização a exigência era o mestrado e aí nessa história, né, eu saí já são uns 15 anos, as vagas pra pós-graduação stricto sensu eram muito restritas e eu precisava trabalhar também, a minha família precisava que eu trabalhasse, a gente precisava de uma renda melhor e aí eu tive que dar uma freada no meu projeto de ser professora e fiz concurso pra ser professora, eu fui pro estado do Tocantins e lá no estado do Tocantins eu tive oportunidade, porque qual era a minha estratégia, eu precisava de um emprego efetivo pra eu poder nem que fosse pagar um curso de pós-graduação, mas pagar um curso de pós-graduação e então foi isso que eu fiz, eu estava com 01 ano trabalhando lá e aí apareceu a oportunidade de uma faculdade de São Paulo onde eu fui fazer o meu mestrado e consegui, o período que eu terminei o meu mestrado foi o tempo que eu retornei pra Belém também e fiz outro concurso, pra prefeitura de Belém e em 2003 já em surgiu a oportunidade de eu trabalhar na universidade como professora substituta ainda na época, fiz seleção, uma seleção pública pra substituto e em 2004, um ano depois, teve concurso pra efetivo e eu fiz o concurso, já tinha os requisitos mínimos, eu torcia, tomara que saia logo o concurso, porque eu ainda não tenho doutorado e ia ter que esperar mais cinco anos pra poder consolidar isso daí. Então era assim, era o meu objetivo e a medida que eu atingia esse meu objetivo de entrar na universidade enquanto professora efetiva, eu tive uma trajetória muito rápida, dentro da universidade, aí eu não sei, não posso te afirmar se é por talento, se é destino ou coisa parecida. Eu estou fazendo 12 anos de universidade, agora em 2015 eu faço 12 anos e 12 anos eu já ocupei funções que professores que estão se aposentando ainda não atingiriam, muitos também não é o sonho de consumo, eu trabalho muito na gestão, gestão não é a afinidade de muitos professores e eu creio que essa, a oportunidade de prestar concurso pra universidade ela coincidiu também com um amadurecimento pessoal muito grande, porque eu já tinha experiência, experiência como professora, como gestora de outras instituições da educação básica, com educação infantil, com o ensino fundamental, com direção de escola, com coordenação de escola, com coordenação de creche, trabalhando com treinamento

fora da capital, então essa entrada na universidade ela culminou com esse amadurecimento de outras experiências profissionais no campo da educação e aí o que eu trouxe pra universidade? A soma de tudo isso. E uma das primeiras disciplinas que eu trabalhei aqui foi a disciplina didática para o curso de pedagogia e logo em seguida para o curso de matemática que é onde mais tem problemas no ensino fundamental, são nos cursos de matemática e língua portuguesa, principalmente em matemática em função da didática, da prática, da relação professor-aluno então foi uma experiência fantástica, na época pra mim, trabalhar com eles e a outra disciplina que eu trabalhava no curso de especialização era gestão educacional também trazendo essa experiência de gestão de escolas. Então foi um encontro, assim... explosivo, né, um encontro apaixonante, de muito conhecimento, de maturidade, de serenidade que a universidade requer, não só esse campo do conhecimento teórico, mas também esse saber pessoal, esse saber emocional de saber lidar com essas diferenças que a universidade requer. E aí, em função dessa experiência anterior, essa afirmação na carreira universitária, ela foi mais tranquila, ela foi mais tranquila pra mim, porque eu não estava tateando o que fazer ou deixar de fazer, eu trouxe essas experiências anteriores e talvez em função dessa, dessa segurança, quanto profissional, essa segurança da área, ela trouxe uma respeitabilidade muito grande pra mim dentro da instituição. Com menos de um ano que eu tinha prestado concurso, que eu tinha sido efetivada, eu fui eleita pra coordenação de um dos nossos campus universitários, eu fiquei lá por 03 anos, enfrentei uma eleição, ganhei uma eleição, saí de lá e coordenei o curso de pedagogia na modalidade a distância por 04 anos, estava concluindo em 2013, entregando a coordenação desse curso, fui eleita pro departamento que eu to agora, nesse momento, então assim, sequencialmente esse é o terceiro cargo de gestão que eu tenho na universidade em 12 anos de carreira na instituição, entre outras representações que a gente passa a assumir, então esse era o meu propósito, eu me sinto muito feliz, Thaís, porque esse era o meu foco, eu tive que fazer algumas escolhas antes pra ter essa afirmação, mas quando veio a oportunidade eu estava e me sinto preparada hoje mais do que antes, eu tenho um amor particular pela UEPA, eu sou ex-aluna da UEPA fiz minha graduação e especialização aqui, então tenho um amor particular, então eu não queria ser professora de qualquer universidade, eu queria ser professora da UEPA.

Y: Como você vê a mulher negra na docência na universidade?

BF: Eu vou começar te falando uma, uma... ser negro já é difícil, né? E você ser professor universitário, isso não, não te exclui nem te protege de nenhum racismo, nenhuma discriminação racial. Eu lembro que eu estava em um seminário sobre inclusão, seminário internacional de inclusão na universidade de Minas Gerais e uma das pautas era exatamente essa, a questão do racismo e aí tinha uma colega professora da universidade de lá de São José do Rio Preto, e tava eu mais uma colega também negra, não com a pele tão escura assim quanto eu e ela era professora lá do NPI e estávamos lá nós três e essa professora branquinha, parece europeia depois do seminário nós saímos conversando assim sobre as questões do racismo ainda questões que a palestrante levantava era que o racismo no Brasil ele é algo que é como se fosse uma arma apontada pra tua nuca e isso nunca me saiu da cabeça, porque tu nunca sabe da onde vem o tiro, ela falava isso e nós saímos comentando essa frase dela, né, da veracidade disso e realmente diferente nos, por exemplo, você tem o Estados Unidos que tem o apartheid hoje velado, mas você tem, mas você sabe onde tá cada um, você sabe que situação você enfrenta, no Brasil, não, as pessoas elas fingem que não são racistas, mas elas são muito racistas, então você não sabe de onde realmente vem o tiro e aí coincidentemente essa professora ela dizia assim pra gente: “mas eu não acho que tenha racismo, assim, acho que nós já avançamos, não existe isso, principalmente que uma das questões era no ensino superior, né, que as pessoas são com uma outra mente, uma outra cabeça, as pessoas, os negros são aceitos hoje na sociedade, tem oportunidade de ter cargos” aí ela virou pra mim assim “não vê você, Docinho, você é negra, bonita, tem uns traços bonitos, delicados e você tá e você é professora de uma universidade” e aí nós rimos, né, por aquela fala tão inocente, eu não sei se não era maldade, era ingênua em relação ao que representa o racismo e aí eu e minha colega falamos ao mesmo tempo: “tai a arma apontada pra nuca” você não sabe de onde vem, então a pessoa não admite, não reconhece que existe e ela acaba falando besteira e não é o fato de que se eu não tivesse feições próximas ao padrão de beleza eu não seria aceita? E se eu tivesse o cabelo mais enrolado, mais pixaim? Como seria a minha situação? E se tu tivesse a pele mais escura? E se eu não tivesse tido a oportunidade de estudar? Então como seria essa relação? Então é um olhar muito ingênuo, vindo de uma professora universitária e que estava num

seminário ali dentro discutindo inclusão, né, nas suas mais diferentes nuances, e aí ela me saiu com essa. E é isso que a gente enfrenta, né, eu cito esse exemplo, esse caso, porque é o que a gente enfrenta todo dia dentro da universidade, e aí o que é ser professor negro dentro da universidade? É o enfrentamento todo dia, você tem que estudar mais, você tem que saber mais, você tem que se a pessoa branca, de pele branca, ela tem um talento “x”, você tem que ter “x, y e z”, você sempre tem que tá a frente. A tua necessidade de afirmação, ela é muito mais pesada em cima de ti, e a gente ouve as piores piadas, “ela é preta, mas trabalha bem”, “ela é preta, mas é inteligente”, “ela é preta, mas é competente”, sempre como um adversativo, “é, mas...”, “apesar de...”, “apesar de ser negra, tem capacidade”, o que não deveria ser o condicionante, porque a inteligência a competência ela não tá condicionada a cor da tua pele, né, mas a gente enfrenta isso, a gente ouve piadas nesse sentido, tá, de alunos, de professor, de colegas, né, se tem alguém que é subalterno a você, nessas relações de trabalho é a mesma condição, então é um enfrentamento. Agora é claro que é mais chocante, porque a gente tá em uma instituição de ensino superior, então a priori a gente não espera esse tipo de comportamento, mas também é o nosso desafio, educar, ir criando espaços pra que a gente consolide um espaço realmente democrático, independente de raça, de credo, enfim, mas esse nosso espaço ele é obviamente limitado, até por conta do nosso acesso a escola, acesso a educação, então pra cada, assim, uma proporção aleatória pra cada 100 estudantes que entram na universidade, $\frac{1}{2}$ é negro e uma das coisas que essa professora dizia era “pode estudar, hoje o negro pode estudar, tem direito a escola, a universidade”, não é bem assim, você não sabe a trajetória que eu tive pra chegar numa universidade, sou mulher, sou negra, sou pobre, vim de família pobre, vim do interior do estado, então a trajetória ela já mais difícil por si só, então assim, eu detenho todo os requisitos de dificuldade, de exclusão, da pobreza a negritude e ser mulher que também que é um outro elemento de exclusão e é isso que a gente faz, Thaís, eu já ouvi piadas assim, das mais ridículas possíveis, eu lembro que eu fui encaminhada pra coordenar uma creche lá no conjunto catalina e uma das professora dizia que eu ouvi, né, depois: “era só o que me faltava ser administrada agora pela senzala”, era uma das piadas que eu escutava lá e outras piadinhas assim, na universidade mesmo, nos campus que eu coordenei, “essa preta é muito abusada”, “essa preta é muito autoritária”, “não basta ser preta”, essas piadas que a gente ouve sempre. E o fato de você ser professor não modifica isso. E

se tu me perguntares assim: “professora, isso lhe abala?” nenhum pouco. Porque agora, isso não é regra também, não me abala porque eu tenho uma segurança pessoal, emocional, de formação, venho de uma estrutura familiar muito sólida, muito amorosa que ela não tem espaço pra esse tipo de ofensas, de críticas, de piadas, não tem, mas isso sou eu. Mas isso é algo que mexe muito com a percepção da pessoa mesmo, porque mexe com autoestima, mexe com o emocional, mexe com a segurança pessoal, então a gente não sabe da onde elas vêm também, tá aqui mesmo eu conheço uma professora que não convém citar o nome, ela é bem, observo assim, uma professora negra que ela tem a necessidade de autoafirmação, porque já traz aquele estigma da discriminação, “se eu não fizer isso, eu não vou ser aceita”, de uma subjetiva e até inconsciente a pessoa vai fazendo isso, nesse sentido e a gente observa quer seja na forma de se vestir, na forma de falar, de querer ocupar os espaços assim dessa forma que eu também não concordo, não é porque você é negro que você tem que ocupar tudo, também não sou disso, acho que os espaços são conquistados, mas o que eu quero dizer disso é o seguinte, se você não tiver essa segurança pessoal, essas críticas, elas te abalam, elas te desestruturam, comigo nunca aconteceu de me desestruturar e eu nem vou perder meu tempo pensando nisso, tá, mas porque eu tenho essa base familiar, a maioria não tem, elas vêm de situação assim, de humilhação mesmo, de vida precária, de exclusão, de violência, né, até de violência doméstica, então a gente não pode generalizar nesse aspecto e aí quando há oportunidade a gente faz uma conversa muito fraterna, como diz o meu amigo, faz uma conversa fraterna no sentido da pessoa compreender o seu erro, ter esse olhar, esse olhar da fraternidade, da união, dessa integralidade, dessa diversidade de povos, pessoas, né, de olhares diferentes, que a gente valoriza o ser humano e não a cor da pele.

Y: Como você avalia a importância do sexo e da raça na construção da trajetória profissional?

BF: Do sexo e da raça? O ser mulher já é difícil, né? Por incrível que pareça a educação ser ocupada predominantemente pelas mulheres, as mulheres são discriminadas dentro da educação, há uma tendência de maior respeitabilidade pelos homens e há também a ter uma tendência de respeitabilidade maior pelas mulheres, eu observo na universidade, quando elas tem comportamentos similares

aos dos homens, fechados, marrentos, mais distantes assim, e isso dá um certo grau de respeitabilidade e as mulheres são consideradas aquelas mais amorosas, mais maternais, quando elas fogem disso, elas são odiadas e isso não é o caso das mulheres, e não é, eu acho que você tem que defender uma posição profissional deles, sendo mulher, sendo homem, essa deve ser a nossa posição, estou aqui não como mulher, não com homem, estou como professora, como professor, mostrar serviço, dar dignidade para o trabalho que você está fazendo, e aí nesse sentido é permitido que o homem também desça desse pedestal e se aproxime também, afunile também essas relações interpessoais sem medo dos estigmas de tá sendo comparado a mulher, como mulherzinha, cheio de frescura, cheio disso, cheio daquilo que é isso que a gente ouve e nem da mulher ser olhada como a professora, como aquela que sempre passa a mão na cabeça, sempre dá um jeitinho ou coisa parecida, então você tem que ser profissional, ter afirmação profissional com relação aquilo que você faz. Ainda existe uma presença muito machista nessas relações dentro da universidade, há uma tendência a se aproximar mais da professora mulher, pelo seu jeito mais maternal ao mesmo tempo em que desmerece essa posição profissional dela e ao mesmo tempo que há um distanciamento do homem, dessa relação interpessoal com estigmas do machismo, do preconceito, incidindo talvez na supervalorização do que ele faz e aí é algo assim como a gente discutiu que inteligência e a competência também não está ligada a cor da pele, também não a questão do gênero, agora em relação a questão racial, nas relações creio que elas sejam muito presentes, os alunos tem uma tendência de gostar de quem é branquinho, bonitinho, passado no algodão, não do negro que em tese é considerado estranho e foge de um padrão de beleza, de cor de pele, existe essa preferência, isso é visível, visível mesmo, porque eu não tenho problemas, Thaís? Porque antes de mim, chega a minha referencia profissional, mas o pessoal ainda se assusta quando vê uma professora negra, que essa referencia profissional é de uma professora negra, os alunos ainda se assustam, claro que eles baixam a arma pelo dialogo, pela conversa, pela relação que a gente estabelece, mas ainda se assustam. Não ouço piadas, (não deu pra entender), mas a gente percebe no contato inicial aí esse choque, ah, a professora Docinho (não deu pra entender) é isso é aquilo outro, mas sou só eu, não está ligado a pessoa, a cor da pele, quando chega assim é um choque. Logo que eu iniciei a carreira, o choque era maior, porque eu era mais jovem, então ainda tinha esse agravante de que a pessoa

jovem, ela não passa credibilidade, era mais um agravante e eu tinha, tipo assim, rosto de mim, que era um problema pra mim isso, rosto de muito, muito menina e pegava turmas de matemática que eram basicamente homens, homens adultos, a noite e eu com cara de menina de 18 anos, parecia mais uma estudante do que uma professora, então foi um desafio se fazer respeitar, assim, com muito estudo, com muita dureza, né, que é uma coisa que eu tenho até hoje, eu sou muito exigente, sou muito rigorosa, amigos, amigos, negócios a parte, e isso vai criando uma relação e ao mesmo tempo uma referência profissional (não deu pra entender).

Y: Quando você ouve a expressão “racismo velado”, o que vem na sua mente?

BF: Tão claro, né? Um racismo dissimulado, até nas relações de trabalho, Thaís, as pessoas, elas te toleram, mas elas não te acolhem de coração, existe a piada sim, principalmente se você se destaca mais que uma pessoa branca, ela procura te ofender naquilo que socialmente é discriminatório que é na tua cor, tua cor de pele, e se não for na cor de pele é em algum defeito que você tenha, faz, torna isso pejorativo, por isso que a (não deu pra entender), porque é velado, é uma arma apontada na tua cabeça, tu não sabe da onde vem, e ela vem dos lugares menos esperados, enquanto a sociedade, as pessoas não assumirem que são racistas, elas não assumem e aí a gente tá vendo um movimento muito grande sobre isso na televisão, é impeachment daqui é impeachment dali, fora isso, fora aquilo e a gente percebe quanto as pessoas elas são preconceituosas, elas são discriminatórias, são racistas, xenofobistas, elas são. Isso é cultural, dessa nossa relação histórica do patrão, do empregado, do opressor, do oprimido, do barão, do escravo, isso é histórico, as pessoas estão com isso tão impregnado que elas têm que mandar em alguém e quem elas tem que mandar? Aqueles que se diferenciam de si, seja em relação a raça, a sua situação econômica, elas se utilizam disso pra dominar, pra explorar o outro, mas é que elas não assumem, e você fizer uma pesquisa com 10 pessoas brancas, elas vão dizer que elas não são racistas, mas você vai na casa delas e tem uma empregada negra, você entrevista 10 professores universitários, você diz que eles não discriminatórios também, mas quem trabalha na casa dele é a mulher alfabetizada, que não estudou, isso é relação de poder, de quem tem mais e quem tem menos, quem pode mais e quem pode menos e a gente ainda reproduz isso, tá, quem é que você escolhe pra trabalhar? Alguém que você possa dominar,

aquele que você possa mandar, aquele que já está socialmente inferiorizado e fragilizado e isso permite que você domine ele com mais força, eu diria assim. Então você sempre escolhe alguém que tenha menos que você, seja de saber, de dinheiro, seja por cor da pele, tá, seja de percepção, enfim, você faz esse, estabelece uma relação de dominação com alguém, e aí, isso as pessoas não assumem, de um modo geral, eu posso dizer que eu não sou uma racista, mas eu tenho outras formas de exercer, também, essa relação de poder, essa relação de discriminação, seja com empregada doméstica, seja com estudante e com infinitas relações a gente acaba estabelecendo isso e enquanto a gente não assumir essa relação discriminatória a gente não vai avançar, a gente vai continuar parado no tempo, né, achando que não tem, se iludindo que não tem, e se iludindo (não deu pra entender).

Y: O que você pensa sobre a implementação das cotas raciais nas universidades?

BF: Olha, eu tenho duas opiniões, se por um lado, as cotas raciais, elas cumprem uma, um compromisso social por conta de toda essa história de exclusão da população negra, no país, olhando por esse lado eu creio que é pertinente, por outro lado, ela não resolve o problema, eu sou contra as cotas raciais, elas não resolvem, é um paliativo, um paliativo que está se consolidando, creio que a curto prazo sim, mas ela tá se consolidando e não se tem buscado outras alternativas, porque a médio e longo prazo você tem que aumentar o número de vagas na universidade pública, porque a gente continua concorrendo a um número ínfimo de vagas no ensino superior, as vagas no ensino superior, elas não correspondem a necessidade de formação no ensino médio, tá, enquanto ensino médio, tá, enquanto o ensino médio forma milhões de alunos anualmente, a universidade, a UEPA, por exemplo, ela tem em torno de cinco mil vagas e o ensino médio no estado, em todo estado do Pará, nossa, tem mais do que o triplo disso, então você sempre vai ter uma concorrência injusta, e aí você acaba dividindo, então a história não é dividir o pouquinho de arroz que você tem, você tem que produzir mais arroz pra aumentar a quantidade e servir todo mundo bem, porque a gente vai continuar com fome se continuar brigando por uma pequena porção e por isso que eu sou e também a minha resistência às cotas, a universidade ela não tem aumentado o número de

vagas, e quando aumenta são pra cursos mais populares, também limitando a oportunidade, a oportunidade do aluno escolher qual curso ele quer, ele quer migrar, o ele quer fazer, ta, então muita gente vai pra licenciatura também porque são os cursos em tese mais fáceis, de maior acesso, mas a universidade também não aumenta a oferta de vagas na engenharia, na medicina, tanto na universidade federal quanto na estadual, curso de engenharia só na federal, ela não aumenta o número de vagas, desde que eu me entendo como gente é o mesmo número de vagas, e só na capital, se você vai pras universidade particulares são mensalidades exorbitantes, até onde eu acompanhei uma mensalidade de medicina no CESUPA era três mil e cem reais, mensalidade, agora você imagine se uma pessoa negra, de família pobre, negra, assalariada, ela vai se submeter à um roubo desse. Não é? Não é a cota que resolve. Não tem condições, nem com financiamento do FIES, ela não vai ter ao longo da vida condições de pagar é um valor altíssimo. Então a cota não resolve. Tem que democratizar o acesso, ampliar o número de vagas, dar mais oportunidades, fortalecer a educação básica, o ensino fundamental, o ensino médio, criar uma outra procura de acesso pra isso, as universidades públicas têm condição de ter? Tem. Por que não faz? Porque isso gera custos, a cada turma e curso que você abre, você precisa de mais professores, você precisa de laboratório, você precisa de biblioteca, você precisa pessoal técnico-administrativo, você precisa de estrutura física e por aí vai, e aí os governos não querem gastar e aí ficam fazendo isso, dividindo o pouco que já tem, sem plantar pra aumentar a colheita e aí quando isso aperta, eles mandam pras instituições particulares, porque eles só pagam mensalidade, financiam a mensalidade, aliás, não tem despesa com professor, nem com servidor, nem com auxiliares, não tem que construir prédio, nem laboratório, nem biblioteca, então é fácil demais, é fácil demais, então se a gente tivesse um número proporcional de vagas no ensino superior, em relação ao que o ensino médio forma, a gente não estaria brigando por vestibular e nem estaria brigando por cotas e assim com uma série de outras situações, especificamente sobre cota racial que é isso dessa forma, é a mesma do meu pensamento sobre cotas pra quem vem da escola pública, cotas pra quem não tem serviço, estas continuando dividindo só uma porçãozinha de arroz a gente continua brigando, dividindo, por essas cinco mil vagas que a gente tem e o resto? Não se preocupa. Hoje a gente ta numa discussão, inclusive aqui no centro, e tão querendo, tem três cursos pra entrar, que é o de ciências sociais, filosofia e de história que é aumentaram as turmas, de

geográfica também querem aumentar as turmas, e não tem espaço. E não vai ter. Porque não tem mais onde construir um puxadinho aqui nesse quadrado. Se você se limita a questão do espaço e não busca alternativas também, você não tem como ampliar o número de vagas vai continuar nisso, aí qual a solução paliativa? Aumentar de 40 pra 44 cada turma pra pseudamente dizer que se aumentou o número de vagas, isso é paliativo, gente, a gente tem aqui na capital, a gente tem nove cursos, a gente tem em torno de mais, de todos os cursos, torno de umas 50 turmas aqui, então só multiplicar cinco vezes quatro a gente vai ter é em torno de 200 alunos a mais e aí? Isso não é nada em torno da necessidade que a gente tem, isso eu to falando só do centro, enquanto os outros não aumentam, os outros campus, o CCNT, CCBS, não aumentam continuam na mesmice. Então é muito paliativo. E aí nessa perspectiva também esses dois olhares, enquanto um compromisso social, um retorno social, o sistema social a curto prazo ele é importante, mas a médio e a longo prazo ele não é, infelizmente ele tem permanecido aí a médio e a longo prazo, ficou instituído, ele já ta aí em torno de dez anos por aí, e a gente continua brigando por esse tão porquinho de coisa,.

Y: Professora, o que me chamou muita atenção foi a sua relação com a sua família, que através dessa construção de vocês a senhora não se deixou abalar por tudo que pudesse acontecer pelo fato da senhora ser mulher, ser negra, a senhor podia me contar mais um pouquinho como foi a sua relação, da sua família coma senhora, com a educação?

BF: Eu sou apaixonada pela minha família. E o meu pai, ele estudou só até o primeiro ano, meu pai é alfabetizado, só o primário, né, aliás, só o primário, a minha mãe, tanto papai quanto mamãe são negros, a mamãe também, estudou até o quarto ano primário que tem um novo modelo aí e só depois de nós adultos, eu, por exemplo já estava na faculdade, quando mamãe, quando o papai deixou a mamãe voltara escola pra fazer o ensino fundamental, através do supletivo e aí uma coincidência bem interessante é que uma das minhas irmãs logo depois de mim que ela é professora também, lá em casa a maioria é professor, de nove irmão só dois que não são professores, aliás, três que não são professores os outros, todo nós somos professores, e desses cinco, nós, desses outros cinco exercemos a profissão. E ela é professora da educação básica e aí coincidentemente ela foi professora da

mamãe, e depois de anos e a mamãe voltou a estudar, eu já tava na faculdade, eu já trabalhando aqui, inclusive, e assim, tem uma, que eu acho que começa daí, porque eles têm uma historia de exclusão, de abandono familiar, também, mas eles construíram uma, pelo conhecimento dele, saber, saber empírico, eles construíram umas estrutura familiar fantástica, os sabes pessoais que eu tenho, eu aprendi com o papai e com a mamãe, eu não aprendi na rua, na realidade eu não aprendi em lugar nenhum, eu aprendi com eles, esse o saber respeitar, o saber compreender, o se respeitar, do amar o próximo, da tolerância, do silêncio, é uma coisa que eu tenho hoje, que eu converso, que eu levo pra frente, que eu aprendi com o papai, que você nunca, nunca revide a uma agressão, porque você vai se arrepender mais, aí ele usa um termo que é o seguinte: “quando você estiver sob muita pressão, peça ajuda aos anjos, diga assim pra deus: ‘Senhor, dai-me paciência pra eu respeitar a fraqueza do meu irmão’” e aí uma vez eu fui descumprir essa lição e realmente, eu me arrependi muito, muito mesmo, porque eu fui revidar uma professora que coordenava uma escola e eu fiquei muito mal, sofri muito, com aquilo, me arrependendo, porque eu tinha revidado, porque eu não silencieei, porque eu não fui embora, e aí desde esse dia eu disse que foi a primeira e última vez, nunca mais eu vou fazer isso, né, de revidar uma agressão, e aí são saberes assim, nesse sentido, então por conta disso a gente não ficou com trauma nem com estigma de não ser amado, de não ser aceito por ter o cabelo ruim, por ter o nariz grande, por ter a mão grande, por ser caderudo, por ser gordo, por ser preto, enfim, isso não fez parte, porque nosso sempre foi um lar muito cheio de amor, que essas coisas nunca chegaram até nós, se agente mudou essa estrutura da questão pessoal, é muito da experimentação, experimentação de cada um, querer mexer no cabelo, querer mexer no corpo, querer fazer isso, fazer aquilo, mas é muito de cada um, não por uma questão de aceitação social, a vou esticar o cabelo pra ser aceita socialmente, vou, uma aluna minha, alguns anos atrás, foi interessante ela dizer assim: “professora, a senhora gosta de ser negra, né?” eu disse “ eu não tenho como não gostar, eu me amo, essa foi a pele que Deus me deu, eu sou apaixonada por mim”. E ela dizendo assim: “professora, eu me odeio, eu não suporto ser negra, eu odeio minha pele, eu odeio a minha cor” e eu disse: “nossa, mas porque isso?”, era uma aluna de pedagogia inclusive, “mas porque isso?”, “eu não gosto, eu odeio minha pele, odeio o meu cabelo e eu acho bonito ouvir a senhora falar que se ama e a senhora se acha bonita e a senhora é bonita, mas eu não consigo me ver assim,

professora eu não pego nem sol pra não ficar mais preta” (risadas) e eu fiquei assim, encabulada com aquilo, né, eu disse “nossa senhora”, mas é essa visão, essa percepção pessoal dela totalmente negativa de si mesma, que é um olhar que nós não temos sobre nós, ta, então se você me chamar de “negra”, “preta”, como me chamam, pra mim, isso não altera absolutamente nada, porque? Pra mim é um olhar carinhoso, ta, é uma expressão, uma relação carinhosa que a gente tem, nós nos chamamos assim entre irmãos, “negão”, “negona”, a gente não chama só de papai e mamãe é “negão pai”, “negão mãe”, é a gente a se trata muito assim, então isso não altera, agora, quando eu ouvi essa aluna eu disse, nossa, como faz diferença um lar, porque meu pai é negro também e já sofreu todas as privações possíveis, na própria família, mas ele não permitiu que isso chegasse até nós, nós somos muito amados, Thaís, nós todos, até os netos, nós somos muito amados, independente da cor da pele, isso não pesou nenhum pouquinho. E meu pai era discriminado pelas sogras dele, minha mãe foi criada pela mãe biológica e pela madrinha e elas eram racistas, apesar de serem negras, a minha avó materna era parece eu, mas ela era racista, não suportava o meu pai, porque ele era preto e a madrinha dela também, um pouco mais clara, né, de herança miscigenada, né, com português, índio com português um pouco mais clara, não suportava meu pai que era preto também, e assim, o papai que sofreu as maiores privações, a irmã do meu pai ela é racista, ela é uma negra racista, El ainda tem aquele olhar de dizer assim, “olha, tem que casar com branco pra clarear a família”, esse é o olhar dela, e ela teve uma filha com um homem branco mesmo, bem galego, com essa idéia, então isso era algo que ela queria que todos os sobrinhos fizessem, né, e a gente já teve alguns debates assim, homéricos, em relação a isso, essa questão racial, que pra você ser aceito socialmente você não precisa se misturar conjuntamente com ninguém, pra você ser aceito socialmente você precisa se aceitar na condição que você tem, eu sou negra, pra que eu vou fingir que sou branca? Por que eu vou imitar um padrão social que não me permite, que não sou eu? Ta, e aí é isso, é uma relação muito gostosa, nós irmãos, segunda geração de sobrinhos, também, acho que por essa relação muito afinada, todos, Thaís, a primeira até a segunda geração agora a gente tem muito clara essa consciência de cor, os meu sobrinhos, filhos de um dos meus irmão, eles são escuríssimos, são muito escuros, e e são lindos os moleques, são três meninos, e a gente brinca com eles, né, a gente brinca assim, poxa mano, teus filhos são parece besouro, são negros que a pele brilha, que parece que tem aquele verniz,

sabe? E aí é interessante, com o cabelo liso, já da herança da mãe, tem um cabelo assim, parece o seu, e eles tranquilos e um dia desses eu observei isso em um dos sobrinhos, que ele dizia que ele não queria ser preto e a gente foi puxando a história e era por conta de relações na escola e a gente conversou muito com ele pra ele não criar isso na cabeça, porque os avós paternos são negros, a avó materna é negra também, a mãe dele é negra, o pai, então tá no sangue, pra ele acreditar nele, desconstruindo isso que a pior coisa é preto racista (risadas), não há razão de ser, precisa ter consciência de quem você é, então faz muita diferença um lar feliz, um lar assim, cheio de amor, cheio de ensinamentos, cheio de orientações que a gente recebe, sabe? Porque se não fosse dessa forma aí aconteceria, aconteceria que nem aconteceu com essa moça que eu lhe falei de não gostar de si, não gostar mesmo que assim pela fala dela, aquele olhar raivoso, sabe? De “poxa, porque Deus me fez assim?” agora, eu também não concordo com algumas situações, Thais, de por você ser negro tudo tem que ser facilitado pra você, não concordo, não é justo, acho que você tem que ter um espaço, conquista democrática como todo mundo, não gosto também dessa posição do coitadinho, “ah, porque eu sempre fui discriminado tem que facilitar pra mim” eu também não sou adepta, adepta disso, como eu vi uma professora: “olha a gente tem que ocupar os esses espaços, Docinho, porque se não a gente nunca vai ter”, eu não acho que a gente tenha que ocupar, se não for do meu caráter, determinadas funções, determinadas situações eu não tenho que brigar por aquilo, tenho que deixar pra quem realmente tem afinidade então o espaço é de todo mundo, esse espaço que tem que ser democratizado, no meu entendimento, tá, então infelizmente a gente ainda vive muito assim, a gente vive muito pelo que a gente representa, não pelo que a gente é, então se você tem, eu já vi assim, algumas relações, é porque eu sou muito, eu brinco comigo que eu sou muito abusada, assim eu sou muito segura, assim, eu não dou vazão pra isso, mas é isso aí, muitas amigas brancas de chegar e a primeira coisa que faz, pra ter uma referencia, “Ah, minha amiga, professora da universidade”, tá, não tem que ser só a docinho, não pode ser só a docinho tem que ter uma referencia pra dizer que você não é qualquer negro, “ah, minha amiga, trabalha na universidade, é chefona lá”, aí tem que dar teu currículo pra ela dizer: “olha, ela não é uma negra da senzala, ela já ascendeu pra casa grande” (risadas) sabe? E isso é ruim. Isso é ruim, tem sempre alguma coisa, assim, no meio. O meu cunhado um dia desses a gente tava brincando e o meu cunhado ele dizia assim:

“você ficam se chamando de ‘negra’, ‘preta’, vocês não deveriam fazer isso” e aí a minha irmã disse assim: “olha, isso não altera em absolutamente nada a nossa relação, nós não temos problema nenhum com isso, nós somos muito seguras em relação à nossa condição racial, não altera absolutamente nada”. E ela até disse assim: “graças a Deus que você não é negro, porque a primeira vez que te chamasse de preto você ia ter um surto (risadas). Você ia ter um surto, porque você tá se incomodando com a gente, nós que somos negras, imagine se fosse você”. E é muito assim, sabe, dessa... é uma caixinha de surpresas, sabe? Você tem que se amar muito, você tem que se sentir seguro, você tem que se sentir amado, você tem que se respeitar pra que essas coisas não te abalem. Vê meu pai, Thaís, meu pai tá com 76 anos, é um malandro o meu pai, todo cheio de história, sempre tem um conselho pra te dar, algo pra te contar, se é preto ou branco, pra ele tanto faz. Tinha um, um dos meus irmãos, ele tinha essa coisa do viver sempre armado por ser discriminado, eu moro num condomínio e ele ia lá comigo e ele dizia assim, toda vez pediam a identificação dele na portaria, ele chegava brabíssimo, “ah, é só porque eu sou preto aí já acha que eu sou ladrão”, “não é assim, mano é porque eles pedem isso pra todo mundo pra todo morador, pra todo visitante”, “não, não é não, é porque eu estou de pés, porque eu sou preto”, “não é assim, não é por isso. Tem isso? Tem, mas não é por isso. Tu já viste algum branco passando por aí que não se identifique? Então não podes afirmar”. Aí ele foi e comprou um carro e eu achei graça dele dizer: “Agora eu passo aí nem pedem minha identificação, só porque eu tenho carro” e disse: “Tu não decides o que tu queres, se pedem tu és ladrão, se não pedem é porque te respeitam só porque tu tem carro, só por causa do carro” (risadas), e ele já foi mais assim, ele era muito armado, hoje pra ele, ele também leva numa brincadeira, ele ainda tem esses surtos assim de vez em quando, mas já melhorou muito, sabe? É isso, não sei mais o que você quer saber...

Y: Eu gostaria só de agradecer, professora, foi ótimo. Eu sabia que ia enriquecer demais o meu trabalho.

ANEXO D – ENTREVISTA 03

Y: O que levou você a ser professora?

CF: O que me levou a ser professora foram muitas coisas, né, mas principalmente porque eu sempre gostei de estudar e em casa eu sempre fui muito incentivada à estudar e a minha mãe, ela dizia que eu tinha o dom pra ser professora (risadas). Eu não acredito muito nessa coisa de dom, né, para uma profissão, mas toda orientação que eu recebi me levou pra isso, né, eu fiz o curso de magistério, depois eu fiz da pedagogia, mas eu comecei muito cedo, por exemplo, no final do magistério que era também chamado “normal” ou “pedagógico” eu já lecionava, né, então, e quando eu fiz um concurso eu entrei cedo pra vida profissional, aí fiz um concurso na SEMEC e aí depois fiz um concurso na SEDUC e lecionava de primeira à quarta série e cursava pedagogia e ainda como aluna na pedagogia eu dava aulas das disciplinas pedagógicas no curso normal, porque era permitido naquela época que o aluno assumisse, deixa eu ver a denominação... aluno-professor, onde havia carência, então a gente era contratado pra dar aula no magistério, aí eu trabalhei em escolas particulares também com o magistério e esse foi o início, mas o que eu posso dizer é que houve um incentivo dentro de casa, apesar de que a minha mãe não era professora, mas acho que tudo, ela acabou me levando pra isso, né, pra assumir o magistério e até hoje eu não me arrependo de ter entrado na carreira do magistério, eu gosto muito, me dedico e foi assim.

Y: Você poderia contar como foi a sua relação com a educação no decorrer da sua vida?

CF: Olha, a minha relação com a educação é como eu te falei antes, eu sempre tive envolvida com a questão do magistério, mas já na universidade eu participava de movimentos, eu fui do DAC que era o diretório acadêmico do curso de pedagogia e isso me fez, essa participação no DAC me deu uma visão bem ampliada e junto a isso eu comecei a participar de alguns movimentos sociais voltados pra questão da educação, né, então a minha relação com a educação ela sempre foi muito ativa, né, e o que eu posso te dizer é que dentro desse movimento todo, com a educação eu acabei me envolvendo em outras questões, na questão política,

sempre voltada pra questão da educação, então é sempre assim eu posso até dizer que eu tive a oportunidade de ter muitas experiências, vivências, desde a época de estudante quando eu participava do projeto RODON, que era um projeto nacional em que foi uma coisa, era uma experiência maravilhosa que os estudantes tinham, uma oportunidade pra gente se aproximar da realidade em que nós iríamos enfrentar, depois de formado, então eu dava aula durante as operações, né, treinava professores, porque a gente tinha na época também, principalmente no interior do país, não é no interior do estado do Pará, a gente ia pra localidades em que muitos professores não tinham o curso normal completo, e essa realidade de lá se assemelhava a realidade daqui do Pará também, aqui de uma forma mais agravada, digamos assim, então a minha relação sempre foi essa, né, de estar em contato com os locais onde eu pudesse desenvolver, participar da educação, sempre fiz isso.

Y: Você pode falar um pouco da sua trajetória para se tornar professora universitária?

CF: Olha, a minha trajetória pra me tornar professora universitária é interessante, porque antes, é como eu te falei, eu trabalhava em escolas públicas de primeira à quarta série e também não só como professora, mas também como técnica, no caso eu tenho formação em supervisão, supervisão escolar e aí em um treinamento que eu participei eu conheci uma professora que na época era professora da UEPA, a professora Dinair Leal que hoje é um nome reconhecidíssimo no Brasil e aí ela viu o meu desempenho no curso e me convidou para trabalhar na época era FICOM, Faculdades Integradas Colégio Moderno depois passou pra UNESPA e depois finalmente passou pra UNAMA e isso era mais ou menos em 85 por aí, da UNAMA eu passei para a UFPA, eu fui cedida pelas duas secretarias que eu trabalhava, a SEMEC e a SEDUC, e através de um convênio de cooperação técnica e científica, eles me solicitaram e eu comecei a dar aulas lá na UFPA e depois eu fiquei muito tempo na UFPA sempre me incentivavam a fazer o concurso, mas eu não queria fazer, porque nesse período eu trabalhava na UNAMA, trabalhava na SEDUC e na SEMEC (risadas) e na UFPA eu teria que ser dedicação exclusiva e isso me impediu de fazer o concurso lá, na época eu tinha a especialização, então depois quando eu saí da UNAMA eu fiz o concurso pra UEPA e estou aqui até agora.

Y: Como você vê a mulher negra na docência na universidade?

CF: Boa pergunta... A mulher negra na universidade, ela tem um papel muito importante, embora se reconheça que muitas ainda não se aperceberam desse papel, principalmente da responsabilidade de mostrar a posição do negro na universidade, que não é uma coisa fácil, o acesso não é fácil, a permanência não é fácil, é, o país que se diz democrático, com uma democracia racial, a gente sabe que isso não existe, ainda há muita discriminação, muito preconceito e a universidade, principalmente a UEPA, ela precisa ter uma preocupação, aliás, a UEPA não, os professores, não é? Os professores negros da casa precisam se preocupar com essa questão, mas parece que para alguns isso aí passa alado, não é interessante, talvez haja até um pouco de medo, de receio, tanto que você vê aqui que não há, embora tenha muita gente que estude a questão do negro, mas não se percebe um trabalho muito forte nesse sentido, né, “ah, a colega discute a questão do negro, o colega tem pesquisa sobre o negro”, mas efetivamente a gente não tem nem conhecimento do resultado dessas pesquisas, desses trabalhos e não sei porque. Uma vez eu me lembro que eu fui convidada, aqui, para participar de um grupo, fiquei animada, porque eu pertencia ao Movimento Negro, no caso o CEDENPA e pertenço ao Movimento Negro Unificado, o MNU, que a sede é lá no Rio de Janeiro, e fiquei animada, mas a animação durou pouco, porque eu não sei o que aconteceu, mas as pessoas não marcavam reuniões, a Creuza que é uma pessoa que explora o tema ia e os outros não iam e isso enfraqueceu muito a ideia, a ideia, porque não houve nem condições, a gente formou um grupo, não chegamos à isso, haviam convites e tal, mas formar grupos, nós não chegamos a formar. Aqui, na UEPA, essa questão ela precisa ser bem discutida, diferentemente de outras universidades que a gente conhece e aqui mesmo, a UFPA, onde existem grupos que trabalham a questão, a UEPA, está como eu disse, a lado e a questão da discriminação aqui é muito forte eu mesmo, já fui discriminada várias vezes. Várias vezes. Agora eu sempre reagi, sempre, nenhuma das vezes eu deixei passar em branco. Mas, há uns dois anos atrás eu fiquei impressionada com uma situação vivenciada por um professor que foi discriminado por um grupo de alunos, porque os alunos não gostavam do cheiro do professor, e aí porque não gostavam do jeito como o professor se vestiam, não gostavam não sei do quê, enfim, mas tudo isso

porque o professor era negro e professava uma outra religião, então isso foi motivo pra que ele fosse discriminado, alvo de pilhérias, de brincadeiras e tal.

Y: Como você avalia a importância do sexo e da raça na construção da trajetória profissional?

CF: (risadas) Aí, é. Olha, é como eu já te falei antes, ser professor é difícil. E ser professor negro, ser professor e negro, é mais complicado ainda. Agora, eu considero que nós, professores negros temos uma responsabilidade muito grande de fazer com que as pessoas respeitem, principalmente, nos respeitem enquanto profissionais, não é? Essa responsabilidade está no agir, nas atitudes que devem ser tomadas. E a questão de ser, do gênero é, que tu perguntaste? A questão de gênero, o gênero ele é social, não é? E aí, enquanto social, cada um opta, faz a sua escolha, a gente não pode ficar “ah, porque o professor que tem uma outra orientação sexual é menos capaz que os outros e se ele for negro com uma outra orientação sexual ele é também muito discriminado, mas está em que este professor que tem uma outra orientação sexual, né, fazer valer aquilo que ele acredita, tendo um comportamento de acordo com as normas, porque acho que a grande dificuldade está em que as pessoas não se respeitam, não se fazem respeitar e isso aí independe também da questão de sexo, não é, a questão de gênero, desculpa, e da questão de cor, não depende disso, o importante é a gente ter uma postura adequada no que eu digo, mas é uma postura que seja condizente com o cargo que você tem, com base na moralidade, independente da orientação de cor, de raça, essas coisas assim.

Y: Quando você ouve a expressão “racismo velado”, o que vem na sua mente?

CF: Olha, o racismo velado a gente encontra toda hora, o negro, ele, impossível uma pessoa negra dizer que nunca foi discriminada, impossível isso. Bem, o velado, ele é pior. Ele é pior, porque é uma coisa muito sutil, né, e que as pessoas demonstram o racismo, a gente que tá acostumado a lidar com esse tipo de coisa, a gente percebe nas minúcias, não precisa ser, como a gente diz... escancarado, é num olhar, num sorriso, enfim, e é preciso coragem pra enfrentar isso no dia-a-dia, agora tem que se fazer, tem que se criar coragem e tem que se combater isso, eu

não digo que as pessoas precisem acatar, não precisam acatar, mas precisam respeitar, o respeito ele é imprescindível, agora se o cara vai acatar ou não, se gosta ou não, se vai tolerar, problema dele. Agora respeitar ele precisa.

Y: O que você pensa sobre a implementação das cotas raciais nas universidades?

CF: Eu sou a favor. Eu sou a favor. Eu acho que a educação ela precisa ser socializada, as oportunidades educacionais, elas precisam ser socializadas, e o negro ele passou por muito tempo a margem dessa socialização, então não vejo como a pessoa que entra na universidade como uma pessoa que fez um esforço menor, não, e eu considero até que esse esforço, porque as dificuldades são grandes com negro e pobre, eu graças a Deus não tive que, não tive dificuldades pra estudar, a minha família apesar de pobre, mas meu pai trabalhou muito, muito mesmo pra que eu tivesse boas escolas, tivesse condições de estudar, tivesse o meu material não precisasse trabalhar na infância ou na adolescência pra me manter na escola, graças à Deus tu tinha quem lutasse por mim, os meus pais fizeram isso. Eu entrei na universidade relativamente cedo, mas a minha situação enquanto pobre e negra, né, era diferente de muitas, muitos jovens negros e pobres que não tinham quem lutasse por eles. Considero as cotas uma justiça, justiça mesmo, porque nós estivemos sempre tão penalizados e tão afastados, foram negados tantos direitos pra gente que essa dívida felizmente está sendo resgatada. Então eu sou completamente a favor das cotas raciais.

Y: Como a senhora vê a questão do “ser mulher” na universidade? A senhora acha que existe alguma dificuldade ou facilidade por ser do sexo feminino?

CF: Pode repetir?

Y: Como a senhora entende a questão do “ser mulher”. Ser professora mulher.

CF: A docência, há muito tempo, ela vem sendo, como é que eu posso dizer... uma função, um trabalho que é exercido por mulher, por mulheres, isso na escola primária, a na escola básica é de uma forma, na universidade a mulher ela tem, é

impressionante, né, como a gente vê que existem os cursos dos homens, para os homens, a engenharia, a arquitetura, economia, em que a maioria são homens, os cursos de tecnologia e os cursos voltados para as mulheres, a pedagogia, a letras, os cursos de arte e assim, mas a docente ela é tão capaz quanto o docente, acho que é uma questão de capacitação mesmo, de preparo, porque dá pra gente trabalhar legal, independente de ser homem ou de ser mulher, tanto homem quanto a mulher são capazes de exercer a docência de uma forma brilhante até, então, mas ainda assim a gente percebe que em alguns cursos a professora, embora ela seja muito, muito capaz, ela tem alguma dificuldade em lidar com os alunos, os alunos do sexo masculino, até porque eles são também preconceituosos e as vezes na brincadeira eles deixam transparecer isso, é, tem uma coisa que uma vez eu ouvi muito de um aluno conversando com outro, falando sobre uma professora feia, eu fiquei, eu estava ouvindo e eu fiquei horrorizada, né, porque eles estavam comparando a professora feia com uma personagem da novela, mas era assim incrível, olha, eu nunca pensei que eu fosse ouvir uma coisa daquela na universidade e o papo tava muito animado e eu ouvindo lá, aí depois eu perguntei, eu interfeirei na conversa, eu fiquei incomodada... “não professora, a gente tá só brincando”, “mas isso não é brincadeira” embora eles não tivessem dominado a professora, mas era sabe, uma falta de educação, de machismo, um preconceito tão grande, agora imagina ser mulher e feia (risadas) na universidade, é para alguns, né, porque o conceito de beleza, é, mas os alunos eram muitos jovens e tal, tavam entrando, é complicado, mas eu acho que tanto o homem quanto a mulher, podem exercer a docência com muita dignidade, com muita competência.

Y: O que eu achei interessante foi que a senhora falou que participou do movimento negro, a senhora podia me contar um pouco mais da sua participação?

CF: Olha, a minha participação no movimento negro, na verdade, essa questão do negro, ela sempre foi trabalhada lá em casa, então, a minha mãe ela sempre esteve, assim, a frente do tempo dela, então essas questões de racismo ela sempre se indignava muito, ouvia, lia, minha mãe lia muito e uma coisa ela ficava falando pra gente: “nunca se deixe humilhar por causa da sua cor” ela repetia muito isso, e aí quando eu comecei a me envolver com outros movimentos, essa questão e aí tive a

oportunidade de conhecer algumas pessoas que trabalhavam a questão do racismo e aí eu fui para o CEDENPA, eu iniciei junto com o pessoal do CEDENPA e frequentei o CEDENPA por muito tempo, mas depois algumas coisas aconteceram e eu não concordava com isso e me afastei, mas junto com isso eu já participava do Movimento Negro Unificado e participava de encontros, de seminários, tinha o movimento nacional e tal, hoje eu participo menos, mas já fui uma ativista do movimento negro e eu acho que a gente tem que fazer isso, o negro precisa se reconhecer enquanto negro e trabalhar para que a gente tenha o respeito, se conquistou o respeito, é por aí que eu vejo.

Y: Bom professora, eu gostaria de agradecer, foi ótimo. Obrigada!

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: O ponto de vista Marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.

ALBABORNOZ, Suzana; CARRION, Conceição. **Na condição de mulher**. Santa Cruz do Sul: Faculdades integradas de Santa Cruz do sul, 1986.

AURÉLIO, Dicionário. Negro. In: **Dicionário Aurélio online**. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/negro>>. Acesso em 05 out. 2014.

AURÉLIO, Dicionário. Preto. In: **Dicionário Aurélio online**. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/preto>>. Acesso em 05 out. 2014.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 2ª edição. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

BEZERRA NETO, José Maia. Mercado, conflitos e controle social. Aspectos da escravidão urbana em belém (1860-1888). **História & Perspectivas**, Uberlândia 267-298, jul.dez.2009

BONETTI, Alinne de Lima; ABREU, Maria Aparecida A. **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Ipea, 2011.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei No. 9.394/96 comentada e interpretada, artigo por artigo**. 4a. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Avercamp, 2010

BRASIL, Constituição (1824). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

BRASIL. **Lei nº7.716, 5 de janeiro de 1989.** Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014b.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005.** Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

CAMPOS, Adriana Pereira; MERLO, Patrícia M. da Silva. Sob as bênçãos da igreja: o casamento de escravos na legislação brasileira. **Topoi**, jul/dez, 2005. V. 6, n. 11.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, 2003

CAVALCANTE, José Luiz. **A lei de terras de 1850 e a reafirmação do poder básico do estado sobre a terra.** São Paulo, s/a. Ed. 2. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

CEZERILO, Antonia Aparecida Quintão dos Santos. Irmandades Negras: estratégias de resistência e solidariedade. **Mídia etnia: educação e comunicação.** Distrito Federal, 2010.

COIMBRA, Adriene Costa de Oliveira. A contação de histórias e o fazer literário africano em um rio chamado tempo, uma casa chamada terra de Mia Couto. **Evidência**, Araxá, nº 4, p.15-26, 2008.

CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos; REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. **Avaliação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 93-106, jul. 2010.

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: O início de uma reparação histórica. **Espaço aberto**, maio/ ago, 2005. Nº 29.

_____. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista tempo**. Paraná, 2007.

FORMIGA, Nilton S.; GOLVEIA, Valdiney V.; SANTOS, Maria Neusa dos. Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. **Psicologia em Estudo**, v.7, n1. jan/jun, 2002.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

GILES, Thomas Ranson. **História da Educação**. São Paulo: EPU, 1937.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política e Sociedade**. v.10. n18. Minas Gerais, 2011.

_____. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe**, 1996.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, 1984. Aponcs, p. 223-244.

IBGE, Censo demográfico. **Estatísticas de Gênero**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**. v. 19, n. 2 - maio/ago. 2008

MAZZUCO, Neiva Gallina; SILVA, Sérgio Almeida da.. História e políticas de educação no Brasil império. **2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil**. Cascavel, 2005.

MUNANGA, Entrevista de Kabengele. **Estudos Avançados**. vol.18 n. 50. São Paulo Jan./Apr. 2004

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira Do. **Histórias de vida de professoras negras: trajetórias de sucesso**. 2012. 85f. Dissertação de mestrado – Instituto de Educação - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**. vol.18 no.50. São Paulo Jan./Apr. 2004

OSORIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília, 2003.

PAIXÃO, Marcelo (org).**Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil 2009-2010**. Constituição Cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça. LAESER / IE / UFRJ, 2010.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **Movimento negro brasileiro: aspectos da luta por educação e pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil” ao longo do século XX**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo, jul/2011.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, 1996, vol. 2, n.º. 3, p. 7-33.

RIBEIRO, Jullyane Carvalho. **Só corpo, sem mente: direitos reprodutivos, imaginário social e controle sobre os corpos das mulheres negras**. Brasília: Volume, 2012.

ROCHA, José Geral da. **De preto à afrodescendente**: Implicações terminológicas. Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2. s/a.

SALLES, vicente. **O negro no Pará**. Sob o regime da Escravidão. Ed. 3. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2005.

SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação** - nº. 4 - jan./dez. 2005 .

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Traduzido por Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.

_____. **O enigma da igualdade**. Tradução por Estudos Feministas. Florianópolis, jan-abr, 1999.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2014**. Os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: Flasco Brasil, 2014.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação Popular**: metamorfoses e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

YZALÚ. **Mulheres negras**. Disponível em: <[HTTP://www.lettras.terra.com.br](http://www.lettras.terra.com.br)>. Acesso em: 11 nov. 2014.